4A
16
13
23

F01-4-33-2-31

HA
16
13
23

THEOLOGIA

V Theologos

2 — Theologia moral

De João Pedro Ribeiro.

4A
16
13
23

PARECER

SOBRE

OS CHAMADOS ACTOS

DE FÉ,

ESPERANÇA, E CHARIDADE,

E OS DE OUTRAS

VIRTUDES CHRISTANS.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
54340

COIMBRA:
Na Real Imprensa da Universidade.

Anno de 1798.

Com licença da Meſa do Deſembargo do Paço.

Exercitatio animæ in Fide, Spe, & Charitate, facit eum (Christianum) idoneum capere, quod venturum est.

S. August. Serm. 4. n. 5.

O exercicio da Alma na Fé, na Esperança, e na Charidade faz, com que o Christaõ se faça digno, e capaz dos bens futuros.

S. Agost. Serm. 4. n. 5.

Qui hæc legens dicit: Intelligo quidem, quid dictum sit, sed non vere dictum est: *offerat, si placet, sententiam suam, & redarguat meam, si potest. Quod si cum charitate, & veritate fecerit, mihique etiam (si in hac vita maneo) cognoscendum facere curaverit, uberrimum fructum laboris hujus cepero. Quod si mihi non potuerit, me volente ac libente præstiterit.*

S. Aug. Lib. de Trinit. n. 5.

Aquelle que estiver lendo este Escrito, e disser: *Percebo muito bem o que nelle se quer dizer, naõ he porem verdadeiro o que nelle se diz*: defenda muito ambora o seu parecer, e refute, se pode, o meu. E se assim o fizer com charidade e verdade, e mo cõmunicar (caso que ainda viva) eu darei por muito bem empregado este meu trabalho. Que se mo naõ puder communicar, he do meu agrado e vontade tudo o que daquelle modo fizer.

S. Agost. Liv. da Trind. n. 5.

PARTE PRIMEIRA.

Da neceſſidade e do uſo dos chamados Actos de Fé, Eſperança, Charidade, e dos de outras virtudes Chriſtans.

§. 1.

Quaõ importante ſeja o acclarar, e bem eſtabelecer eſte ponto da Doutrina Chriſtãa.

A FE', a Eſperança, e a Charidade ſaõ a raiz, o alimento, o apoio, a fórma, e o valor de todas as obras, palavras, e penſamentos ſantos dos Chriſtãos; pois ſem a Fé, Eſperança, e Charidade naõ ſe pode, como ſe deve, vencer o peſo da concupiſcencia, que nos arraſta a obras, palavras, e deſejos vicioſos; porem nem ainda aquillo meſmo, que julgamos obrar, penſar, e dizer, levados do principio natural do que he honeſto, nós o fazemos, penſamos, e dizemos chriſtãmente, e com direcçaõ á vida eterna; antes as mais das vezes tudo aquillo vai viciado com os depravados fins da vãa gloria, do intereſſe, ou da propria complacencia: pelo contrario por meio daquellas virtudes, principalmente quando ſaõ grandes e adultas, o homem ſe levanta acima de ſi; e

vindo a ſer hum homem novo, entaõ obra, penſa, e falla ſegundo Deos quer, animado de huma verdadeira juſtiça e ſantidade. A' viſta diſto bem ſe vê que nada ha, que ſeja mais intrinſeco, e eſſencial á vida Chriſtãa, do que o exercicio deſtas virtudes theologaes; as quaes, fallando propriamente, ſaõ as que conſtituem a ſua vida, e eſpirito.

Só eſta conſideraçaõ baſta para moſtrar, quaõ louvavel ſeja o deſvelo verdadeiramente paternal e paſtoral daquelles grandes Prelados da Igreja de Deos, que com inſtancia e extraordinario zelo recõmendaraõ aos Paſtores da ſegunda ordem, como tambem aos outros Miniſtros da palavra divina, o enſinarem aos povos, e inculcarem-lhes com todo o cuidado o exercicio deſtas virtudes, muito principalmente neſte tempo, em que vemos quaõ resfriada ſe acha a charidade de muitos, quaõ debil o lume da fé, e quaõ enfraquecida a eſperança dos bens eternos. (*a*).

Porem iſto moſtra, ao meu ver, quaõ importante ſeja que os Parrocos, e os Pregadores eſtejaõ cabalmente inſtruidos em huma materia taõ intereſſante, e que he o amago da Moral Evangelica. Com effeito, como poderá ſer ajudada e conſolada a charidade dos noſſos Santos Prelados, em hum ponto taõ eſſencial, pela diligencia e trabalhos, ainda os mais inceſſan-

(*a*) Vejaõ-ſe as Encyclicas de Benedito XIV aos Biſpos de Italia em 7 de Fevereiro de 1742, §. 18, e em 26 de Junho de 1754, §. 4; e o Decreto da Sagrada Congregaçaõ das Indulgencias em 28 de Janeiro de 1756, impreſſo no fim do Catheciſmo da Igreja de Breſcia por baixo das Fórmulas dos Actos das Virtudes Theologaes, copiadas das que ſe imprimiraõ em Roma a 16 de Maio de 1764, por ordem de S. Eminencia o Cardeal Molini, Biſpo vigilantiſſimo.

fantes, dos Parrocos, e dos Pregadores; ſe eſtes naõ tiverem mais que huma idea ſuperficial e confuſa da ſolida doutrina das Eſcrituras, dos Padres, e da Igreja neſta materia? Se naõ tiverem a verdadeira chave deſte, para aſſim o dizer, miſterio do novo Teſtamento, para entrarem nelle, naõ ſó elles, mas tambem fazerem entrar os povos, que regem? Eu, pela eſtimaçaõ que faço dos Paſtores, e Pregadores, eſtou certo que a maior parte delles poſſuem abundantemente a doutrina e luzes neceſſarias: Porem ainda que me vieſſe ao penſamento o recear, que em alguns delles faltaſſe alguma luz mais clara, e algumas ideas mais ſolidas e exactas neſta materia; todavia creio, que ainda aſſim naõ ſerei reprehendido por aquelles que reflectirem, que devendo muitos dos Paſtores e Pregadores recorrer aos Livros dos Theologos Eſcolaſticos, que tratаõ deſta materia, para alli ſe inſtruirem nella ſegundo o methodo das Eſcólas; he impraticavel que alli naõ encontrem aquella meſma obſcuridade, que os meſmos Theologos Eſcolaſticos encontraraõ em huma tal materia; e que poriſſo vieraõ a ſer taõ diſcordes nos ſeus pareceres, que (como já advertio o celebre Lambertini, entaõ Cardeal Arcebiſpo de Bolonha, e ao depois com tanta utilidade da Igreja Paſtor univerſal da meſma, na Notificaçaõ 72, n. 22) *naõ ha talvez outra queſtaõ na doutrina moral, em que tanto entre ſi foſſem contrarios os Authores.*

Poriſſo hei ha muito tempo deſejado, que algum Theologo verdadeiramente douto, emprendeſſe acclarar eſte ponto, e procuraſſe deſvanecer por huma vez a cauſa daquella obſcu-

ridade, que faz com que os Escolasticos sejaõ taõ discordes nesta materia; e que desembaraçando-a de todas as disputas, a fizesse clara, luminosa, plana, e intelligivel ao Povo para a sua verdadeira, completa, e, quanto possivel fosse, util instruçaõ. E porque naõ me tem chegado á noticia que haja algum, que o tenha feito, ou o intente fazer; poriſſo procurei fazelo, como milhor pudesse, expondo nesta materia os meus pensamentos, naõ como doutrina, (pois naõ chega a minha presumpçaõ a tanto, que cuide tenha posses para ensinar os que saõ Mestres em Israel) mas por fórma de *Parecer*, o qual naõ sómente sujeito ao infallivel juizo da Santa Madre Igreja, na qual intento viver e morrer como filho obediente, mas tambem a todo o Theologo illuminado, e zeloso da divina gloria.

§. II.

Obscuridade, que se encontra nos Theologos Escolasticos sobre este ponto.

NAÕ ha cousa taõ recõmendada, quasi em todas as paginas da Sagrada Escritura, e especialmente nas do Novo Testamento, e tambem nos Padres, nos Concilios, e em todos os mais respeitaveis Monumentos da Santa Igreja de Deos, do que o he o exercicio da Fé, Esperança, e Charidade; e por tanto parece, que tantas e taõ divinas luzes, por toda a parte espalhadas, deveriaõ ter aclarado esta materia de modo, que nenhuma se devia achar nos Theologos, que fosse taõ luminosa, clara, e assentada. E com tudo ainda agora ouvimos dizer

ao grande Lambertini, *que talvez naõ haja questaõ alguma na doutrina moral, em que tanto fossem entre si contrarios os Authores.* Depois de hum tal testemunho he escusado entrar na miuda relaçaõ das opinioens differentes, em que se dividiraõ os Escolasticos acerca deste ponto. Isso naõ obstante daremos dellas huma amostra, para se ver quaõ necessario seja o pôr em claro hum artigo taõ fundamental.

Antes das condenações feitas por Alexandre VII, Innocencio XI, e Alexandre VIII, os Escolasticos, como todos sabem, haviaõ cahido em erros vergonhosos. Entre elles houve quem affirmou, naõ ter o homem, em todo o decurso da sua vida, obrigaçaõ alguma de fazer hum só Acto de Fé, Esperança, e Charidade, em virtude dos preceitos divinos, que dizem respeito destas virtudes (*a*): e que ninguem estava obrigado a amar a Deos seu ultimo fim, nem no principio, nem no decurso da sua vida mortal (*b*). Outro pensou, que se naõ devia, sem mais nem mais, condenar a peccado mortal aquelle, que em toda a sua vida fizesse só hum Acto de amor de Deos (*c*): Que pelo que toca a Fé, dessa naõ ha preceito especial, em quanto a ella (*d*): Que ao muito basta fazer hum Acto de Fé na vida (*e*): Que basta ter crido huma vez nos Misterios da Trindade, e da Incarnaçaõ (*f*): Que por outra parte he capaz de absolviçaõ aquelle, seja qual for a sua ignorancia a respeito destes misterios, ainda que o seja com negligencia culpavel (*g*): Que pelo que

(*a*) Prop. 1. cond. por Alex. VII. (*b*) Prop. 1. cond. por Alex. VIII. (*c*) Prop. 5. cond. por Innoc. XI. (*d*) Prop. 16. cond. por Innoc. XI. (*e*) Prop. 16. cond. por Innoc. XI. (*f*) Prop. 65. cond. por Innoc. XI. (*g*) Prop. 64. cond. por Innoc. XI.

reſpeita ao preceito do amor divino, eſſe naõ obriga, ſenaõ quando precizamos de nos juſtificar, e naõ temos para iſſo outro caminho (*a*): Que finalmente ao muito obriga cada cinco annos, mas que he provavel que naõ haja preceito rigoroſo, nem ainda em cada quinquennio (*b*).

Com tudo naõ era antiga eſta cegueira dos Eſcolaſticos. Veja-ſe o Azor, o qual juſtifica os Antigos, ao meſmo tempo que refuta os ſeus pareceres (*c*). Confeſſa que S. Thomaz enſina, obrigar o preceito do amor divino deſde o primeiro uſo da razaõ: Que ſegundo Scoto, Angelo, e Tabiena aquelle preceito obriga em todos os Domingos: Que ſegundo Soto obriga quando recebemos algum inſigne beneficio de Deos, e quando hum adulto recebe o Baptiſmo: Que ſegundo outros obriga no tempo de graves tentações, e ſegundo outros á hora da morte: Que ſegundo alguns obriga quando ſe recebe, ou ſe adminiſtra algum Sacramento, e com particularidade o da Euchariſtia. Naõ goſta do rigor deſtes, e conclue com o ſentimento da ſeptima propoſiçaõ condenada por Innocencio XI, eſtendendo-a tambem aos Actos de Fé, e Eſperança, poſto que mais acima (*d*) houveſſe fallado com mais moderaçaõ. Porem depois que ſe introduzio o Probabiliſmo foi muito difficultoſo, ainda depois das condenações feitas por Alexandre VII e Innocencio XI, o voltarem alguns Eſcolaſticos á ordem. Veja-ſe a condenaçaõ que fez Alexandre VIII no anno 1690 da referida propoſiçaõ; e veja-ſe tambem a cenſura do Cle-

ro

(*a*) Prop. 7. cond. por Inn. XI. (*b*) Prop. 6. cond. por Innoc. XI. (*c*) Inſt. Mor. P. 1. L. 9. c. 4. q. 1. (*d*) L. 8. c. 7. q. 6.

ro Galicano em 1700, e eſpecialmente a que fez ás propoſições 20, e 21; e a Carta do Cardeal Paſſionei ao P. Concina eſcrita em 22 de Dezembro de 1742, impreſſa no n. 4 no Appendix á Vida do meſmo P. Concina; e baſte, pois naõ goſto muito de ler, e muito menos de comprar os livros dos Probabiliſtas.

No tempo preſente, em que as materias Theologicas ſe tratãõ com maior luz e dignidade, tem-ſe horror daquellas propoſições. Os Theologos, que tomaõ por guia, naõ a razaõ humana por ſi fraca, e alem diſſo obſcurecida pelas paixoens, mas ſim a luz das Santas Eſcrituras, e dos Padres, procuraõ affaſtar-ſe daquellas relaxaçoens. Iſſo naõ obſtante, caminhaõ ainda aſſim com tanta incerteza neſta materia, que delles naõ ſe pode deduzir hum reſultado claro, preciſo, e determinado.

O P. Viva na ſua Trutina das propoſiçoens condenadas (*a*), conclue que devemos procurar fazer *baſtantes vezes* eſtes Actos. *Devemos*, diz elle, *procurar fazer muitas vezes eſtes excellentiſſimos Actos*. Porem ſe lhe perguntarmos *quantas vezes*, naõ ſabe dizer-nos couſa certa. Eſtabelece ſim, que os devemos fazer no principio da vida, *com tanto que advirtamos neſta obrigaçaõ* (*b*), (condiçaõ notavel!) e tambem no fim da vida. Porem pelo que reſpeita no decurſo da vida, traz varias opinioens; a ſaber, a de alguns que os mandaõ fazer em todas as Feſtas; a de outros, que ſó muitas vezes no anno; e a de outros que dizem baſtar fazelos em

(*a*) Prop. 1. Alex. VII n. 7. *Ad hos præſtantiſſimos actus eliciendos ſæpe conari debemus.*

(*b*) Ib. *Dummodo homo ad hanc obligationem advertat.*

em cada triennio. Elle porém encoſta-ſe ao Soares, que deixa iſto *ao arbitrio de varaõ prudente*; com tanto porém que ſe naõ deixem de fazer por *muito dilatado tempo*; porque, conclue o P. Viva (*a*), *ninguem pode deixar de os fazer por muito longo tempo ſem culpa grave*. Do que vemos, que a expreſſaõ de *muitas vezes* (fæpe) do P. Viva, quer dizer o naõ ſe deixarem de fazer *por muito longo tempo* (diutiſſime).

O Senhor Genneto, que na ſua bella obra, taõ louvada, e recõmendada por Clemente XI, coſtuma, alem da ſolidez da doutrina, fallar com tanta clareza, neſte ponto, de que tratamos, nada mais acclara. Contenta-ſe com a expreſſaõ confuſa e ſecca de *muitas vezes* (fæpe.) (*b*).

O Cardeal Gotti, citado pelo grande Lambertini na ſobredita Notificaçaõ, falla com alguma maior individuaçaõ. *Naõ taõ ſõmente huma vez no anno*, diz elle, *mas frequentemente dentro do anno* (*c*). Porem deixa-nos ainda duas obſcuridades. A primeira he no ſeu *frequentemente dentro do anno*, que faz naſcer o deſejo de lhe perguntar, *quantas vezes*; pois trata-ſe de peccado mortal: e a outra obſcuridade he, porque naõ propõe a ſua opiniaõ como certa, mas ſõmente como *mais ſegura, e provavel* (*d*).

O Antoine bom Theologo, e juſtamente propoſto por Benedicto XIV para por elle ſe ler no Collegio *da Propaganda*, aponta varios caſos, em que o preceito deſtas virtudes obriga naõ

(*a*) lb. *Nemo poteſt citra gravem culpam diutiſſime eos negligere.* (*b*) Tom. 6. c. 1. q. 10. e cap. 3. q. 6. (*c*) *Non ſemel in anno, ſed frequenter intra annum.* (*d*) *Ita tutius, & probabilius.*

naõ ſó *por ſi*, mas *por accidente*, os quaes, por brevidade, ſe podem ler no ſeu Tratado das *Virtudes Theologicas* (*a*). Porem pelo que toca, ao ponto de que ſe trata, naõ nos diz outra couſa, ſenaõ que os Actos de Fé e Eſperança ſe devem fazer *muitas vezes no decurſo da vida* (ſæpe); e os de Charidade *muitiſſimas vezes* (ſæpiſſime). E aſſim naſce outra vez a duvida natural, de *quantas vezes*; mas elle nos adverte, que iſto *naõ ſe pode facilmente determinar*; e que o Cardenas diz que ha eſſa obrigaçaõ *por todo o mez*: e que o meſmo Cardenas julga naõ ſer deſprezivel o ſentimento de Scoto, que obriga em todas as Feſtas: e que o Soares remette iſto ao *arbitrio de varaõ prudente*. Beſombes, outro bem digno Theologo, no lugar (*b*), onde trata das Virtudes Theologaes, tambem aponta varios tempos, em que obriga o preceito deſtas virtudes, e em que ſe devem fazer os actos dellas; porem aquelles tempos naõ ſaõ os meſmos inteiramente, que outros aſſinaõ; o que deixo de referir, para me naõ dilatar na miudeza das contrariedades, que neſta materia ſe encontraõ nos Doutores. Porem vindo ao ponto de *quantas vezes*; naõ acho nelle outra couſa mais do que, a reſpeito da Fé, a expreſſaõ obſcura de *frequentemente* (*c*): e pelo que toca á Charidade, naõ condena a peccado ſenaõ aquelles, que *paſſaõ grande parte da vida, ſem fazerem acto algum de Charidade*. E aſſim he bem contrario ao *muitiſſimas vezes* (ſæpiſſime) do Antoine, como tambem aos mais, que ja referimos. Refere todavia como opiniaõ de muitos, ſegura, e que ſe de-

(*a*) Part. 1. c. 1. q. 4. e P. 2. q. 3. P. 3. c. 1. art. 1. q. 3.
(*b*) Tom. 1. Tract. 5. & 7. (*c*) Ib. conſect. 10.

deve aconſelhar na pratica, que o preceito do amor divino obriga 1.º em todas as Feſtas: 2.º quando ouve Miſſa aquelle, que ſe acha com affecto ao peccado mortal: 3.º quando ſe emprende alguma obra de grande importancia.

Natal Alexandre (*a*) na Regra nona diz, que o preceito deſtas virtudes obriga *naõ ſomente huma vez na vida, mas muitas vezes* (ſæpius), o que dá em bem raras vezes; iſto porem he fóra dos caſos aſſinados nas ſeguintes Regras; como he o caſo da preparaçaõ para a Juſtificaçaõ, ainda com o Sacramento, como ſe vê na Regra 10; o de receber a Euchariſtia, na Regra 11; nas tentaçoens contra eſtas virtudes, na Regra 12; e ainda nas mais tentaçoens, na Regra 13; e na hora da morte, na Regra 14. Por eſte meſmo modo falla, quando trata da Eſperança em particular, como ſe vê no Artigo 9, Regra 1. Fallando porem em particular da Charidade, falla mais forte no Artigo 10, Regra 4. Defende alli, que o homem eſtá obrigado a fazer actos della, *quanto mais frequentiſſimamente puder*; do que ſe vê, que eſta expreſſaõ he mais vehemente que o *muitiſſimas vezes* (ſæpiſſime) do Antoine, e emprende provalo no §. *Finalmente* (*Denique*) ate ao fim.

Eſperava-ſe que o celebre P. Concina, que eſcreveo muito depois, e trabalhou muito na Moral Chriſtãa, deſembaraçaſſe ſemelhantes contrariedades. Porem nem ainda delle meſmo podemos tirar as luzes, de que precizamos. Em quanto á Fé naõ ſe atreve a fallar claramente, ſe temos obrigaçaõ de fazer actos della

(*a*) Theol. Mor. L. 4. c. 3. art. 8.

la mais de huma vez por anno, fóra dos caſos particulares que aponta, e ſaõ os da hora da morte, e os das tentaçoens contra a Fé. „ Re- „ ſpondo, diz elle (a), que *ao menos huma vez* „ *no anno* tem obrigaçaõ os fieis de fazerem acto „ de Fé *per ſe* . . . Diſſe *ao menos* . . . porque „ naõ me atrevo, em virtude do preceito, a „ decidir, que haja obrigaçaõ de huma mais „ frequente repetiçaõ de actos. „ Em quanto á Eſperança (b), ainda ſe moſtra mais irreſoluto. „ Confeſſamos, diz elle, que pelo que to- „ ca ao tempo, (em que ha obrigaçaõ de fazer „ actos de Eſperança) eſſe naõ ſe acha clara- „ mente determinado nas Eſcrituras; poriſſo „ encoſtamonos ao commum ſentimento dos „ Theologos, que dizem obrigar eſte preceito „ aſſim que raia a luz da razaõ, e que ao depois „ ſe devem repetir frequentemente os actos de „ Eſperança. „ E aſſim nem ainda aqui temos a expreſſaõ *de huma vez no anno*. Porem no numero ſeguinte acreſcenta *huma vez por anno* com o ſeu coſtumado *ao menos*, e de mais a mais aponta o caſo de morte. Eisaqui temos, pelo que toca á Fé, e Eſperança, a expreſſaõ *de huma vez no anno*, bem contraria á *de naõ ſó huma vez, mas frequentemente pelo anno* do Cardeal Gotti. Chegando porem o P. Concina á materia da Charidade, faz-ſe, como Antoine e Natal

(a) *Reſpondetur, ut minus ſemel in anno teneri fideles aliquem fidei actum per ſe exercere . . . Dixi ut minus . . . hanc tamen frequentiorem actuum repetitionem vi præcepti definire non audeo.* Tom. 1. L. 1. in Decal. Diſſ. 1. de Fide, c. 11. n. 7. q. 8.

(b) *Fatemur & nos tempus iſtud non deſignari aperte in Scripturis, idcirco dicimus communi inhærendo ſenſui Theologorum, quod hoc præceptum urgere decernant, dum primo affulget rationis lux; & poſtea frequenter repeti ſpei actus debet.* Diſſ. 3. de Spe, c. 2. n. 13.

tal Alexandre, mais severo (*a*). Refere os Authores, que depois de Scoto põem a obrigação dos Actos de Charidade em todas as Festas: Porem esta sentença para elle não he certa, mas sim *muito provavel*: mas pensando mais, quasi se arrisca a chamar-lhe *mais provavel* (*b*): por fim fondando mais as provas, emprende o da-la pela unica opiniaõ verdadeira. „ Com effeito, „ diz elle, naõ ha outro modo de explicar nem „ mais benigna, nem mais verisimilmente hum „ preceito inculcado com tanta efficacia, do que „ dizendo, que elle obriga em todas as Festas „ (*c*) . . . o que se verá claramente se se consul- „ tarem as Escrituras, os Padres, a mesma ra- „ zaõ, e se a cada hum destes argumentos se „ lhe tomar bem o peso. „ . . Torna porem a hir com tento: porque se vê no perigo de dar no rigorismo, que sem rebuço algum lhe tem sido imputado pelos seus adversarios: o que os seus mesmos adversarios tem esquadrinhado nos seus livros com bem pouco successo. „ *Se neste tempo*, diz elle mais abaixo (*d*), „ *hum Author chega a ser diffamado por muito ri-* „ *guroso*, ainda que o seja por huma só unica „ opiniaõ, que elle defenda; logo todas as suas „ obras entraõ no perigo de serem infamadas „ do mesmo rigorismo. „ Por isso torna a mo-

di-

(*a*) Diss. 4. de Charitate, cap. 9. n. 10.

(*b*) *Quasi dicerem probabiliorem esse.*

(*c*) *In qua benigniore, unaque verisimiliore explicatione interpretari valemus præceptum tanto studio inculcatum, quam si dixerimus semel singulis hebdomadibus implendum esse . . . Sane si Scripturæ, si Patres, si ratio, & cujusque generis momenta consulantur.*

(*d*) *Si hac tempestate Auctor quispiam nimii rigoris reus traducatur, vel ob unam opinionem, illico omnia illius opera in discrimen adduci, & ejusdem rigorismi nota sugillari solent.* cap. 10. n. 14.

dificar hum ſentimento, que elle tanto havia adoptado. *Por iſſo*, diz elle (*a*), *ſou de parecer que ſe deve moderar eſte meu parecer*. Eisaqui pois como elle o modera. *He precizo*, diz elle (*b*), *reduzir a obrigaçaõ de amar a Deos* (que havia extendido a todas as Feſtas) *a todos os Domingos tamſomente*.,, Moderemo-la ainda, ,, continua elle, mais hum pouco (*c*). Eſta obri- ,, gaçaõ naõ a determino de tal ſorte ao dia do ,, Domingo, que ſe naõ poſſa ſatisfazer a ella ,, em outro qualquer dia da ſemana. Pois, como ,, ja diſſe, baſta huma vez na ſemana.,, Iſto naõ obſtante, ainda eſte ingenuo e douto Theologo naõ acaba de ficar ſatisfeito com a ſua opiniaõ. Por iſſo conclue (*d*): ,, Iſto he o que nos ,, parece mais provavel, quem tiver couſa mi- ,, lhor, pode comunica-la . . . Todavia torno ,, a repetir, que tudo iſto o ſujeito ao juizo, e ,, parecer dos homens ſabios. ,, De tudo iſto vemos, que eſte meſmo celebre Eſcritor ficou ſempre ſuſpenſo, e perplexo na deciſaõ do ponto, de que tratamos.

§. III.

He precizo inquirir ſobre a cauſa deſta obſcuridade, para a tirar.

E NAÕ he bem eſtranha eſta taõ grande contrariedade, que vemos entre todos os Doutores?

(*a*) *Hinc temperanda mihi videtur ſententia hæc.*
(*b*) *Dico ſatisfieri præcepto, ſi ſingulis dominicis Deus diligatur.*
(*c*) *Non ita illigo obligationem præcepti diei Dominico, quod non poſſit altera hebdomadæ die præcepto ſatisfieri. Quoniam, ut dixi, ſemel in hebdomada ſufficit.*
(*d*) *Hæc nobis probabilia videntur; qui meliora habet, promat. Verum tamen inculco, me hæc omnia ſapientium judicio ſubjicere.*

res? Acaſo naõ eraõ elles homens grandes, e conſumados na Theologia? Eraõ certamente; pois aſſim o moſtraõ as ſuas obras cheias de penetraçaõ, e doutrina. Seria talvez a queſtaõ, de que ſe trata, de pouca valia, para ſe dizer que elles naõ ſe empregaraõ nella com toda a ſua reflexaõ? Porem a queſtaõ, de que ſe trata, encerra o amago, e a eſſencia do Chriſtianiſmo, como ſe eſtá vendo, e tem exhaurido as ſuas mais ſerias applicaçoens; muito principalmente depois da condenaçaõ das propoſiçoens, que acima referimos. Seria talvez, porque as Eſcrituras, os Padres, e os Concilios naõ tocaõ, ſenaõ muito raras vezes, neſte ponto, e que porisſo naõ tenhaõ podido os Theologos alcançar todas as luzes ſufficientes, para a pôrem em toda a ſua clareza? Antes pelo contrario, como toda a ſubſtancia da Religiaõ Chriſtãa ſe reduz ao exercicio deſtas virtudes, poriſſo tambem naõ ha couſa, de que ſe achem mais cheias as Eſcrituras, os Padres, e os Concilios. He pois huma queſtaõ bem digna de ſer examinada: Procurar qual ſeja a origem deſta obſcuridade, que tem envolvido em tantas trevas huma materia, que he taõ fundamental no Chriſtianiſmo; para que em fim, diſſipada huma tal obſcuridade, venhamos a ver concordada a authoridade e a razaõ, concordados entre ſi os Doutores, e fique clara, e expedita eſta doutrina: e aſſim venhamos a conſeguir, que os Paſtores das Almas, e os Pregadores tenhaõ hum ſó modo de fallar, natural, plano, e fixo, para inſtruirem os ſeus povos em huma taõ grande, e importante obrigaçaõ.

E ſerá poſſivel deſcobrir a cauſa deſta obſcu-

curidade? E porque naõ? O Apoſtolo deſeja que os fieis recebaõ ſobre a doutrina de Jeſus Chriſto luzes taõ claras, que cheguem a comprehender nella, qual ſeja a ſua largura (a) e comprimento, a ſua ſublimidade e profundidade. Naõ he pois impoſſivel o acclarar a doutrina de Chriſto neſte meſmo e taõ eſſencial ponto, em que eſtamos. E aſſim, poſto que ſeja couſa difficultoſa, ſerá com tudo louvavel todo o trabalho, que niſſo ſe empregar. O que he preciſo tamſomente he, o pedir com S. Paulo as luzes ao Pai celeſtial, que he quem ſó pode fazer fructuoſos os noſſos esforços. Peloque ſendo huma obra boa o trabalhar em acclarar a doutrina Evangelica nos pontos da maior importancia; eu poſſo ſem temeridade eſperar, que o Pai das luzes, que tem começado em mim a boa obra, dando-me a idêa, e o penſamento para a emprender; e alem diſſo o animo e vontade de trabalhar nella, hade querer tambem aperfeiçoala, inſpirando-me o modo de o conſeguir. Poriſſo, aindaque confeſſo ſer o ultimo de todos os Theologos, e que ſou hum Pygmeo a reſpeito dos Gigantes, comparando-me com os Theologos, de que acima fallei; quero todavia expor o meu projecto, o qual ſe ſortir bem, como eſpero, ſeja Deos louvado; ſenaõ, elle receba a minha boa vontade.

(a) Ad Eph. c. 3. v. 18.

§. IV.

A lingoagem peripatetica das Escólas he a cauſa deſta obſcuridade.

E ISAQUI pois como eu penſo, que iſto ſoi. Penſo que toda a obſcuridade naſce da lingoagem equivoca das Eſcólas, e da qual ſe ſervem os Theologos, quando tratáõ deſta materia.

He ja queixa antiga, feita pelos homens os mais doutos, e que na Theologia tem viſto as couſas com mais penetraçaõ; de que a lingoagem peripatetica, que ſe introduzio nas Eſcólas, tem embrulhado baſtantemente muitas materias Theologicas, as quais ſem iſſo ſe entenderiáõ muito facil e naturalmente. Todavia naõ ſe deve poriſſo condenar geralmente a Theologia Eſcolaſtica, nem tambem á carga cerrada os Theologos Eſcolaſticos. Deixemos huma tal cenſura para Lutéro, e para os mais hereges; *os lobos*, como gracioſamente diz o Cano, *ſentem-ſe dos caens*. O methodo exacto, a brevidade, e o uſo moderado da Dialetica, ſaõ couſas ſem duvida louvaveis; ora ſendo iſto a ſubſtancia da Eſcolaſtica, ninguem pode duvidar que ella ſeja louvavel, util, e em certo ſentido neceſſaria. Porem aſſim como os Sabios, e ainda hoje todos os Theologos, reprehendem com razaõ nos Eſcolaſticos de certo tempo a inutilidade de muitas queſtoens frivolas, e a omiſſaõ das mais ſolidas e ſubſtanciaes; como tambem os fracos argumentos, que elles deduziáõ das ſubtilezas peripateticas, e da authoridade de Ariſtoteles; e o muito pouco uſo que faziáõ

das

das Eſcrituras, dos Padres, dos Concilios, das Liturgias, e da Hiſtoria Eccleſiaſtica: aſſim tambem ha homens prudentes e doutiſſimos, que com razaõ julgaõ poderem deſejar, que houveſſe huma lingoagem, que naõ foſſe peripatetica, mas ſim conforme á da Eſcritura, dos Padres, dos Concilios, e das Liturgias, a qual he tambem a natural e popular. Gregorio IX Pontifice Romano, no Seculo XIII, advertio egregiamente hum e outro inconveniente na Theologia Eſcolaſtica dequelle tempo, na ſua celebre Carta aos Doutores, e Eſtudantes da Univerſidade de Paris ,, na qual naõ ſó lhes ,, prohibe o tratarem de queſtoens inuteis, man- ,, dando que ſe exercitem naquellas, que ſe po- ,, dem decidir pela Eſcritura Sagrada, e pelos ,, Livros dos Padres, mas tambem lhes manda ,, que uſem de huma lingoagem, que naõ ſeja ,, propria dos Filoſofos, mas ſim conveniente ,, aos Theologos, ſem fallarem, como diz a ,, Eſcritura, *com huma voz differente, e lingoagem* ,, *eſtranha ao povo*, miſturando e confundindo ,, a lingoa ſanta com a profana e pagãa. ,,

He verdade que os Eſcolaſticos introduziraõ com boa tençaõ vocabulos novos na Theologia. Deſejaraõ explicar-ſe com a ultima preciſaõ, e levarem as couſas á ultima clareza: deſejo ſem duvida muito arrazoado, e poriſſo julgaraõ que os ſeus novos vocabulos ſe encaminhavaõ áquelle fim taõ louvavel: porem hum ſemelhante expediente foi pouco prudente, e contrario á doutrina do Apoſtolo, que nos tem deixado, como meio neceſſario para conſervar illeſo o depoſito da doutrina Apoſtolica, o evitarmos as novidades dos vocabulos, que elle

chama profanas (*a*) : *O' Timotheo guarda o depoſito, que te foi confiado, evitando as profanas novidades das palavras.* A Igreja lembrada deſte aviſo Apoſtolico, ainda que continuamente reduzida á neceſſidade de procurar as palavras as mais claras para expor a ſua pura doutrina contra as ſubtilezas, e equivocos dos hereges; comtudo ſempre ſe abſteve de inventar palavras novas, que ſe naõ achaſſem conſagradas pela Eſcritura, e pelos Padres, exceptuada a unica palavra *transſubſtanciaçaõ*, que ella introduzio para confundir com huma ſó expreſſaõ Berengario, e os Novadores modernos, que eraõ inexhauriveis em equivocos, para impugnarem a doutrina da Igreja ſobre a preſença real de Noſſo Senhor na Euchariſtia; vocabulo todavia, como ſe eſtá vendo, claro e natural, e que exclue todo o equivoco. Pois pelo que toca ao vocabulo *conſubſtancial*, de que ſe ſervio o Concilio Niceno contra os Arianos, naõ ſó S. Athanaſio moſtrou, mas tambem Euſebio Cezarienſe confeſſou na Carta eſcrita á ſua Igreja, que aquelle vocabulo havia ſido antes uſado pelos Padres. Veja-ſe Theodoreto (*b*).

Quando ſe falla com a lingoagem natural das Eſcrituras, dos Padres, e da Igreja, alem da vantagem de fallar ao povo na ſua lingoagem, e poriſſo ſer entendido delle, (ao qual fim ſe deve encaminhar toda a Theologia Eſcolaſtica, na qual ſaõ principalmente doutrinados os Eccleſiaſticos, para doutrinarem o povo na Fé e nos coſtumes) ſe alcança a outra vantagem, naõ

(*a*) I. Ad Tim. c. 6. *O' Timothee depoſitum cuſtodi, devitans profanas vocum novitates.*

(*b*) Eccl. Hiſt. l. 1, c. 12.

naõ menos importante, de ſe poderem achar nas Eſcrituras, nos Padres, nos Concilios, e nas mais fontes primarias da Theologia paſſagens claras, e precizas, que provaõ e eſtabelecem as noſſas concluſoens: porquanto he notorio a todos, que a lingoagem da Eſcritura, dos Padres, das Liturgias, e da maîor parte dos Concilios, naõ he certamente a de que uſaraõ os Peripateticos, mas ſim a que he natural e popular: E aſſim quando ſe falla pela lingoagem dos Peripateticos, nem o povo, que naõ tem eſtudado os ſeus Eſcritos, a entende; nem nós podemos achar nas principais fontes da Theologia aquellas paſſagens, que digaõ exactamente quanto nós dizemos. Daqui vem que abrindo-ſe o caminho para as varias interpretaçoens, entaõ, pela infinita variedade dos ingenhos e temperamentos, ſe dá aberta a huma infinidade de pareceres: dahi provem as contradiçoens dos Autores: e dahi as obſcuridades e as trevas, que ſe fazem mais eſpeſſas á proporçaõ, que os varios partidos emprendem defender os ſeus ſentimentos com diſtinçoens ſubtiz, e muitas vezes chimericas. Poder-ſe-hia moſtrar iſto facilmente; e o quanto a lingoagem peripatetica das Eſcólas tenha obſcureçido muitas materias, quais ſaõ as da graça, da oraçaõ, e certas outras. Porem naõ he aqui lugar para iſſo.

Os Eſcolaſticos do tempo d'agora em grande parte concordaõ niſto. Porem as couſas achaõ-ſe baſtantemente melhoradas neſta parte; e iſſo naõ obſtante ainda naõ eſtaõ contentes: quereriaõ que ſe puzeſſem de parte muitas ſubtilezas e finuras, de que ainda agora ſe uſa.

Ouça-

Ouçamos, por exemplo, o meſmo P. Concina, ja que tenho diante dos olhos o ſeu livro, acerca deſta materia (*a*): „ Os Theologos mo-„ dernos, diz elle, para evadirem hum taõ „ claro argumento, excogitaraõ taes cavilaçoens „ e ſubterfugios, que naõ he facil o contarem-„ ſe. O meſmo Cano, que ſe exprime bem, „ e que alias, mais que ninguem, he bem „ apartado das inſignificantes ſubtilezas dos „ Eſcolaſticos, parece querernos entreter aqui „ com palavras. E mais acima (*b*) diz: „ Os „ Eſcolaſticos coſtumaõ ſuſcitar, e encadear aqui „ ſubtilezas difficultoſas, e demaſiadamente „ metaphiſicas.

Porem, vindo ao noſſo ponto particular, ſe os Theologos 1.º tiveſſem continuado a dizer com a Eſcritura, e com os Padres, que Deos *nos manda crer, e eſperar nelle, e amalo*, que Theologo ſabio haveria, que pudeſſe duvidar diſto? e ſe algum entendimento eſtravagante ſe arrojaſſe a negalo, que couſa mais facil do que contrapor-lhe a Eſcritura, a qual, ſervindo-ſe das meſmas palavras, aſſim o affirma? *Quem crer, e for baptizado, ſerâ ſalvo; e quem naõ crer, ſerá condenado* (*c*): *Sacrificai o ſacrificio da juſtiça, e eſperai no Senhor* (*d*): *Amarás o Senhor teu*

(*a*) Diſſ. de Char. c. 10. n. 27. *Ut hanc luculentam argumentationem eluderent recentiores Theologi, non eſt facile dictu, quot technas, quot ſutelas excogitaverint. Diſertiſſimus Cano, qui, ſiquis alius, a tricis Scholaſticorum, quæ nihil ſignificant, alienus eſt, hic tamen terminis ludere videtur.*

(*b*) Ib. n. 5. *Difficiles ac metaphyſicas nimium ſubtilitates texere hic Scholaſtici ſolent.*

(*c*) Marc. ult. *Qui crediderit, & baptizatus fuerit, ſalvus erit, qui vero non crediderit, condemnabitur.*

(*d*) Pſalm. 4. v. 6. *Sacrificate ſacrificium juſtitiæ, & ſperate in Domino.*

teu Deos de todo o teu coraçaõ . . . faze iſto, e vivirás. (a)

2.º Se tiveſſem continuado a dizer com a Eſcritura, que eſtas virtudes naõ devem ſer ocioſas, nem eſtereis, nem devem ſer ſó de palavras, mas que devem produzir os frutos das obras, quem he que o negaria? e quando houveſſe algum que loucamente o negaſſe, que couſa mais obvia do que contraporlhe eſtes textos da Eſcritura: *A fé obra pela charidade* (b): *A fé ſem obras he morta* (c): *Todo o que tem eſta eſperança nelle, ſantifica-ſe, aſſim como elle he Santo* (d): *Filhinhos, naõ amemos de palavra e lingoa, mas ſim com obra e verdade!* (e)

3.º Se tiveſſem continuado a dizer, que devemos crer, eſperar, e amar naõ ſó *frequentemente*, mas *de continuo moralmente*; a quem naõ haveria parecido iſto claro, pois em quanto á fé o Apoſtolo diz, que o juſto vive della (f): e o Salmiſta diz, que ella he como a lanterna para os noſſos pés, e como a luz para os noſſos paſſos (g); e por iſſo deve-nos eſtar taõ preſente como o eſtá a lanterna ao que caminha, e a vida ao que vive: E pelo que toca á eſperança o Salmiſta diz: *Deſde a madrugada até á noite eſpere Iſrael no Senhor* (h); *Eſpere Iſrael no Senhor deſde*

(a) Luc. c. 10. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo . . . hoc fac, & vives.*

(b) Ad Gal. c. 5. v. 6. *Fides, quæ per charitatem operatur.*

(c) Jacob. c. 2. *Fides ſine operibus mortua eſt.*

(d) 1. Joann. c. 2. *Omnis qui habeat hanc ſpem in eo, ſanctificat ſe, ſicut & ille ſanctus eſt.*

(e) Ibid. *Filioli non diligamus verbo, neque lingua, ſed opere & veritate.*

(f) Ad Rom. c. 1. v. 17. (g) Pſal. 118. (h) Pſal. 129. *A cuſtodia matutina uſque ad noctem ſperet Iſrael in Domino.*

deſde agora, e para todo o ſempre (a) : e S. Pedro diz : *Antes de tudo tende huns para com os outros huma continua charidade* (b): E o antigo preceito de amar a Deos de todo o coraçaõ., e com todas as forças, *naõ deixa*, ſegundo S. Agoſtinho (c), *parte alguma da noſſa vida, que deva eſtar ocioſa.*

Porem os Eſcolaſticos naõ continuaraõ a uſar deſta lingoagem taõ natural, e ao meſmo tempo ſagrada. Inventaraõ os vocabulos e expreſſaõ de (d) *fazer Actos de Fé, Eſperança e Charidade.* Eſta palavra *Acto* em particular, tomada no ſentido abſtracto e geral, em que he uſada pelos Eſcolaſticos ; e muito menos no ſentido reſtricto, em que a tomaõ tratando deſta materia, naõ ſe acha em lugar algum da Eſcritura, nem, pelo que me parece, em lugar algum dos Padres, como tambem em nenhum Concilio antigo (e) ; em huma palavra, naõ ſe encontra nas fontes primarias da Theologia. E aſſim naõ ſe achará paſſagem alguma de authoridade

(a) Pſal. 120. *Speret Iſrael in Domino ex hoc nunc & uſque in ſeculum.*

(b) 1. Petr. c. 4. v. 8. *Ante omnia autem mutuam in vobiſmetipſis charitatem continuam habentes.*

(c) L. 1. de doctr. Chriſt. c. 22. *Nullam vitæ noſtræ partem reliquit, quæ vacare debeat.*

(d) *Elicere Actus fidei, ſpei, & charitatis.*

(e) Por Concilios antigos entendo os Concilios celebrados antes do tempo dos Eſcolaſticos. Em alguns, que ſe celebraraõ depois, como no de Conſtança, ſe acha introduzida a lingoagem das Eſcó as, porem com parcimonia. O Concilio de Trento ſabia e acertadamente voltou á lingoagem antiga e natural. Comtudo o termo *actus* acha-ſe alli na ſeſſ. 14, (tomado no ſentido dos Eſcolaſticos no Decreto e Canones acerca da penitencia ; de modo porem, que comprehende os factos do coraçaõ, iſto he, a contriçaõ, as palavras, iſto he, a confiſſaõ, e as obras, iſto he, a ſatisfaçaõ) como tambem ſómente os termos da *fórma* e *materia.*

ridade divina, que eſtabeleça a neceſſidade de taes actos naquelle ſentido, e por conſequencia que determine com a precizaõ neceſſaria, qual deva ſer a ſua frequencia, para tirar todo o ſubterfugio a qualquer entendimento deſarrazoado, que queira negar huma couſa, que ſeja manifeſta.

Alem diſto os Theologos, pelo que tenho podido obſervar, nunca tomaraõ o trabalho de explicarem claramente, como pedia o bom methodo, qual era a ſignificaçaõ que davaõ á quelles vocabulos, de que uſavaõ: ſe o tiveſſem feito, teriaõ ſem duvida dado huma grande luz a eſta materia; e teriaõ entaõ chegado a concordar entre ſi os Theologos no ponto, de que tratamos. Pois entaõ ou lhes haveriaõ aſſignado huma ſignificaçaõ juſta e adequada, e que foſſe correſpondente, ao menos em ſubſtancia, á que lhes aſſinaõ as Eſcrituras, e os Santos; e neſte caſo a correſpondencia preciza das paſſagens das Eſcrituras, e Padres, que ſe allegaſſem para prova, faria com que os Eſcolaſticos foſſem reduzidos á unidade de ſentimento, e parecer: ou haveriaõ aſſignado áquellas palavras ſentido differente; e entaõ a difficuldade de ſe acharem nas Eſcrituras e nos Padres provas competentes, haveria moſtrado, onde ſe achava o equivoco; e a meſma neceſſidade de ajuſtar a ſignificaçaõ com a idêa, que aquellas ſagradas fôntes lhes daõ, faria com que elles por eſte caminho voltaſſem á unidade de ſentimento. Eſpero que venha a ſer claro, e perceptivel o que aqui quero dizer, ſe procurarmos ſupprir aquillo em que faltaraõ os noſſos Theologos; quero dizer, ſe procurarmos explicar, que couſa ſe-

jaõ

jaõ eſtes *Actos* das virtudes Theologaes, cuja neceſſidade e frequencia elles com razaõ nos inculcaõ.

§. V.

Obſcuridade do vocabulo Actos : *differente ſentido que por huma parte lhe daõ os Eſcolaſticos, e por outra a Eſcritura, a Igreja, e o povo.*

NA lingoagem do povo a palavra *Acto* (*Actus*) he ſynonima de *Acçaõ* (*Actio*); e aſſim, como ſe eſtá vendo, expreſſa *acçaõ*, *obra*, e naõ penſamentos nem palavras; pois aquella palavra *Acto* naõ vem da palavra *cogitar* (*cogito*), nem da palavra *dizer* (*dico*), mas ſim da palavra *obrar* (*ago*). Poriſſo na lingoagem popular ſe alguem diſſer, que hum litigante faz grandes actos de fé no ſeu Advogado, ninguem entenderá que niſto ſe queira dizer, que o litigante retirado lá comſigo diga no ſeu coraçaõ, e ao muito com palavras : *Eu creio no meu Advogado* ; porem todos entenderaõ, que aquelle litigante deſpende e gaſta largamente o ſeu, no proſeguimento da demanda, confiado na palavra do ſeu Advogado, que lhe ſegura a hade vencer : e ainda que todos os mais lhe gritem pelo contrario, dizendo-lhe que largue a demanda, a qual, depois de enormes deſpezas, hade ſahir contra elle ſentenciada, naõ ſe deſvia em proſeguila. Pela meſma razaõ ſe alguem diſſer, que hum prezo faz grandes actos de eſperança no Cavalheiro, que he ſeu Protector, ninguem entenderá que toda eſta eſperança vem a dar em dizer muitas vezes lá dentro de ſi : *Eu eſpero*

no meu Protector; mas antes todos perceberaõ, que este prezo, naõ obstante ser reo de graves delictos, e tendo contra si partes poderosas e resolutas, e dever porisso esperar com horror sentença de morte, todavia está alegre na cadêa, nem procura alcançar outros valimentos, e socorros; antes fallando-se-lhe nisso, os rejeita, tendo-se por seguro com o patrocinio do tal Cavalheiro, temendo perdelo, se aceitar outros protectores. Finalmente se se disser que hum pai faz grandes actos de amor para com seu filho, certamente ninguem por isto entenderá, que isso se encerre em dizer muitas vezes, e fervorosamente a seu filho: *Eu te amo*; mas sim, que este pai trabalha de dia e de noite, sua, poupa, arrisca a vida, e gasta com gosto, afim de o enriquecer, vestir, e instruir, e levar este seu filho a póstos graves e lucrosos, e podelo cazar vantajozamente &c. Eisaqui o que se entende naturalmente no fallar ordinario por *actos de fé, esperança, e amor*. Naõ se quer com isto exprimir *meras reflexoens, e protestos*, mas sim *obras, e feitos* correspondentes áquelles affectos. Naõ queremos porem dizer com isto que a fé, esperança, e amor excluaõ as palavras e os pensamentos; pois he antes certo, que os affectos da alma produzem tanto pensamentos, como obras indifferentemente: pois sabe-se, por exemplo, que hum pai, que ama muito a seu filho, naõ so trabalha para elle, mas tambem delle se lembra muitas vezes, discorre sobre elle muitas vezes, doe-se dos seus desastres, alegra-se com a sua presença, entristece-se com a sua ausencia &c. Porem os pensamentos, as palavras, e os affectos deste pai amante naõ saõ cha-

chamados actos de amor ; mas ſim penſamentos , palavras , e affectos amoroſos. Concedemos aos Eſcolaſticos , que os penſamentos ſe podem , em algum ſentido , chamar actos de entendimento , e os affectos actos da vontade , e as palavras actos da vontade ao meſmo tempo e de lingoa ; porem tambem os Eſcolaſticos nos devem conceder , que naõ ſaõ chamados actos , ſenaõ por elles , e que os mais homens chamaõ aos penſamentos penſamentos , aos affectos affectos , e ás palavras palavras, ou expreſſoens : e os meſmos Eſcolaſticos nos tem enſinado que os vocabulos ſaõ ſinaes arbitrarios , e que verdadeiramente naõ ſignificaõ , ſenaõ o que os homens tem querido , que elles ſignificaſſem.

A Eſcritura tambem uſa deſte meſmo modo de fallar ; pois (he precizo repetilo) ella naõ uſa da lingoagem dos Peripateticos , mas da do povo. A palavra (*Actus*) *Acto* acha-ſe naõ poucas vezes empregada nas Eſcrituras tanto do antigo , como do novo Teſtamento. Podem-ſe em huma viſta de olhos confrontar os lugares , para ſe ver , ſe , nem ainda huma vez , alli ſe toma em outro ſentido , que naõ ſeja o de acçaõ. Pelo que pertence ás paſſagens do Novo Teſtamento baſta advertir que ſempre a palavra (*Actus*) *Acto* da Vulgata he tirado do original Grego , que he (*praxis*) *praxe* , que vem de (*praſſo*) *faço*.

Tambem a Igreja quando quiz uſar nas ſuas oraçoens da palavra (*Actus*) *Acto* , ſempre ſe ſervio delle na ſignificaçaõ de *obra*. Baſta-nos para exemplo a Oraçaõ da outava do Natal (*a*) :

Diri-

(*a*) *Dirige Actus noſtros in beneplacito tuo, ut in nomine dilecti filii tui mereamur bonis operibus abundare.*

Dirige pelo teu beneplacito os noſſos Actos, para que no nome de teu filho bem amado mereçamos abundar em obras boas : como tambem a ſegunda oraçaõ na reza de Prima (*b*) : *Dignaivos Senhor Deos... dirigir e ſantificar ... hoje ... os noſſos ſentidos, palavras, e Actos na voſſa lei, e nas obras dos voſſos mandamentos* ; nas quais expreſſamente ſe faz differença dos actos aos penſamentos, e palavras. Seria couſa muito dilatada o moſtrar o meſmo pelos Padres.

Primeira reſtricçaõ da palavra Actos.

OS Eſcolaſticos porem a tomaõ em outro ſentido. 1.° Fallando elles em geral, ainda fóra da materia, de que tratamos, como acoſtumados ás abſtraçoens peripateticas, tomaõ a palavra *Acto* em hum ſentido generico, afim de exprimirem, com a ſua coſtumada brevidade, em huma ſó palavra, tudo aquillo que ſe faz naõ ſó com obras, mas tambem o que ſe faz por palavra, e por penſamento ; e aſſim comprehendem tambem naquella expreſſaõ todo o movimento do entendimento, e da vontade, aindaque ſeja puramente interior. Os antigos Eſcolaſticos, como tambem S. Thomaz, peloque tenho podido concluir das minhas obſervaçoens, ſe reſtringiraõ a eſta ſignificaçaõ : e na verdade ſe ficaſſem niſto, ainda a couſa naõ hiria muito mal : porquanto ſignificando entaõ a palavra *acto*, em geral, todo o acto do entendimento e da von-

(*b*) *Dirigere & ſanctificare ... dignare Domine Deus hodie ... ſenſus, ſermones, & Actus noſtros in lege tua, & in operibus mandatorum tuorum.*

vontade tanto exterior como interior, e assim comprehendendo naõ só os pensamentos e os affectos, mas igoalmente as palavras e as obras; ficaria claro, que por actos de fé, esperança, e charidade se deveriaõ entender, naõ so os pensamentos, os affectos, e as palavras, mas tambem as obras: e neste caso o seu modo de fallar concordaria em substancia com o da Escritura, dos Padres, e o do povo, posto que houvesse differença no modo de se expressarem.

Segunda restricçaõ.

PArecia que ainda os mesmos Escolasticos modernos deveriaõ naõ affastar-se deste sentido, ainda fallando das virtudes Theologaes; pois delle se naõ affastaõ quando trataõ das outras virtudes, como saõ as Cardeaes, a charidade fraterna, a humildade, a mansidaõ, a liberalidade, a magnificencia, &c.; tratando das quais, he cousa clara e manifesta, que pelos *actos* dellas naõ entendem somente os pensamentos e as palavras, mas tambem comprehendem as obras. Elles porem quando fallaõ das virtudes Theologaes restringiraõ bastantemente a significaçaõ do termo *actos* de que usaõ; porquanto significando aquelle termo no seu sentido natural, e no fallar da Escritura, da Igreja, dos Padres, e do povo, propriamente as acçoens, ou obras; e havendo sido extendido, por huma especie de ampliaçaõ e impropriamente, a significar tambem os pensamentos, os affectos, e as palavras; elles pelo contrario por *actos das virtudes Theologaes* naõ querem que se entendaõ as obras, mas tamsomente as reflexoens do entendimento,

e

e os movimentos da vontade, que ſe dirigem a aſſentir ás verdades reveladas, a eſperar os bens futuros, e a unir ſe a Deos, como ao Bem Summo; contentando-ſe ſómente com que eſtes movimentos e reflexoens interiores ſe expreſſem exteriormente com certas formulas de palavras, que elles para iſſo tem eſtabelecido. Pelo que julgo, bem ſe eſtá vendo, que eſtes Eſcolaſticos ſubtiliſando demaſiadamente, e querendo levar as ſuas abſtraçoens muito fóra dos ſeus limites, conſideraraõ eſtas virtudes como inteiramente internas, e como naõ tendo hum influxo verdadeiro e eſſencial nas obras; o que, como abaixo veremos, he inteiramente contrario á idêa, que nos daõ deſtas virtudes as Sagradas Eſcripturas, as Liturgias, e os Santos Padres.

Terceira reſtricçaõ.

MAs ainda muito mais levaraõ adiante a reſtricçaõ do ſeu termo *Actos*. Porque os penſamentos ſaudaveis, os affectos ſantos, e as boas obras, que as meſmas virtudes Theologaes formaõ continuamente no coraçaõ de hum verdadeiro Chriſtaõ, e que naõ dizem reſpeito *directamente*, ou, como elles diriaõ, *formalmente*, ao aſſenſo das verdades reveladas, á eſperança da vida eterna, e á preeleiçaõ de Deos como Summo Bem, e fim ultimo, poſto que por outra parte ſejaõ dirigidas *na Lei do Senhor, e nas obras dos ſeus mandamentos*, naõ ſaõ aquelles actos das virtudes Theologaes, que elles nos preſcrevem, como neceſſarios: naõ ſaõ tambem aquelles actos das virtudes Theologaes, que elles nos recómendaõ, outras quaiſquer obras,

co-

como v. g. as esmolas, a educaçaõ christãa dos filhos, os jejuns, e as mais austeridades, a obediencia exacta aos Superiores naturaes, Ecclesiasticos, e Civiz, o ouvir a palavra Divina, as leituras Santas; nem ainda mesmo a pia meditaçaõ das verdades reveladas, a estima interna, e amor do proximo, os bons conselhos, e correcçoens amorosas, o generoso e cordeal perdaõ das injurias &c. Tudo isto naõ he mais que a observancia dos mandamentos. E elles querem que os actos das virtudes Theologaes sejaõ cousa differente.

Quarta restricçaõ.

E Ainda naõ ficaõ contentes com a sobredita restricçaõ. Querem que os actos das virtudes Theologaes naõ só sejaõ differentes dos pensamentos e palavras, e particularmente das obras, que se fazem em observancia dos mais preceitos da Lei Divina, mas de mais a mais, que os mesmos actos das virtudes Theologicas sejaõ entre si distinctos; e assim que o acto de fé, para se poder chamar acto de fé, naõ deve encerrar em si expressaõ ou conceito algum, que diga respeito á esperança, ou á charidade: igoalmente o acto de esperança naõ deve ter expressaõ que diga respeito á fé, ou á charidade: nem tambem o acto de charidade deve conter expressaõ que seja concernente á fé, ou á esperança. Porque achando-se (segundo elles) huma tal mistura, entaõ, segundo o parecer delles, já naõ saõ propriamente actos de fé, nem de esperança, nem de charidade, mas saõ huma oraçaõ. E segundo elles asseveraõ, alem do preceitos

ceito de fazer oraçaõ, ha outro preceito de fazer eſtes actos.

Quinta reſtricçaõ.

AInda iſto lhe naõ he baſtante. Alem de deverem ſer aquelles actos das virtudes Theologaes puramente internos, e ao muito expreſſos com palavras, ſeparados de tudo o que, ainda interiormente, ſe dirija á obſervancia dos mais preceitos, e bem diſtintos entre ſi; devem, alem de tudo iſto, ſer adequados, iſto he, devem exprimir inteiramente e com propriedade os ſeus reſpectivos objectos, os ſeus reſpectivos motivos, e o modo, com que a alma deve tender áquelles objectos. E aſſim a fé deve exprimir as verdades, que ſe devem crer com *neceſſidade de meio* (*neceſſitate medii*); e caſo que huma dellas lhe falte, ou alli ſe expreſſem as que naõ ſaõ fundamentaes, entaõ a formula do acto naõ he bem feita; por quanto corre-ſe perigo de incorrer na propoſiçaõ 22 condenada por Innocencio XI: deve tambem exprimir o motivo, porque ſe crem, que he a veracidade divina; de outro modo ha perigo de cahir na propoſiçaõ 23 condenada pelo meſmo Innocencio XI: e finalmente deve exprimir o modo, com que ſe deve crer, iſto he, *firmemente*; pois naõ ſendo aſſim, eſta-ſe a perigo de encontrar a propoſiçaõ 21 proſcripta pelo meſmo Papa. O meſmo, por brevidade, ſe deve dizer dos actos de eſperança, e de amor.

Pelo que, recapitulando tudo, eisaqui o que os Eſcolaſticos entendem por *Actos das virtudes Theologaes.* „ Entendem penſamentos, af-

„ fectos, e proteſtaçoens interiores feitas ſó
„ com o entendimento e vontade, e ao muito
„ expreſſadas exteriormente com palavras, ſe-
„ paradas naõ ſó das obras, mas tambem das
„ palavras, e mais actos interiores, que ſe di-
„ rigem á obſervancia da divina lei, diſtintas en-
„ tre ſi, e que exprimaõ adequadamente os
„ objectos das virtudes Theologaes, os ſeus mo-
„ tivos, e o modo com que a alma deve tender
„ áquelles objectos. Parece-me que tenho poſto em claro inteiramente o que os Eſcolaſticos pertendem ſe deva entender por *Actos das virtudes Theologaes*, e ter baſtantemente patenteado a idea, que elles formaõ de ſemelhantes actos.

§. VI.

Naõ ſe pode facilmente moſtrar, qual ſeja o preceito eſpecial dos Actos das virtudes Theologaes, tomadas no ſentido dos Eſcolaſticos.

A' VISTA do que temos dito, ninguem já ſe poderá admirar de ver tanta contrariedade, e diviſaõ entre os Eſcolaſticos neſta materia. Elles deraõ huma tal ſignificaçaõ á palavra *Actos*, que ſerá difficultoſa empreſa, e ao meu parecer impoſſivel, o eſtabelecer a neceſſidade, e muito mais o determinar a frequencia daquelles ſeus *Actos*. Aqui naõ ſe trata de ver ſe ſaõ louvaveis, uteis, e em algum ſentido, e em alguma occaſiaõ neceſſarios; porem trata-ſe de moſtrar que taes actos ſaõ mandados por Deos, e como elles dizem, que cahem debaixo de preceito eſpecial, olhados em ſi: e por conſeguinte que obrigaõ debaixo da pena de eterna condena-

çaõ:

çaõ; e que hum tal preceito obriga com huma tal frequencia, que he muito juſto o determinar-lha, pois trata-ſe de peccado mortal, e de morte eterna. Naõ he pois para maravilhar, que andem taõ incertos e ſem guia, pois tem de tal ſorte reſtringido a ſignificaçaõ dos ſeus actos, que de nenhum modo podem achar huma tal idea nas fontes as mais authoriſadas da Theologia, e particularmente na Eſcriptura; que he donde ſe devem tirar os preceitos divinos, e muito principalmente pelo que reſpeita ás virtudes Theologaes, que conſtituem o eſpirito, e a quinta eſſencia do Chriſtianiſmo. Daqui veio que alguns dos ſobreditos Eſcolaſticos, inclinados por genio, e talvez com boa intençaõ, a alargarem a eſtrada do Ceo, vendo que na Eſcriptura ſe naõ achava veſtigio algum daquelles actos, tomados naquelle ſentido, cahiraõ em monſtruoſidades taes, que mereceraõ os anathemas do Vaticano; chegando a negar que o Chriſtaõ tiveſſe obrigaçaõ de fazer actos das virtudes Theologaes, ou a reſtringir o preceito a huma vez na vida, ou a pouquiſſimas vezes. Daqui tambem veio, que outros mais ſabios e aviſados, por huma parte aterrados com a condenaçaõ de erros inſoffriveis aos ouvidos Chriſtãos, e por outra parte ſentindo a força natural das formulas efficaciſſimas, com que Deos eſpecialmente nos intima o grande preceito do ſeu amor, entraraõ a indagar quais eraõ os tempos e as occaſioens, em que obriga aquelle preceito; e porque eſtas occaſioens, bem peſquiſadas, eraõ raras, procuraraõ eſtabelecer huma certa frequencia deſtes actos, ainda fóra daquellas occaſioens; porem como naõ

tinhaõ hum fio ſeguro, que os guiaſſe, viraõ que as provas allegadas pelos mais naõ eraõ concludentes, e poriſſo cada hum tomou ſeu caminho differente, e eſtabeleceraõ opinioens differentes, e todas ellas foraõ expoſtas com incerteſa, e perplexidade. Se naõ vou enganado, (no que peço as luzes dos Theologos verdadeiramente doutos e illuminados) parece-me couſa impoſſivel o moſtrar com a Eſcriptura, com a doutrina da Igreja, e com a Tradiçaõ, que haja hum preceito divino eſpecial, o qual nos mande fazer actos de fé, eſperança, e charidade frequentemente, e que eſtes actos ſejaõ puramente interiores, e ao muito manifeſtados com formulas determinadas de palavras, e que ſejaõ ſeparados de todos os mais actos dirigidos á obſervancia dos mais preceitos divinos; e que alem diſſo ſejaõ aquelles actos diſtintos entre ſi, e que exprimaõ adequadamente os objectos, os motivos, e o modo, ſegundo tudo he proprio a cada huma d'aquellas virtudes. E poriſſo ouſo a affirmar, (reſpeitando ſempre a doutrina de taõ grandes homens, benemeritos da Moral Chriſtãa, e alem diſſo ſujeitando-me a qualquer outro juizo mais apurado) ouſo a affirmar, que elles eſtabeleceraõ hum novo preceito, e aſſim cahiraõ, contra a ſua intençaõ, no rigoriſmo; e que elles igoalmente, por outra parte, reſtringindo a muito poucas vezes em ſubſtancia o exercicio das virtudes Theologaes, o qual (ſegundo o meu parecer) e ſegundo a doutrina das Eſcripturas e da Igreja, ſe requer ſeja moralmente continuo, cahiraõ ainda muito mais, contra a ſua tençaõ, no laxiſmo.

Para tirar todos os equivocos, e fallar com toda a poſſivel clareza; primeiramente todos concordaõ que o preceito da fé obriga, ainda meſmo mentalmente ſó, a todo o adulto, a quem pela primeira vez ſaõ ſufficientemente propoſtos os miſterios da noſſa Religiaõ; pois eſtá claro, que elle entaõ deve ſujeitar o ſeu entendimento á authoridade divina. Porem iſto naõ he fazer actos de fé, (pois o adulto, de que fallamos, ainda o ſuppomos infiel, e ainda naõ tem a fé) mas he tamſómente conceber e receber a meſma fé. E pelo que toca aos mininos já fieis, aos quais, ao raiar da razaõ, ſe lhes vaõ propondo os noſſos miſterios hum a hum, todos igualmente concedem, que elles devem aſſentir firmemente aos miſterios, que ſe lhes vaõ propondo. Porem nem neſte caſo os mininos fazem acto de fé, ſegundo as formulas dos Eſcolaſticos; por quanto os miſterios ſe lhes vaõ propondo hum a hum por cada vez, e aſſim nenhum daquelles actos por ſi comprehende todos os objectos neceſſarios de fé, nem tambem os motivos, e modo com que o entendimento aſſente aos meſmos.

2.º Todos concedem, que cada hum, chegando ao uſo da razaõ, deve começar a amar o ſeu Deos, e pôr nelle toda a ſua eſperança. Porem devem provar os Eſcolaſticos, que eſte amor, e eſta eſperança devem ſer actos ſeparados das obras, que ſaõ effeitos naturais daquellas virtudes: devem provar de mais a mais, que a alma do minino ſe deve, ainda meſmo interiormente, dirigir a Deos com affectos diſtintos e eſpecificados de eſperança como tal por ſi; e tambem com affectos diſtintos e eſpe-

ci-

cificados de amor, como tal por ſi, para ſe ſalvar a verdadeira idea dos actos de eſperança, e de amor; e que devaõ eſtas reflexoens comprehender expreſſa e diſtintamente os motivos, e o modo de tender a Deos com aquellas virtudes.

3.º Igoalmente he certo, que eſtas virtudes ſe achaõ algumas vezes combatidas pela tentaçaõ, e que entaõ ſe devem rebater lá no interior tamſómente; porque ſenaõ deve deixar perecer a fé, a eſperança, ou a charidade, quando ſaõ combatidas. Naõ vejo porem, que neceſſidade haja naquelle caſo, de fazer actos daquellas virtudes com as formalidades preſcriptas pelos Eſcolaſticos. E porque razaõ as mais das vezes naõ ſerá mais conveniente o naõ combater de frente a tentaçaõ, (couſa, principalmente na materia da fé e da eſperança, perigoſa para as almas fracas) mas tamſómente o fugir della, divertindo o penſamento, applicando-ſe ás obras ſantas, e eſpecialmente recorrendo á oraçaõ, dizendo com o Pai do Evangelho, *Creio Senhor, ajudai a minha incredulidade*: ou com S. Pedro, *Senhor ſalvai-nos, pois perecemos*: ou com a Igreja, *Senhor augmentai a fé dos que em vós eſperaõ*, ou com outras muitas jaculatorias, tiradas dos Salmos, e proprias para eſtas occaſioens?

Porem no decurſo da vida, e fóra deſtas occaſioens, quanto menos podem os Eſcolaſticos ſuſtentar a neceſſidade, e determinar a frequencia daquelles ſeus actos taõ cerceados, como elles querem, de tudo o que pode dizer reſpeito á obſervancia da lei, e taõ eſpecificados, e formaes? Naõ he bem claro, que ſaõ

mui-

muito arbitrarias as determinaçoens da obrigaçaõ daquelles actos, e poriſſo taõ varias, e taõ differentes, comparadas as de huns com as dos outros? Qual he o fundamento ſeguro, com que alguns tem affixado o preceito a cada triennio, outros a cada anno, outros a cada mez, outros a cada ſemana, e outros a cada feſta? Que razaõ tiveraõ alguns para fazerem differença entre a fé e a eſperança por huma parte, e a charidade pela outra; e obrigarem muito frequentemente aos actos de charidade, e muito raras vezes aos da fé e eſperança, ao meſmo tempo que todos os mais naõ fizeraõ differença alguma; e ſendo por outra parte evidente, que ſe naõ podem fazer actos de charidade, ſem que neceſſariamente encerrem a eſperança e a fé? Com effeito pode-ſe crer ſem eſperar e amar; *pois os demonios*, que naõ tem eſperança nem amor, *crem e eſtremecem*: porem naõ ſe pode amar ſem ao meſmo tempo crer e eſperar; o que fez dizer a S. Agoſtinho (*a*): *O demonio crê, e nem por iſſo ama: porem ninguem ama que naõ creia. O que naõ ama pode, ainda que de balde, eſperar o perdaõ: porem quem ama naõ pode deixar de eſperar. E aſſim onde ſe dá o amor, tambem ahi ſe dá neceſſariamente a fé e a eſperança*: O que tambem fez dizer a S. Thomaz (*b*): *A charidade de nenhum modo pode eſtar ſem fé e eſperança.* A' viſta diſto eſtá claro, que a charidade encerra neceſſariamente a fé

(*a*) Tract. 83. in Ioan. *Dæmon credit, nec diligit: nemo diligit, qui non credit. Fruſtra quidem, ſed tamen poteſt ſperare veniam, qui non diligit: nemo autem poteſt deſperare, qui diligit. Itaque ubi dilectio eſt, ibi neceſſario fides & ſpes.*

(*b*) 1. 2. q. 65. art. 5. *Charitas ſine fide & ſpe nullo modo eſſe poteſt.*

fé e a eſperança: E alem diſto tambem he certo, que o preceito de charidade ſe acha inculcado, e exprimido com termos taõ fortes, que ſe naõ poderiaõ encontrar outros, que foſſem mais efficazes, para intimar o uſo e exercicio della naõ ſó frequente, mas continuo; ao que ſe deve acreſcentar que S. Pedro quer expreſſamente, que a charidade ſeja *continua*; e S. Paulo quer, que *todas as noſſas acçoens ſe façaõ em charidade.* O que poſto, argumento aſſim: Se eſte preceito da charidade nos inculca e manda fazer aquelles actos, que os Eſcolaſticos pertendem ſe devem fazer ao ſeu modo, e eſtes actos devem hir juntos com os da fé e da eſperança, pois, como vimos, ſaõ inſeparaveis; entaõ aquelles actos formalmente feitos, como mandaõ os Eſcolaſticos, devem ſer continuos, e naõ taõ raros, que admittaõ o intervallo de mezes, e annos: (pois admittido eſte intervallo, naõ ſe entende que couſa ſeja amar a Deos com todo o coraçaõ, com toda a alma, com todo o entendimento, e com todas as forças; ſendo claro que a querer uſar de todo o coraçaõ, de toda a alma, e de todas as forças, ſe pode amar todos os dias, e muitas vezes no dia, por exemplo, ſete vezes, como David cantava ſete vezes no dia os divinos louvores; acreſcendo a iſto, que para ter a charidade *continua, e fazer todas as couſas em charidade*, naõ ſe podem os actos de charidade eſpaçar mezes e annos, e fazer a maior parte das couſas, ou quaſi todas ſem ſer em charidade, por falta dos taes actos) porem até agora ninguem ſe tem atrevido a aſſeverar, que haja obrigaçaõ de fazer com aquella grande frequencia os actos, que

per-

pertendem os Eſcolaſticos devem ſer feitos ao ſeu modo, pois iſſo ſeria hum rigor intoleravel: o que bem moſtra que taes actos naõ ſaõ os que ſe nos mandaõ no preceito divino; e o meſmo argumento ſe deve fazer a reſpeito dos outros preceitos, que eſpecialmente obrigaõ á fé, e á eſperança.

Os Eſcolaſticos bem vem que a Eſcriptura naõ apoia, como deveria ſer, o ſeu penſamento. Pelo que, pelo que d'elles ſe tira, põem o milhor das ſuas eſperanças na condenaçaõ das ſobreditas propoſiçoens, de que já fallamos. Para dar toda a força ao argumento, que ſe pode tirar daquella condenaçaõ a favor dos Eſcolaſticos, deve-ſe advertir, que naquellas propoſiçoens ſe acha expreſſo o termo *actus* (*acto*), ſobre que ſe diſputa: e alem diſſo eſte termo he tirado, juntamente com as propoſiçoens condenadas, dos meſmos livros dos Eſcolaſticos, e poriſſo ſe acha alli no ſentido delles. Pelo que condenou-ſe na propoſiçaõ 1. por Alexandre VII, que o homem naõ tinha na ſua vida obrigaçaõ de fazer acto algum de fé, eſperança e charidade, em virtude dos preceitos divinos reſpectivos a cada huma deſtas virtudes: e na propoſiçaõ 5 de Innocencio XI condenou-ſe o dizer-ſe, que ſe naõ ouſa a condenar de peccado mortal aquelle, que fizeſſe hum ſó acto de amor na ſua vida: igoalmente ſe condenou na propoſiçaõ 27 o dizer-ſe, que era ſufficiente o fazer hum ſó acto de fé na vida; e tambem ſe condenou no ſentido da 6 e 7 propoſiçaõ o dizer-ſe, que apenas e em rigor ſe deve fazer hum ſó acto cada quinquennio, e iſto ainda no caſo que nos naõ poſſamos

de

de outro modo juſtificar, nem para iſſo tenhamos outro caminho; e aſſim he de neceſſaria conſequencia, que pelo divino preceito há obrigaçaõ de o fazer mais vezes do que em cada quinquennio. E aſſim a Santa Sede naõ haveria definido iſto, ſe naõ houveſſe achado hum fundamento claro na Eſcriptura e na Tradiçaõ. Por tanto pela Eſcriptura e Tradiçaõ nos he conſtante, que ha preceito divino, que manda fazer os actos dos Eſcolaſticos, ſobre que diſputamos.

Porem eſte argumento he muito fraco. Elle he huma clara petiçaõ de principio. Por quanto depois de havermos obſervado quaõ inuteis foraõ os eſforços, com que ſe pertenderaõ defender pela Eſcriptura e Tradiçaõ aquelles actos, feitos á maneira dos Eſcolaſticos, ſem por ellas poderem moſtrar a ſua neceſſidade e frequencia, devia-ſe tambem concluir que a Santa Sede (a qual na condenaçaõ dos erros naõ ſe propõe outra regra mais que a Eſcriptura e a Tradiçaõ, e naõ as meras opinioens dos Eſcolaſticos) naõ eſtabeleceo naquella condenaçaõ a neceſſidade dos actos dos Eſcolaſticos, mas ſim aquelles actos que nos ſaõ determinados pela Eſcriptura e Tradiçaõ, e dos quais daqui a pouco moſtraremos quais ſejaõ.

E ſe ſe acha naquellas propoſiçoens o termo (*Actus*) *Acto*, e ellas foraõ tiradas dos livros dos Eſcolaſticos, he por outra parte claro, que as taes propoſiçoens naõ foraõ condenadas no ſentido dos ſeus authores, que ſe naõ quizeraõ nomear; mas foraõ condenadas *como ſe achaõ expreſſas* (*ſicut jacent*), e aſſim he

que

que se exprime o Decreto de Innocencio XI. A' vista do que, o vocabulo (*Actus*) *Acto*, *na sua expressaõ* (*sicut jacet*), naõ significa os actos de fé com aquellas restricçoens, de que acima fallamos, e com as quais os Escolasticos modernos quizeraõ que se tomasse; mas tomase no sentido o mais geral, no qual o tomou S. Thomaz, e os outros Escolasticos antigos; e nesse sentido comprehende os pensamentos, palavras, e obras produzidas por aquellas virtudes, e neste sentido he muito facil justificar com as Escripturas e Tradiçaõ a condenaçaõ daquelles erros, como vamos a ver.

§. VII.

Exposiçaõ da difficuldade na prática.

VAMOS agora a mostrar com toda a clareza, quaõ difficultoso seja o persuadir a necessidade dos actos dos Escolasticos, propondo hum caso pratico. Supponhamos que ha hum Christaõ verdadeiramente penetrado da fé, da esperança, e da charidade, e de tal sorte que por ellas he que vive, nunca seguindo em cousa alguma de importancia as paixoens humanas, como saõ, a ambiçaõ, a avareza, o prazer, mas procurando do coraçaõ os bens futuros: e que este Christaõ frequente com muita religiaõ as funçoens da Igreja, que ouça alli com ancia a palavra de Deos; que assista com piedade ao trémendo Sacrificio, e mais funçoens; que receba os Sacramentos com frequencia e devoçaõ; que tenha hum respeito e hum amor sem limites aos Pais, aos Sagrados Pastores, e ao seu

ſeu Principe ; que trate com ſinceridade, com juſtiça, e com charidade o ſeu proximo; que ſeja caſto, humilde, e eſmoler; que regularmente gaſte cada dia hum tempo conſideravel em oraçoens, e meditaçoens pias, e que entre as ſuas oraçoens reze tambem o Symbolo, e a Oraçaõ Dominical; que emfim cuide verdadeiramente em mortificar as humanas paixoens com jejuns, vigilias, recato dos ſentidos, e abnegaçaõ da vontade propria. Porem ſupponhamos por outra parte, que elle naõ deſtina tempo algum para fazer os actos de fé, eſperança, e charidade puramente interiores, e expreſſos tamſómente com palavras, porem ſeparados de outras quaiſquer obras, palavras, e penſamentos que ſe encaminhem á obſervancia dos preceitos divinos; diſtinguindo aquelles actos huns dos outros, e de ſorte que ſeparadamente exprimaõ adequadamente os objectos, os motivos, e os modos proprios de cada huma daquellas virtudes. Suppoſto iſto pergunto, ſe eſta alma, certamente chriſtãa, deva ſer condenada a peccado mortal por eſta falta, e julgada em eſtado de perdiçaõ? Parece-me impoſſivel, que haja alguem, que ouſe a proferir eſte juizo contra ella (*a*).

Se todavia ſe achaſſe alguem que a quizeſſe condenar, como daria elle razaõ da ſua ſentença? Poder-ſe-hia por ventura valer da Eſcriptura? Certamente naõ: por quanto ſe a huma tal alma lhe contrapuzeſſemos, que ſem fé

(*a*) Com effeito S. Bernardo no ſermaõ 50 aos Canticos chama a hum *tal homem naõ ſómente juſto, mas tambem ſabio*, iſto hé, perfeito. *Talem da mihi hominem, & ego audacter illum ſapientem pronuncio.*

fé he impoſſivel agradar a Deos, que a juſtiça chriſtãa vem da fé em Jeſus Chriſto, e que quem naõ crê eſtá ja julgado: Ella nos reſponderia com a Eſcriptura, que iſſo ſe deve entender naõ de huma fé de puros penſamentos e palavras, a qual S. Paulo chama fé fingida, e S. Thiago fé morta; mas ſim de huma fé viva, a qual, ſegundo S. Paulo, obra por amor, e que, ſegundo S. Thiago, produz os fructos das boas obras, e que poriſſo juſtifica verdadeiramente ſem as obras da lei; porque produz obras, as quais naõ procedem da natureza movida por motivos naturais, ou pelo temor ſervil, que imprime a lei, mas ſim procedem da graça de Jeſus Chriſto, e do Eſpirito de Deos, o qual, por meio da fé, vive no juſto, e he o principio das ſuas acçoens. E que por tanto ella bem moſtra ter huma fé viva, pois de nenhum modo ſe regula pelas falſas luzes da concupiſcencia e do mundo, mas que tamſómente a divina palavra he, a que lhe ſerve de lanterna para guiar os ſeus pés, e de luz para dirigir os ſeus paſſos; que deſpreza o viſivel e tranſitorio, e procura o inviſivel e eterno, deſconfia das forças da natureza, e naõ poder couſa alguma ſem a graça de Jeſus Chriſto. 2.º Se lhe diſſeſſemos, (para a obrigar a fazer actos de eſperança) que ſomos mandados fazer a Deos hum Sacrificio de juſtiça, e eſperar nelle; e eſperar ſempre deſde a madrugada até á tarde, e dahi para ſempre. Eſtá bem, reſponderia ella: Iſto he juſtamente o que eu faço. Por quanto como renunciaria eu aos bens preſentes, ſe naõ aſpiraſſe aos futuros? Como pediria eu continuamente a Deos os ſeus dons,

ſe naõ tiveſſe eſperança de alcançalos? Como viviria eu por minha propria vontade no pranto, ſe naõ eſperaſſe a conſolaçaõ eterna? Como me conſolaria eu na perſeguiçaõ, que he inſeparavel de quem quer viver piamente em Chriſto, ſe naõ eſperaſſe a recompenſa do Reino celeſte? 3.º Se finalmente (para a obrigarmos aos actos de charidade) lhe puzeſſemos diante dos olhos o grande preceito, que nos manda amar a Deos com todo o coraçaõ &c. Eſtá bem, reſponderia ella, e que concluís diſſo? Concluís que todo o reſultado deſte grande e juſtiſſimo preceito ſeja, que o Chriſtaõ em certos tempos bem raros deva nelles eſcolher algum bocadinho, quaſi momentaneo, de tempo, para dizer a Deos: *Eu vos amo com todo o coraçaõ, como meu Summo Bem?* Eu creio que devo amar o meu Deos naõ em certos tempos ſómente, nem por momentos, mas continuamente, e naõ com formulas e ceremonias, mas bem verdadeiramente com obras: iſto he o que me adverte S. Joaõ (que era meſtre na materia do amor divino) dizendo: *Meus filhinhos, naõ ameis ſómente com palavras e com a lingoa, mas com obras e verdadeiramente* (a). Naõ ſei o que poderiamos reſponder, que ſólido foſſe, a eſtas reſpoſtas.

Se quizeſſemos inſtar eſta alma, talvez a julgariamos pôr em aperto com a condenaçaõ das ja ſabidas propoſiçoens, dizendolhe: eſtá definido, que he preciſo fazer actos de fé, ao menos huma vez na vida. O'! e quam laſtimavel he iſſo! (diria ella), e iſto he o que entendeo o Apoſtolo quando diſſe, que o juſto vi-

ve

(a) I. Ep. c. 3. v. 18.

ve da fé? Tudo iſto ſe ha de reduzir a dizer huma vez na vida, ou como querem outros, em cada quinquennio, e como outros, cada anno: Creio a unidade da Trindade de Deos, a Incarnaçaõ, e a Paixaõ, e a morte do Filho de Deos, o eterno premio dos bons, e o caſtigo dos máos? Eisaqui huma vida, que he muito interrupta e momentanea: eisaqui huma juſtiça, que he bem imperfeita, que apparece raras vezes, e deſapparece em hum inſtante, como hum relampago. Eu chamo actos de fé ao obrar em conformidade daquillo que creio: o penſar, o dizer, e fazer como a fé me enſina, que eu devo penſar, dizer, e fazer: chamo actos de fé o deſprezar tanto com o coraçaõ, como com a lingoa, e com as obras aquillo, que a fé me enſina que ſe deve deſprezar, e prezar e eſtimar aquillo, que ella quer que ſe preze e eſtime. E eſtes actos devem ſer continuos, pois eſta he a lanterna, para a qual o Principe dos Apoſtolos quer que nós tenhamos virados os olhos neſte ſeculo tenebroſo, até que venha o dia da bemaventurada viſaõ, e reſplandeça nos noſſos coraçoens a luz da gloria (*a*). Dirlhe-hemos em ſegundo lugar, continuando a fallar com eſta alma, que eſtá definido o deverem-ſe fazer actos de charidade ao menos cada cinco annos. Eu naõ ſei, como eſta alma, penetrada do amor divino, poderia conter-ſe á viſta de huma tal propoſta. Ella ſintiria comoverem-ſe-lhe as entranhas, vendo tratar deſte modo hum tal preceito; limitando-o a actos taõ raros, e a actos *taõ ſómente de affectos*, e de palavras. O' Deos! exclamaria ella, aſſim he que ſe deve amar

(*a*) II. Petr. c. 1. v. 19.

amar o noſſo Deos? E a iſto he que ſe chama ama-lo com todo o coraçaõ, com toda a alma, com todo o entendimento, e com todas quantas forças há? Qual he o Pai que ſe contente de ſer aſſim amado por ſeu Filho? Qual he o Eſpoſo que o ſoffra na ſua Eſpoſa? Saõ eſtes aquelles actos de amor, que elles exigem? Ficaráõ ſatisfeitos com demandarem taõ ſómente actos de amor taõ raros?

Poderia acreſcentar eſta alma, para ſua defeſa, o exemplo dos Santos, os quais naõ fizeraõ conſiſtir a ſua fé, eſperança, e charidade em taes formalidades e ceremonias, mas ſim em hum theor de vida, e em huma ſerie continua de penſamentos, palavras, e obras ſantas, regulado tudo pela luz da fé, ſuſtentado tudo com a alegria da eſperança, e animado tudo com o eſpirito da charidade.

Poderia acreſcentar a pratica da Santa Sede Apoſtolica, a qual quando examina as virtudes dos grandes ſervos de Deos, para os pôr nos Altares, naõ inquire ſe tem dito muitas vezes *eu creio*, *eu eſpero*, *eu amo*; mas ſim ſe pelo total das ſuas acçoens ſe manifeſta ter nelles havido a eminencia deſtas virtudes. Creio que o dito até aqui he ſufficiente, para eſtabelecer e moſtrar a difficuldade que ha, para ſe poder decidir a neceſſidade, e determinar a frequencia dos actos das virtudes Theologaes *tomados no ſentido dos Eſcolaſticos*: e juntamente para fazer palpavel, que a lingoagem dos Peripateticos, adoptada nas eſcólas, tem ſido a verdadeira cauſa da obſcuridade, em que ſe acha envolta huma materia, que por todos os titulos deveria ſer a mais clara, e preciſa.

§. VIII.

§. VIII.

He preciſo pois voltar á lingoagem da Eſcritura, da Tradiçaõ e do Povo: Que couſa ſejaõ os actos neſta lingoa. E primeiramente dos actos de amor.

NAÕ nos reſta pois outra couſa mais, do que voltarmos á lingoagem ſagrada das Eſcrituras, e da Tradiçaõ, e ás ideas ſimples e naturais, que ſe nos offerecem na lingoagem popular, quando ella trata deſtas virtudes. Comecemos pelo amor. Que couſa ha, que mais conhecida ſeja no mundo, do que eſte affecto? Que couſa ha, de que ſe poſſa fallar com mais ſegurança, e que ſeja de todos entendida? Baſta ſer homem, para entender que couſa ſeja amor; pois naõ ſe pode ſer racional ſem amar, e ſem ſentir que ſe ama, e ſem conhecer quais ſejaõ os effeitos deſte amor. Para que ſervem as expreſſoens embrulhadas de *habito e acto*; de *amor habitual e actual*; de *amor affectivo e effectivo, ſenſitivo e appreciativo, material e formal &c.* todas inventadas pelos Eſcolaſticos? Houve em tempo algum Pai, que fallaſſe deſte modo e com eſta lingoagem a ſeu Filho, ou Filho, que aſſim fallaſſe a ſeu Pai; ou Eſpoſo, que aſſim falaſſe á ſua Eſpoſa, e eſta a elle; ou que os que ſe amaõ, e os meſmos amigos fallaſſem aſſim entre ſi? *Ama-me do coraçaõ*, dirá o Pai ao Filho: *eu te amo bem do coraçaõ*, dirá o filho ao Pai; e com eſtas duas palavras ſe entendem baſtantemente, ſem recorrerem áquellas eſtranhas diſtinçoens, as quais em ſeu lugar veremos, que uſo poſſaõ ter. E ſe hum duvida

do amor do outro, naõ exigem ſómente hum *eu vos amo* de palavra, nem por eſcrito, (bem que muitas vezes ſe pedem eſtas expreſſoens por ternura) mas querem verdadeiras obras, iſto he, factos. Poriſſo neſſe caſo o Pai dirá ao Filho: Se me amas, obedece-me, guia-te pelos meus conſelhos, cuida em fazer-te homem, deixa o jogo, e aſſim no mais &c. Eisaqui os actos de amor que o Pai quer do ſeu Filho. Deſta lingoagem taõ natural uſou Chriſto. *Simaõ de Joaõ, amas-me tu? Sim, Senhor; vós ſabeis que eu vos amo. Apaſcenta o meu rebanho: quando fores velho eſtenderás as tuas mãos, e outrem te cingirá. Segue-me* (a). Eisaqui os actos, ou para milhor dizer, as obras de amor que Chriſto pede de Pedro em prova das ſuas proteſtaçoens de amor: que ſaõ, apaſcentar o rebanho, hir ao martirio, e ſeguir a Chriſto.

Dos actos de eſperança.

2.º QUEM ha que naõ ſaiba que couſa ſeja eſperança, e quais ſaõ os actos, que ella produz? Quem houve já mais que os reduziſſe a meras reflexoens internas? Quem ha que naõ comprehenda que huma viva eſperança de huma boa colheita faz o lavrador infatigavel, e ſoffredor das intemperanças do ar na cultura do ſeu terreno? Quem naõ ſabe que a eſperança de hum avultado ganho faz, com que os negociantes ſulquem o immenſo Oceano, e ſe exponhaõ ás ſuas tempeſtades? Quem naõ ſabe que os ſoldados com a eſperança do deſpojo, da gloria, e dos adiantamentos ſe abalançaõ ás ba-

ta-

(a) Joan. c. 21.

talhas as mais obſtinadas, e aos aſſaltos os mais perigoſos? Eſta he a lingoagem, com que diſcorrem os homens nos acontecimentos humanos: e deſta meſma lingoagem uſa Deos, quando nos falla da eſperança chriſtãa, e dos actos, que ella produz. Quem tem eſta eſperança, diz S. Joaõ (*a*), cuida em ſantificar-ſe. Pelo contrario os Filoſofos pagãos *naõ tendo eſta eſperança*, apezar de todos os ſeus bellos raciocinios, *ſe entregaraõ á impudicicia* (*b*). Os Chriſtaons porem vivem neſte mundo ſobria, juſta e piamente, porque eſperaõ a bemaventurada eſperança, e a vinda do grande Deos (*c*). E como diz em outra parte o Apoſtolo, por eſſa razaõ ſoffrem de boa vontade os trabalhos, e as detracçoens, porque eſperaõ no Senhor (*d*). Eisaqui os actos de eſperança, que a Eſcritura nos aponta: cuidar na propria ſantificaçaõ, viver com ſobriedade, com juſtiça, com piedade, e ſer invencivel em ſoffrer as maledicencias e as affliçoens.

Dos actos de fé.

3.º E A fé naõ ſerá igoalmente, do meſmo modo que o amor e a eſperança, hum affecto obrador? O Apoſtolo S. Joaõ diz, que eſta he a victoria, que vence o mundo: *A victoria*, diz elle, *que vence o mundo, he a noſſa fé* (*e*). E o Apoſtolo S. Paulo attribue á fé todas as obras boas: *repreſentando-nos*, diz elle aos Theſſalonicenſes, *as obras da voſſa fé* (*f*): *Deos cumpre*, continua elle, *pelo ſeu poder todos os decre-*

(*a*) 1. Joan. c. 3. (*b*) Ad Eph. c. 4. (*c*) Ad Tit. c. 2. v. 13. (*d*) 1. Ad Tim. c. 4. v. 10. (*e*) 1. Joan. c. 5. v. 6. (*f*) 1. Ad Theſſ. c. 1. v. 3.

tos favoraveis da ſua bondade ácerca de vôs, e da obra da voſſa fé (*a*). Para dizer que as obras ſantas dos Romanos, dos Coloſſenſes, e dos Theſſalonicenſes ſaõ em toda a parte celebradas, diz que a fé dos fieis deſtas Cidades he annunciada por todo o mundo (*b*): que ſe derramou por toda a parte (*c*): que elle o ouvio recõmendar, e que diſſo dá graças a Deos (*d*): que elles tem vindo a ſer o modello de todos os que crem (*e*). E aſſim, ſegundo S. Paulo, ſaõ palavras ſynonimas o crer, e viver ſantamente: nem quer, nem reconhece outra juſtiça, ſe naõ a que naſce da fé (*f*). Oh', e quaõ differentes ſaõ eſtes actos de fé dos dos Eſcolaſticos! Oh', e quaõ differente he a lingoagem das Eſcrituras da das Eſcólas! As obras ſantas he que ſaõ os actos da verdadeira fé, e por aquellas he que ella ſe faz patente: *a cõmunicaçaõ da fé faz-ſe evidente nas moſtras de toda a obra boa*: ſem as obras a fé he fingida, he morta, he huma arvore pintada, ou ao menos ſecca.

§. IX.

As Virtudes Theologaes naõ ſaõ virtudes puramente interiores, e que naõ tenhaõ outros actos próprios, ſenaõ os internos, mas influem em todos os actos internos e externos do Chriſtaõ.

DO que havemos dito, qualquer, como creio, comprehenderá quaõ differente he a idea que neſte lugar nos daõ os Eſcolaſticos deſtas ſantas vir-

(*a*) 2. Ad Theſſ. c. 1. v. 11. (*b*) Ad Rom. c. 1. v. 8. (*c*) Ad Theſſ. c. 1. v. 8. (*d*) Ad Col. c. 1. v. 6. (*e*) 1. Ad Theſſ. c. 1. v. 7. (*f*) Ep. ad Rom. & ad Gal.

virtudes, daquella, que nos daõ as divinas Eſcrituras. Os Eſcolaſticos moſtrando que naõ conhecem outros actos deſtas virtudes, alem daquelles, que ſe formaõ puramente com o coraçaõ, e ao muito ſe exprimem com a boca, e que alem diſſo mais particular e formalmente exprimem a adheſaõ do entendimento ás verdades reveladas, á expectaçaõ da vida eterna, e o apêgo da vontade ao ſeu ultimo fim; no-las preſentaõ como virtudes puramente internas, que naõ influem propria e univerſalmente ſobre toda a totalidade dos penſamentos, diſcurſos e obras chriſtãas, para aſſim as produzirem, e darem-lhe a fórma, o valor, e o caracter de chriſtãas; mas tamſómente como virtudes, que produzem ſó actos internos aſſaz limitados, e cujo uſo e frequencia ſe naõ pode bem, e verdadeiramente determinar por via da authoridade.

Quaõ diminuta fica a mageſtade e divina grandeza deſtas virtudes, propoſtas deſte modo! Naõ he aſſim que no-las propõem os livros ſagrados. Eſtes nos moſtraõ neſtas virtudes, em ſubſtancia, a graça do ſegundo Adaõ, a qual renova e levanta acima de ſi a natureza do primeiro Adaõ; deſpoja o homem do homem velho, e o reveſte do homem novo; que deſtroe o velho, e cria o novo em verdadeira juſtiça e ſantidade; aquella meſma graça, que faz com que o homem viva, mas já naõ elle, mas ſim Chriſto nelle; e que he quem muda os ſeus deſejos e os ſeus amores, amortecendo a concupiſcencia das couſas tranſitorias; e de mais a mais conduzindo o homem ao odio evangelico de ſi meſmo, e do mundo; ao deſpreſo do ouro, ao aborrecimento dos prazeres ſenſuais, ao vili-

pen-

pendio das honras; excitando nelle maravilhoſos, e ineffaveis gemidos e deſejos da juſtiça e da vida eterna, e de tudo aquillo, que o mundo aborrece, como he a pobreza, os ſoffrimentos, as calumnias, e por fim a morte. Os meſmos livros ſagrados moſtraõ-nos na fé, eſperança, e charidade a origem e o manancial das oraçoens, das eſmolas, do perdaõ das injurias, da paciencia, do amor fraterno, da fugida do Seculo, das auſteridades; em huma palavra, de tudo o que he exercicio verdadeiro, e ſem hypocriſia, do que preſcreve a Religiaõ e o Evangelho. Seria ſuperfluo moſtrar iſto, baſtando para iſſo o que já fica dito, e podendo cada hum facilmente encontra-lo nos livros ſagrados, e muito principalmente nos do Novo Teſtamento. Porem para deſpir as preoccupaçoens, que ſe tem inveterado, ainda os entendimentos os mais arrazoados preciſaõ de ajuda e ſoccorro; poriſſo trarei outras provas diſto bem convincentes.

§. X.

Moſtra-ſe iſto primeiramente a reſpeito da fé. E como ſe deva entender o que dizem os Eſcolaſticos, que ella ſe deve renovar muitas vezes.

VAMOS pois a ver quais ſaõ os actos, que o Apoſtolo attribue a fé, e ſe elle ſe reſtringe a fazer-lhe dizer tamſómente com o coraçaõ: *Eu creio.* Leamos tamſómente o famoſo Capitulo 11 da Epiſtola aos Hebreos, que he muito baſtante. „ Pela fé, diz elle, he que Abel offerecia a „ Deos huma victima mais excellente, do que „ Cain: pela fé Henoch foi trasladado do mun-

„ do

„ do para naõ morrer: pela fé Noé ſalvou-ſe
„ a ſi e a ſua familia na Arca, e ſe conſtituio
„ herdeiro da juſtiça, que naſce da fé: pela fé
„ Abrahaõ ſe moſtrou prompto para largar a
„ ſua patria, partindo, ſem ſaber para onde,
„ para procurar alli a herança: pela fé ſe dei-
„ xou ficar na terra, que lhe tinha ſido pro-
„ mettida, como n'uma terra eſtrangeira, habi-
„ tando debaixo de humas tendas com Iſaac e
„ Jacob, que haviaõ de ſer com elle herdeiros
„ da promeſſa: pela fé tambem he que Sara,
„ ſendo eſteril, veio a ſer fecunda na ſua ve-
„ lhice: pela fé todos eſtes morreraõ conten-
„ tes, ſem terem recebido os bens, que Deos
„ lhes promettera, mas vendo-os, e como fau-
„ dando-os de longe: pela fé he que Abrahaõ
„ ſacrificou Iſaac, ſeu filho unico, e unico
„ fundamento das promeſſas: pela fé he que
„ depois de naſcido Moiſés, o tiveraõ ſeus pais
„ eſcondido tres mezes, ſem temerem o edicto
„ do Rei: pela fé he que Moiſés, depois de
„ grande, declarou que naõ era filho da filha
„ de Faraó, eſtimando mais ſer afflicto com o
„ povo de Deos, do que gozar do deleite tranſi-
„ torio do peccado; julgando que o opprobrio de
„ JESUS Chriſto era hum mais precioſo the-
„ ſouro, do que as riquezas do Egypto: pela fé
„ he que elle deixou o Egypto, ſem recear o
„ furor do Rei: pela fé he que elle celebrou
„ a Paſcoa, e fez a aſperſaõ do ſangue, e ſal-
„ vou com ella os primogenitos do Egypto, os
„ quais pela meſma fé paſſaraõ a pé enxuto o
„ mar vermelho; o que foi a ruina dos Egy-
„ pcios, que quizeraõ tentar a meſma paſſa-
„ gem: pela fé he que os muros de Jericó ca-
„ hi-

„ hiraõ por terra : pela fé he que Raab mulher „ meretriz naõ pereceo com os incredulos. Que „ mais direi eu ? Faltar-me-ha o tempo ſe eu „ quizer fallar de Gedeaõ , de Barac , de Sam- „ ſaõ , de Jephte , de David , de Samuel , e dos „ Profetas , que pela fé conquiſtaraõ os Rei- „ nos , cumpriraõ as obrigaçoens da juſtiça , „ alcançaraõ o effeito das promeſſas , taparaõ a „ boca aos Leõens , ſuſpenderaõ a violencia do „ fogo , evitaraõ o fio das eſpadas , foraõ vale- „ roſos na guerra , desbarataraõ os exercitos „ eſtrangeiros. Huns foraõ cruelmente ator- „ mentados , naõ querendo reſgatar a ſua vida „ preſente , a fim de acharem huma milhor na „ reſurreiçaõ : outros ſoffreraõ ludibrios , e „ açoutes , e cadeas e prizoens ; foraõ apedre- „ jados , foraõ ſerrados pelo meio , foraõ ten- „ tados , foraõ mortos ao fio da eſpada ; elles „ andaraõ vagabundos , cobertos de pelles de „ ovelhas , e de cabras , neceſſitados , anguſti- „ ados , afflictos , errantes nos deſertos , e nos „ montes , eſcondendo-ſe nas covas , e nas ca- „ vernas da terra. „ Eisaqui huma pintura da fé , digna de hum author divino , e que ſe vê com todo o ſeu colorido.

A qui naõ ſe vê huma fé minina e debil , que naõ ſabe fazer outra couſa mais , que di- zer : *Eu creio eſta e aquella verdade* : mas huma fé adulta , grande e robuſta , que vence a ava- reza , e offerece a Deos victimas precioſas : que ſantifica o homem até faze-lo digno que Deos o tranſporte deſte mundo antes de morrer : que deſapega os homens das ſuas patrias , e os con- duz a paizes incognitos : que faz com que ſuf- foquem a violencia do amor paterno , do temor

dos

dos Principes, da ambiçaõ das Cortes, da cubiça dos theſouros, e dos horrores dos mais grandes perigos, dos ſupplicios os mais crueis, da meſma morte, e de huma vida ainda mais miſeravel, que a meſma morte: que naõ produz actos de meros penſamentos e palavras, que quaſi nada cuſtaõ, mas obras reaes, e dignas da eminencia do Chriſtianiſmo.

Tem muita razaõ os Eſcolaſticos, quando inculcaõ a renovaçaõ amiudada da fé, e principalmente na hora da morte, e quando ha tentaçoens graves. Porem para ſe enſinar tudo, quanto he preciſo para huma completa inſtrucçaõ neſta materia, he preciſo ſahir dos limites, a que elles ſe reſtringem. Todos os actos do Chriſtaõ para ſerem verdadeiramente Chriſtãos, devem proceder da fé: a fé he que os hade produzir, e a fé he quem os hade dirigir: ſem a fé he impoſſivel que penſamento algum, palavra, ou obra deliberada agrade a Deos: naõ ha juſtiça alguma chriſtãa, que naõ venha da fé, nem o juſto pode viver de outra parte, que da fé. E aſſim naõ baſta dizer que he preciſo fazer actos de fé muitas vezes; he preciſo enſinar, que todos os actos do entendimento, e da vontade, que todos os penſamentos, todas as palavras, e todas as obras devem ſer produzidas pela fé.

Dizem ultimamente, que he util e neceſſario deſpertar muitas vezes a lembrança das verdades reveladas. A Eſcritura no-lo inculca em mil lugares. Mas he preciſo que elles desfaçaõ os equivocos, com que fallam. Eſta renovaçaõ de fé naõ ſe deve fazer *por modo de adheſaõ* ás verdades reveladas, dizendo: *Eu creio eſta e aquella verdade*; porque a adheſaõ já ſe ſuppõe

em

em hum Chriſtaõ, (fóra dos caſos de vacillar na crença, nos quais he neceſſario renovar a meſma adheſaõ) e aſſim naõ he neceſſario renovar aquillo, que eſtá firme e ſolido; mas deveſe fazer *por via da reflexaõ*, que he a que muitas vezes falta; e a falta della faz inutil o habito da fé, que ſubſiſte ainda nos mais negligentes. Que importa que o avarento crea firmemente, que os ſeus ganhos illicitos o haõ de conduzir a huma ſumma pobreza? Elle naõ reflecte niſſo: ſe a luz deſta terrivel verdade lhe feriſſe actualmente os olhos, ella o apartaria das ſuas uſuras. Mas porque elle diſto ſe naõ lembra nos ſeus contractos, poriſſo a doçura do ganho o attrahe. O meſmo ſe deve dizer do ſenſual, do ambicioſo, do priguiçoſo, do maldizente, e de qualquer outro vicioſo. Pelo que eſtes naõ tem neceſſidade de dizer *eu creio*, porque já crem, e naõ duvidaõ; porem tem neceſſidade de ſe lembrarem, e fazerem preſente ao penſamento aquillo, que crem, e tirarem de debaixo do alqueire a luz, que alli eſtá viva, para que os alumeie nas ſuas neceſſidades. Se pois os Eſcolaſticos entendem por renovaçaõ de actos de fé a renovaçaõ da lembrança deſtas verdades reveladas, entaõ concordamos, que he preciſo faze-los muitas vezes; pois o Apoſtolo quer que em todas as occaſioens empunhemos o eſcudo da fé; e o Principe dos Apoſtolos nos enſina a reſiſtir ao diabo, e naõ com outra couſa, ſenaõ com a fé. E de mais a mais ſe deve dizer, que o Chriſtaõ deve ter moralmente continua eſta lembrança; porque o Salmiſta nos adverte, que a fé deve ſer a lanterna para os noſſos pés, e a luz para os noſſos paſſos; e cumpre muito o

ver

ver continuamente onde ſe põe o pé, e ſegurar bem todo o paſſo; o que he proprio do homem ſabio, como ſe diz nos Proverbios (a): alem de que naõ ſe podem dirigir ao ultimo fim todas as acçoens, palavras e penſamentos, ſem huma lembrança moralmente continua deſte fim, e das outras verdades, que ajudaõ a iſſo. Eſta lembrança porem naõ he propriamente aquelle acto de fé, que os Eſcolaſticos querem, nem entra na ſua definiçaõ.

2.º Eſta renovaçaõ de lembrança ou de reflexaõ naõ he preciſo que abrace ſempre todos os artigos revelados, que os Eſcolaſticos querem, que de neceſſidade entrem nos ſeus actos. Iſſo ſeria fóra de propoſito; aſſim como he fóra do uſo. O Chriſtaõ he ajudado a fugir do mal e a fazer o bem, naõ com a renovaçaõ da lembrança ſimultanea de todas as verdades reveladas, nem com a da lembraça das principaes, que os Eſcolaſticos encerraraõ nos ſeus actos; mas ſim renovando a lembrança já de huma, já de outra, ſegundo a maior impreſſaõ, que cauſaõ na ſua alma, ou ſaõ mais proprias para as ſuas neceſſidades particulares. A reflexaõ ſobre a brevidade da vida, ſobre a incerteza da meſma, ſobre o eſtado futuro do ſeu corpo na ſepultura, e ſemelhantes, que maravilhoſos effeitos naõ tem produzido nas almas chriſtans! E comtudo eſtas verdades, como muitas outras igualmente efficazes, naõ entraõ nas formulas dos actos de fé, que propõem os Eſcolaſticos. E aſſim a renovaçaõ da fé, que nos inculca a Eſcritura he couſa muito differente dos actos dos Eſcolaſticos. 3.º

(a) Prov. c. 15. v. 17.

3.° Os actos dos Eſcolaſticos tambem renovaõ a memoria das principaes verdades da fé, porem propõem-nas todas juntas, e de paſſagem. Iſto porem naõ he o que ajuda o Chriſtaõ a ſantificar-ſe. Aquelle modo de actos he huma luz geral, languida, e paſſageira, de que ſaõ capazes os Chriſtãos os mais extraviados, os quais podem muito bem rezar com attençaõ, e com adheſaõ do entendimento, e firmiſſima, as taes formulas, ſem ſe cõmoverem, e ſem ſe rezolverem efficazmente a mudarem de vida. He preciſo diſtinguir duas couſas na fé, a *certeza*, e a *luz*. A *certeza* he como a ſubſtancia da fé, abſolutamente neceſſaria para a ſua eſſencia, e para formar o Chriſtaõ. Porem eſta certeza pertence mais á vontade, a qual inclina o entendimento para aſſentir ás verdades reveladas, e ter adheſaõ a ellas, poſto que nellas nada comprehenda; e poriſſo, como diz o Apoſtolo, fa-lo eſcravo em obſequio da fé. Sem eſta certeza de nenhum modo ſe pode ſer Chriſtaõ; porem com ella meſma póde hum ſer taõ máo Chriſtaõ, que verdadeiramente ſe naõ mereça hum tal nome. Porem os bons Chriſtãos ajuntaõ a eſte fundamento da certeza *a luz* da meſma fé, que conſiſte em hum conhecimento certo, claro, e vivo, e em huma igual aprehenſaõ das verdades reveladas, e muito principalmente daquellas, que ſe encaminhaõ a ſantificar as almas. Eſta luz, que de ordinario he tamſómente participada ás almas juſtas, e aos peccadores, que Deos quer converter, (e que he hum reflexo da charidade, que por iſſo S. Agoſtinho lhe chama luminoſiſſima) eſta luz, digo, he a que obra nos coraçoens effeitos maravilhoſos. Eſta luz naõ faz eſcravo o cu-

entendimento, mas antes o livra da ſua eſcravidaõ, pintando nelle as verdades divinas com tal viveza, que a adheſaõ, que tem a ellas, ja naõ he ſó pelo imperio da vontade, mas ſim pelo proprio inſtinto de aſſentir ás verdades pelo conhecimento. Quando eſta luz ſe faz grande nas almas, e faz apparecer como hum dia claro depois de huma eſcura noite, entaõ tudo o que he temporal, e que antes parecia ao entendimento ſer magnifico, ſuave e precioſo, vem a ſer pequeno, ridiculo, amargo e deſprezivel, quer ſejaõ riquezas, quer dignidades, quer prazeres, e amizades: e o que antes ſe propunha como terrivel, amargo, intoleravel, apparece ligeiro, doce, appetecivel, como ſaõ a pobreza, as calumnias, as prizoens, os tormentos, e a meſma morte. E aſſim tudo o que he eſpiritual e eterno creſce ſem medida. Os ſupplicios eternos, que antes de nenhum modo tocavaõ o coraçaõ de hum Chriſtaõ, que vivia nas trevas, oh como o aſſuſtaõ já! como lhe põem diante dos olhos a ſua cegueira! Como o encantaõ já os bens eternos, como o arrebataõ, e como o fazem ſoluçar, por naõ ter até entaõ cuidado em os adquirir! Como entende já que couſa he a belleza da virtude, a ſuavidade do jugo de Chriſto; que couſa he a brutalidade do vicio, e a miſeria, em que jazem os peccadores, ſempre atormentados e devorados pelas proprias paixoens! e aſſim como o caminho ordinario e natural, por que ſe corrige nos ſeus erros a vontade humana, he o endireitar-lhe o entendimento, para que naõ repreſente o que he negro como ſe foſſe branco, mas que aponte ſeguramente qual he o verdadeiro bem, e

qual

qual o verdadeiro mal, e diſtingua exactamente os gráos do maior bem, e do maior mal; he tambem claro e viſivel, que a luz clara da fé, que ao meſmo tempo he a luz da charidade, influe em todos os penſamentos ſantos, palavras e obras ſantas dos juſtos, que poriſſo vem a ſer verdadeiros fructos, e verdadeiros actos deſta fé. Neſte ſentido he que dizia o Salmiſta, que as Sagradas Eſcrituras, as quais ajudaõ a accender eſta divina luz nas almas, ſaõ huma lei immaculada, que converte as almas; hum teſtamento fiel, que dá ſabedoria aos pequenos; juſtiças rectas, que alegraõ os coraçoens, e huma regra luminoſa, que eſclarece os olhos (*a*).

Por iſſo S. Paulo naõ ſe contenta com que os ficis creaõ ſimpleſmente as verdades chriſtans, mas quer que as conheçaõ, as comprehendaõ, e dellas tenhaõ huma impreſſaõ a mais viva e perfeita, que haver-ſe poſſa. Eisaqui com que eſtupendas expreſſoens elle falla aos Efeſinos (*b*): „ Naõ ceſſo de dar graças a „ Deos por vós, lembrando-me de vós nas mi„ nhas oraçoens, para que o Deos de noſſo „ Senhor JESUS Chriſto, o Pai da Gloria vos „ dê o Eſpirito de ſabedoria, e de luz para o „ conhecerdes: para que elle eſclareça os olhos „ do voſſo coraçaõ, em ordem a que vós co„ nheçaes, qual he a eſperança, a que elle vos „ chamou; quais as riquezas e a gloria da he„ rança, que elle prepara aos Santos; e qual „ a ſuprema grandeza do poder, que elle exer„ cita em nós, os que cremos, pela força toda „ poderoſa da ſua operaçaõ. Pedindo-lhe (*c*) „ que,

(*a*) Pſalm. 18. (*b*) Ad Eph. c. 1. v. 16. e ſeg. (c) Ad Eph. c. 3.

„ que, ſegundo as riquezas da ſua gloria, vos
„ fortifique elle no homem interior pelo ſeu
„ Eſpirito; e faça que JESUS Chriſto habite
„ pela fé em voſſos coraçoens; e que vós radi-
„ cados e fundados na charidade poſſaes com-
„ prehender com todos os Santos, qual ſeja a
„ largura, o comprimento, a altura, e a pro-
„ fundidade deſte miſterio; e conhecer tambem
„ o amor de JESUS Chriſto para com voſco,
„ o qual excede toda a ſciencia; e afim de que
„ ſejaes cheios de toda a plenitude de Deos.
„ Até que todos cheguemos (*a*) á unidade de
„ huma meſma fé, e de hum meſmo co-
„ nhecimento do Filho de Deos, e ao eſtado de
„ hum varaõ perfeito, á medida da idade com-
„ pleta de JESUS Chriſto. E aos *Coloſſenſes*:
„ (*b*) Naõ ceſſamos de orar por vós, e de pedir
„ a Deos, que vos encha do conhecimento da
„ ſua vontade, dando-vos toda a ſabedoria, e
„ toda a intelligencia eſpiritual; para que vos
„ conduzaes de huma maneira digna de Deos,
„ procurando agradar-lhe em tudo, fructifican-
„ do em toda a ſorte de boas obras, e creſcendo
„ na ſciencia de Deos. Inſtruidos na charidade,
„ e em todas as riquezas da plenitude do enten-
„ dimento, e no conhecimento do miſterio de
„ Deos Padre, e de JESUS Chriſto.

Para adquirir eſta luz, pouco ſerve, ao meu parecer (bem que ſeja de algum proveito) o andar repetindo: *Eu creio*. Para iſſo tres ſaõ os meios proprios, e efficazes, inculcados nas Eſcrituras, e pelos ſolidos meſtres da vida Chriſtãa.

1.º O primeiro he a frequente e bem ſéria me-

(*a*) Ad Eph. c. 4. (*b*) Ad Coll. c. 1.

meditaçaõ das verdades da fé. A Eſcritura, os Padres, e os Meſtres eſpirituaes inculcaõ iſto á porfia, e he ſuperfluo citar as ſuas authoridades, que ſaõ infinitas: e a meſma razaõ e a experiencia provaõ iſto ſem replica. A liçaõ dos Livros Santos, e ouvir a palavra de Deos ſaõ huma eſpecie deſta caſta de meditaçaõ, que he tambem continuamente recómendada. Por eſte modo he que as verdades ſaõ penetradas, e ponderadas até ao ſeu fundo, e ſe eſtampaõ com força na alma, e ſervem de dar luz ao entendimento, e ſe tem á mão nas occurrencias para nos excitarem, dirigirem, e defenderem. Eſte modo de renovar, e manter acceſa a fé, he o que os Paſtores nunca devem ceſſar de intimar: a ſua utilidade he muito grande, e poriſſo o demonio ſe-lhe opõe com todas as forças, e com todas as artes. He preciſo desfazer o engano, que he ordinario, de ſe dizer que eſte exercicio he tamſómente para as peſſoas eſpirituaes: as almas as mais mundanas ſaõ as que mais neceſſitaõ diſſo: nem ha alma alguma, que ſe converta ſenaõ com reflectir nas verdades da fé.

2.° O ſegundo meio he a Oraçaõ. A fé he hum dom de Deos: a intelligencia e a ſciencia ſaõ dons do Eſpirito Santo: He preciſo pedir, bater, buſcar. Iſto he o que nos enſina noſſo Senhor: aſſim he que pediaõ os Apoſtolos ao Senhor, dizendo (*a*): *Aumenta-nos a fé*: aſſim pede a Igreja dizendo (*b*): Deos, *aumenta a fé dos que em ti eſperaõ.*

3.° O terceiro he trabalhar por viver ſanta-

men-

(*a*) Luc. c. 17. v. 5. (*b*) Orat. in bened. palm.

mente. A' proporçaõ que a vida he pura, a luz da alma tambem he mais clara, tanto porque ſe affaſtaõ as trevas da concupiſcencia, como porque Deos recompenſa com luzes ulteriores o bom uſo das luzes recebidas: aſſim como pelo contrario, quando á viſta da verdade ſe ſatisfaz a concupiſcencia, Deos derrama, como diz S. Agoſtinho, cegueiras penaes ſobre as concupiſcências illicitas; tanto, que alguns chegaõ a perder naõ ſó *a luz*, mas tambem a *certeza* e a ſubſtancia da fé; porque como diz hum graviſſimo Author antigo (*a*), he digno de perder a fé inutil a quelle, que naõ exercita a charidade. E S. Joaõ Chryſoſtomo julga ſer de huma conſequencia inevitavel o paſſar de huma vida depravada a cahir no atheiſmo: *Naõ pode acontecer*, diz elle (*b*), *que a quelle que deſta ſorte vive, ou ſe arrependa dos dogmas errados, que ſegue, ou naõ largue a verdadeira fé; mas neceſſariamente ha de cahir em tudo iſſo. Por quanto julgo que todos os que vivem depravadamente, nenhum ha que naõ medite em mil couſas diabolicas, como por exemplo, que ha hum fado, que todas as couſas vaõ ao acaſo, e que exiſtem confuſas e ſem ordem.* Prouvera a Deos que naõ tiveſſemos diſto huma continua experiencia.

(*a*) Auct. lib. de vocat. Gent. l. 2. c. 2.

(*b*) Hom. 47. in Act. Ap. n. 4. *Neque enim fieri poteſt, ut is qui tali modo vivit, vel a pravis dogmatibus reſiliat, vel in ſana fide maneat, ſed neceſſario hæc aſſumet. Non puto enim quemquam reperiri ex iis, qui non recte vivunt, qui non millia ſatanica meditentur, verbi gratia, fatum eſſe, res omnes temere ferri, & confuſa omnia jacere.*

§. XI.

Moſtra-ſe o meſmo da eſperança e da charidade.

ORA ſe a fé, que parece huma virtude puramente intellectual e eſpeculativa, claramente ſe tem viſto que influe directamente em todos os penſamentos, palavras e obras ſantas, e que por iſſo ſe devem com razaõ chamar verdadeiros actos de fé; quem poderá duvidar que nellas igualmente influaõ a eſperança e a charidade, que tem o ſeu proprio aſſento no coraçaõ, principio de todas as acçoens humanas? He iſto couſa bem clara; iſſo naõ obſtante afim de vencermos as preoccupaçoens, em que havemos ſido educados, vejamos como a eſte reſpeito fallam os Livros Sagrados. *Quem tem eſta eſperança em Deos*, diz S. Joaõ (*a*), *cuida em ſantificar-ſe, aſſim como elle he ſanto.* Eisaqui todo o ponto decidido em huma palavra. A eſperança produz todos aquelles ſantos penſamentos, oraçoens, eſmolas, e outras obras boas, com as quais os Chriſtãos procuraõ a ſua propria ſantificaçaõ; e por iſſo todas aquellas couſas ſaõ verdadeiros actos da eſperança chriſtãa. Por eſte modo fallaõ tambem os mais Apoſtolos. A ſobriedade, com que ſe ornavaõ as mulheres ſantas, ſem riçados, nem poſturas de cores, ſem ouro, ſem joias, era hum effeito da ſua eſperança, ſegundo S. Pedro, que as propõe por exemplo ás mulheres chriſtãas (*b*): *Aſſim he*, diz elle, *que ſe enfeitavaõ as ſantas mulheres, que eſperaõ em Deos.* Eisaqui temos hum acto

(*a*) 1. Joan. c. 3. v. 3.
(*b*) 1. Petr. c. 3. v. 5.

acto de esperança segundo este Apostolo, que he o de enfeitar-se com sobriedade. Tambem he hum effeito proprio da esperança, a paciencia nos trabalhos, e nas perseguiçoens, que saõ inevitaveis, a quem quer viver piamente em Christo. *Tende paciencia irmaõs*, dizia S. Thiago (a), *até á vinda do Senhor. Vós bem vedes como o lavrador na expectaçaõ de recolher o precioso fructo da terra, está esperando pacientemente que venhaõ as chuvas do outono, e da primavera.* Esta esperança fazia leve a sua cadea a S. Paulo, que dizia (b): *Pela esperança de Israel he que estou prezo com esta cadea.* Esta esperança lhe fazia suaves as maldiçoens e os trabalhos (c): *porque*, dizia elle, *o que a nós nos dá que padecer, e o porque somos amaldiçoados, he que nós esperamos no Deos vivo.* As suas fadigas apostolicas eraõ sustidas pela esperança (d): *Aquelle que lavra*, dizia elle, *deve lavrar na esperança de participar dos fructos da terra; e aquelle que debulha o grão, deve-o fazer na esperança de ter nelle sua parte.* Tanto assim que esta esperança fazia voltar em prazer aquella natural affliçaõ, que com sigo traz a perda dos proprios bens; e por isso louva isto nos Hebreos (e): *Vós vistes com gosto*, lhes dizia, *roubados todos os vossos bens, sabendo que tinheis outros bens mais excellentes, e que nunca já mais haõ de perecer.*

Porem quanto he isto mais evidente, quando se falla da charidade? A charidade he a graça do Novo Testamento, a qual S. Agostinho defendeo contra os Pelagianos. *Se a cha-*

(a) Jacob. c. 5. v. 7. (b) Act. c. 28. v. 20. (c) 1. Ad Thim. c. 4. v. 10. (d) 1. Ad Cor. c. 9. v. 10. (e) Ad Hebr. c. 10. v. 34.

dade, dizia elle (*a*), *vem de Deos, temos vencido os Pelagianos.* E essa foi a razaõ porque elle definio a graça, dizendo que era *huma inspiraçaõ da charidade, para que, guiados por hum santo amor, façamos aquillo, que conhecemos dever fazer-se* (*b*). E assim se a charidade he a graça, e a graça he aquella que produz em nós todas as obras santas, todas as palavras santas, e todos os desejos, pensamentos, e lembranças santas; fica evidente, que á charidade pertencem outros actos bem differentes daquelles, que lhe assinaõ os Escolasticos, e que se encerraõ em meras protestaçoens de amor para com Deos. A charidade abraça toda a vida christãa, e assim como *o preceito da charidade*, como dizia S. Agostinho, *naõ deixa parte alguma da vida christãa, que fique livre e ociosa* (*c*); assim tambem quanto praticamente se faz, se diz, e se cogita christãamente, tudo he exercicio da charidade; e todos os actos, dictos e pensamentos verdadeiramente christaons saõ actos verdadeiros de charidade. Por isso assim como o respirar he ao mesmo tempo effeito e final da vida; assim tambem a pontual observancia da Lei Evangelica he ao mesmo tempo effeito e final da charidade, que he a vida espiritual. Daqui vem o famoso dito de Christo em S. Joaõ (*d*): *Aquelle que tem os meus mandamentos, e os observa, esse he o que me ama*; aqui se vê, que a observancia da lei he tida por hum final de amor. E nestas: *O que me ama guardará as minhas palavras*: o amor he posto como causa da observancia da lei; sobre o que discorre assim S. Ago-

(*a*) De grat. & lib. arb. c. 18. (*b*) L. 4. contr. 2. Ep. Pelag. n. 11. (*c*) Lib. 1. de Doctr. Christ. (*d*) Joan. c. 13.

Agoſtinho: *O amor faz guardar os preceitos, ou os preceitos guardados fazem o amor? Porem quem ha que duvide, que o amor he o que precede? Donde aquelle que naõ ama naõ tem em ſi o porque deve obſervar os preceitos. Quando pois diz:* Se guardares os meus preceitos permanecereis no meu amor: *moſtra naõ donde ſe gera o amor, mas por onde ſe manifeſta* (a).

E o que ainda moſtra mais evidentemente que a lingoagem, e as ideas dos Eſcolaſticos ſobre os actos de charidade ſaõ inteiramente differentes da lingoagem, e ideas da Eſcritura e dos Padres, he que a Eſcritura e os Padres contaõ entre os actos da charidade e do amor; e, o que mais he, como actos principaes, os actos de charidade para com o proximo, dos quais os Eſcolaſticos naõ fazem mençaõ alguma; antes os excluem poſitivamente nas formulas, que nos daõ deſtes Actos, e nas diſputas, que formaõ a eſte reſpeito. S. Joaõ, bem conhecido meſtre da charidade divina, prevenio eſtas preciſoens eſcolaſticas, que nos podem induzir em erro. Elle claramente affirma, que he mentiroſa toda a proteſtaçaõ do amor de Deos, todas as vezes que quem a faz naõ ama o proximo. *Se alguem diſſer*, diz elle (b), *que ama a Deos, e aborrece a ſeu irmaõ, he mentiroſo.* Iſto meſmo nos haõ cuidadoſamente inculcado os SS. Padres. Baſta ouvir S. Gregorio o Grande:

A

(a) Tract. 82. in Joan. *Dilectio facit præcepta ſervare, an præcepta ſervata faciunt dilectionem? Sed quis ambigat, quod dilectio præcedat? Unde enim præcepta ſervet non habet, qui non diligit. Quod ergo ait: ſi præcepta mea ſervaveritis, manſuetis in dilectione mea: oſtendit non unde dilectio generetur; ſed unde manifeſtetur.* (b) Joan. c. 4. v. 20.

A verdadeira charidade, diz elle (*a*), *he o amar o amigo em Deos, e o inimigo por amor de Deos. Porque aquelle he que tem verdadeiramente charidade, que ama o amigo em Deos, e o inimigo por amor de Deos* (*b*). *Pelo que para que tenhamos a verdadeira charidade he neceſſario vêr ate que ponto he ajudada a benignidade da paciencia, e tambem a paciencia da benignidade* (*c*). Eisaqui os actos da verdadeira charidade, que nos inculcaõ as Eſcrituras e os Padres. Actos verdadeiramente dignos deſta virtude, que he a Rainha, e a mãi das mais: actos que ſantificaõ toda a vida chriſtãa, fazendolhe ſantas as acçoens, os deſejos, e todos os penſamentos ſem excepçaõ alguma: e por iſſo he, diz S. Agoſtinho excellentemente (*d*), *que a charidade nos renova, fazendo-nos homens novos, herdeiros do novo Teſtamento, e cantores do Cantico novo.*

§. XII.

Diſtinçaõ famoſa do amor em effectivo e affectivo do P. Sirmondo. Como ſe lhe deve reſponder para reſtabelecer inteiramente a ſagrada doutrina da Charidade Chriſtãa; e de algumas outras diſtinçoes eſcolaſticas.

AS preciſões Eſcolaſticas, com que ſe dividem e ſeparaõ couſas, que ſaõ inſeparaveis, e que

(*a*) Hom. 9. in Evang. *Charitas vera eſt & amicum diligere in Deo, & inimicum diligere propter Deum.* (*b*) Hom. 27. in Evang. *Ille enim veraciter charitatem habet, qui & amicum diligit in Deo, & inimicum deligit propter Deum.* (*c*) Moral. l. 8. c. 1. *Vt ergo a nobis charitas vera teneatur, neceſſe eſt quatenus & benignitati patientia, & rurſum patientiæ benignitas ſuffragetur.*

(*d*) Tract. 65. in Joan. *Dilectio iſta nos innovat, ut ſimus homines novi, hæredes Teſtamenti novi, cantatores Cantici novi.*

que ſe naõ podem apartar entre ſi, ſem lhes deſtruir a eſſencia, (aſſim como ſe naõ pode ſeparar a alma do corpo, ſem deſtruir a eſſencia do homem) tem por outro lado derramado ſobre eſta materia outra eſpecie de obſcuridade, a qual ainda agora offuſca os Theologos. He famoſa a diſtinçaõ do P. Sirmondo. Eſte Padre para defender alguns dos ſeus, que haviaõ enfraquecido, e ainda meſmo aniquilado o grande preceito da charidade para com Deos, publicou de propoſito hum Livro, a que deo o nome de: *Defeza da virtude*; para defender o qual imprimio ao depois outro, que chamou: *Reſpoſta a hum libello infamatorio.* Neſtes dois Livros naõ duvida affirmar, que naõ ha preceito algum, fóra dos dez que ſe contem no Decalogo, que nos obrigue a amar a Deos e ao proximo; que he juſtamente o ſentido da primeira propoſiçaõ condenada por Alexandre VII. Elle abuſa da paſſagem de S. Joaõ, que nos enſina a amar *por obra e em verdade*, para ſuſtentar, que toda a força do preceito do amor divino ſe reduz a mandar-nos que naõ aborreçamos a Deos, e que obſervemos os mandamentos do Decalogo, aindaque a ſua obſervancia naõ proceda de amor algum para com Deos, mas ſim do temor, ou de algum outro affecto. Mas de que modo ſuſtentar eſte erro monſtruoſo contra as expreſſoens as mais terminantes da Eſcritura, que nos propõem eſte preceito como o primeiro e maximo, e mandaõ que o amemos com todo o coraçaõ, com toda a alma, com todo o entendimento, e com todas as forças? Para o defender eisaqui huma diſtinçaõ Eſcolaſtica, inventada por elle. Ha

dois

dois amores ; hum affectivo , e outro effectivo : hum que encerra o affecto , iſto he , hum movimento do coraçaõ para Deos ; mas naõ encerra obras : o outro encerra o effeito do amor , iſto he , as obras ; porem naõ encerra o affecto. O primeiro he *de conſelho* , ou , ſe ſe quizer aſſim fallar , he de preceito , mas que naõ ameaça com a morte eterna aos tranſgreſſores : o ſegundo he de *preceito rigoroſo* , e debaixo da pena de morte eterna (*a*).

O P. Sirmondo teve naquelle tempo grandes oppoſitores ao ſeu ſiſtema , os quais defenderaõ o preceito do amor divino , e lhe deſtruiraõ aquelle ſiſtema chimerico. Naõ ſei porem ſe no tempo d'agora os Theologos ſe valem das luzes , que entaõ ſe lhes ſubminiſtraraõ , para confutarem ſolidamente ſemelhantes monſtruoſidades. Com effeito obſervo e paſmo de vêr que o Concina , homem aliás taõ grande , e taõ benemerito da Moral Chriſtãa , neſte ponto naõ he igual a ſi. Elle nada tem que dizer contra a diſtinçaõ dos dois amores , antes a ſuppõe , e limita-ſe tam ſómente a dizer , que he

(*a*) Diſtingui , diz o P. Sirmondo , dois preceitos e dois amores. Hum preceito he ſuave , e outro he de rigor. Hum amor he de affeiçaõ , e outro de execuçaõ. Quem manda , tanto quanto pode , mas ſem ameaça , ſem impoſiçaõ de pena ao menos grave , a quem naõ obedecer , o ſeu preceito he todo mel e doçura : quando porem lhe acreſcenta a pena , ou a cõminaçaõ da morte , entaõ manda com rigor. Da meſma ſorte quem faz bem a algum *ſem intençaõ , ou affecto para elle* , naõ o ama senaõ no effeito , e naõ com a affeiçaõ : quem o faz com intençaõ , tem-lhe amor tanto affectivo , como effectivo. Iſto poſto , que ſe deve dizer tanto da realidade , como da medida do amor , que nos impõe o grande e primeiro preceito ? Dizemos que he hum preceito de doçura , pelo que toca ao amor affectivo , e de intençaõ e de motivo : e que he hum preceito de rigor , pelo que toca ao amor effectivo e de execuçaõ. *Defeza da virtude cap.* 4.

he couſa clara que o preceito divino obriga naõ ſó ao effeito exterior, mas tambem ao affecto interior, e naõ ſó ao amor *habitual*, mas tambem ao *actual* (a). Por eſte modo vem elle a largar hum grande terreno ao adverſario; pois por boas contas neſte amor *affectivo* e *actual* ſe encontraõ todas aquellas difficuldades, que acima ſe moſtraraõ, principalmente nos §§. VI, VII; e em ſubſtancia fica reduzido na pratica eſte amor *affectivo* e *actual* a couſa taõ pouca, e a actos taõ momentaneos, e taõ raros, como já apontamos no §. II, que facilmente o P. Sirmondo poderia vir a concordar com o P. Concina.

Pelo que he preciſo naõ dar vantagem alguma ao P. Sirmondo, ſe quizermos devidamente defender a doutrina ſagrada da charidade chriſtãa. He neceſſario que ſe abata e ſe arraze aquelle caſtello chimerico dos dois amores, em que elle ſe faz forte. Na verdade que couſa ha mais fantaſtica, e inſubſiſtente? Que quer dizer aquelle amor ſem affecto, ou aquelle amor ſem amor? Quem até agora ouvio huma ſemelhante lingoagem? Quem poderia ſoffre-lo, ſe ouviſſe dizer huma arvore ſem pao, hum ſeixo que naõ he pedra, e hum circulo que naõ he redondo? Por ventura o amor naõ he hum affecto, e taõ eſſencialmente hum affecto, que todos os affectos outra couſa naõ ſaõ, ſenaõ hum e o meſmo amor diverſificado? He verdade, diz o P. Sirmondo, que hum amor de obra ſem affecto naõ he hum amor *real*; porem pode-ſe-lhe applicar o nome de amor por *metonimia*. Os ef-

(a) Lib. 1. in Decal. Diſſ. 4. de Charit. c. 5. n. 7.

effeitos, saõ palavras delle, *tomaõ muitas vezes o nome da sua causa ordinaria, como o tomaõ os sinaes das cousas significadas. E assim pode-se dár o nome de amor aos effeitos exteriores, sem averigoar se alli ha o amor interior* (a). Pois o preceito divino, que, segundo elle, pede com rigor, e debaixo de pena eterna hum amor effectivo, hade pedir tam sómente hum amor, que naõ he real, e verdadeiro, mas hum amor de *metonimia*, que naõ he amor? E a isto he que se chama amar *por obra e com verdade*? Porque requer S. Joaõ, que o amor seja naõ só de obra, mas em verdade, senaõ por que verdadeiramente o nosso amor deve ser naõ só de lingoa, e de palavra, mas tambem de obra, e que estas obras naõ devem ser produzidas nem pelo temor, nem por huma natural honestidade, nem por algum outro principio humano, mas devem proceder do divino manancial da charidade celeste? Por quanto assim como as obras do que verdadeiramente ama, e obra por amor, naõ se podem chamar temor, aindaque o mesmo temor seja capaz de produzir muitas obras, que produz o amor; do mesmo modo naõ se podem chamar amor aquellas obras, que produz o temor, postoque sejaõ as mesmas, que o amor pode produzir. He preciso pois olhar para a causa que faz obrar, e para o affecto, que he o seu principio efficaz: de outro modo que confusaõ se naõ introduzirá na doutrina dos affectos humanos? Que cousa será a hypocrisia, senaõ he o obrar pelo fim do temor, ou de outro ainda mais baixo, e querer persuadir

(a) Resposta. pag. 17.

dir que se ama? Pode-se muito bem enganar o homem, que *naõ vê mais que o exterior*, como saõ as obras externas; mas naõ se pode enganar a Deos, que *vê o coraçaõ*; e que assim como se naõ contenta com ser amado com a lingoa e com as palavras, mas requer obras; assim tambem naõ se contenta com obras, que naõ procedem de hum coraçaõ, que verdadeiramente o ame. Elle pede o coraçaõ, e o pede todo, para que, no que fazemos, nenhum outrem tenha parte, se naõ elle so. *Dame, ó filho, o teu coraçaõ. Amarás o Senhor teu Deos com todo o teu coraçaõ.*

Por occasiaõ disto dê-se-me licença de observar, que se acha sujeita aos mesmos inconvenientes a distinçaõ dos dois amores *actual e habitual* do P. Concina no lugar citado, em que se propõe em hum sentido synonimo dos dois amores *affectivo* e *effectivo* do P. Sirmondo. E postoque eu esteja certo, que no progresso da doutrina os Theologos Escolasticos de bom senso explicaõ rectamente os termos desta distinçaõ; comtudo me parece que a tal distinçaõ para outra cousa naõ serve mais, do que para obscurecer a materia, e introduzir huma certa idea de hum habito ocioso e inerte de amor, que he verdadeiramente huma chimera: por quanto o amor he hum affecto obrador e efficaz por sua natureza, e incapaz de estar sem acçaõ. *Pois, se o ha*, diz S. Gregorio o Grande (*a*), *obra cousas grandes; e se recuza obrar, entaõ naõ he amor.* Naõ ha duvida que se pode distinguir no amor o *habito* e o *acto*, como o faz S. Thomaz,

(*a*) 1. Timot. c. 5. v. 10. *Operatur enim magna, si est; si vero operari renuit, amor non est.* Greg. Magn.

maz, entendendo por *habito* aquella diſpoſiçaõ eſtavel de ſervir fielmente a Deos, a qual ſe acha no coraçaõ do juſto, ainda quando dorme; e por *actos* as obras, as palavras e os penſamentos, em que o meſmo juſto ſe occupa em quanto eſtá acordado. Aqui porem naõ vejo fallar ſenaõ em hum ſó amor, o que he juſto; porque na realidade naõ he ſenaõ hum e o meſmo amor. Naõ quereria pois que ſe ouviſſe fallar em dois amores, dos quais hum foſſe de *actos ſem habito*, e o outro de *habito ſem actos*: pois (ſem por ora ſubtilizar ſobre o primeiro) de outro modo formar-ſe-hia a idea de huma charidade ocioſa, e ſem acçaõ, o que he hum verdadeiro fantaſma, e huma mera illuſaõ, o que baſtantes vezes acontece. Nem com particularidade quereria que ſemelhantes diſtinçõeſ paſſaſſem dos livros dos Eſcolaſticos para os Catheciſmos, que ſe compõem para o uſo do povo; porque tenho viſto na prática, que eſtas ſubtilezas peripateticas ſaõ pouco entendidas pelo commum dos fieis, e geraõ falſos conceitos e ideas.

Accreſcentemos aqui alguma couſa a reſpeito da diſtinçaõ dos dois amores *appreciativo*, *e intenſivo*, que preſentemente he taõ ordinaria, e ſôa taõ frequentemente nas meſmas Igrejas na boca dos Cathechiſtas, que eſtudaõ as ſuas explicações pelos livros dos Eſcolaſticos. O Concina refere as ſeguintes palavras de Pedro Soto (*a*), ao qual juſtamente chama Theo-

(*a*) Loc. cit. c. 6. n. 7. *Diſtinctio illa appretiationis ab intenſione nova eſt, nil aliud habent, quam nomina: niſi quod interim illa perſuaſione ingeneratur hominibus ſecuritas quædam, & tepiditas, quod valde timendum eſt.*

Theologo verdadeiramente douto, por ser versadiſſimo nas Eſcrituras, nos Padres, e nos Canones. *A diſtinçaõ*, diz elle, *que ſe faz entre appreciaçaõ e intençaõ he nova, nem encerra couſa alguma mais, do que o ſom das palavras: porem ao meſmo tempo, com a falſa perſuaſaõ de ſer couſa differente, gera-ſe nos homens huma certa ſegurança, e tibieza, o que he muito para temer.* O Concina confeſſa a novidade deſta diſtinçaõ; o que, ao meu parecer, naõ faz pouco contra ella: porquanto parece-me que ſe naõ deve inteiramente eſquecer o aviſo, que o Apoſtolo com tanto diſvello deo a Timotheo, e em Timotheo, ſegundo Vicente Lerinenſe, a todos os Sacerdotes (*a*): *Guarda*, ó Timotheo, *o depoſito da doutrina, evitando as novidades profanas das palavras.* Se pois he couſa clara, ſegundo o meſmo Concina, que deſta diſtinçaõ naõ ha veſtigio algum, antes hum alto ſilencio entre os antigos, iſſo he final, que os Padres, e os noſſos Antepaſſados ſouberaõ bem explicar a doutrina do amor de Deos, ſem recorrerem a eſta diſtinçaõ. E quadraria muito bem a eſta e ſemelhantes diſtinções, que agora ſe julgaõ neceſſarias, aquelle bello dicto de S. Bernardo (*b*): *Sômos por ventura, ou mais ſabios, ou mais devotos que noſſos Pais? Deve-ſe ter por arrojo perigoſo e preſumido, tudo aquillo de que ſenaõ valeo a ſua diligencia.* O meſmo tambem confeſſa, que os termos deſta diſtinçaõ ſaõ mal entendidos por alguns Theologos. O que he outra quebra para a tal diſtinçaõ: pois ſe os Theologos, que

(*a*) 1. Ad Tim. c. 6. v. 20. (*b*) Ep. 174. *Numquid Patribus noſtris ſapientiores, aut devotiores ſumus? Periculoſe præſumitur, quid quid in talibus eorum diligentia præterivit.*

que imprimem obras, nella se enganaõ, como a poderaõ entender bem, e verdadeiramente os pequenos d'entre o povo, aos quais se quer repartir o pão com huma semelhante faca? Porem eu direi ainda mais, que os termos de huma tal distincaõ saõ mal concebidos, e que do modo que *sôaõ*, *e se propõem*, induzem em erro. Porquanto, que quer dizer propriamente amor intensivo, ou a intensaõ do amor, senaõ hum amor vehemente, ou a vehemencia, e a grandeza do amor? E como póde ser o amor *appreciativo*, isto he, até fazer antepor *praticamente* Deos a todas as cousas, e ainda á propria vida, sem que seja ao mesmo tempo intensivo, isto he, vehemente, e grande; pois este amor *appreciativo pratico* he aquella mesma charidade, a que S. Agostinho chama *charidade grande*, e o mesmo Jesus Christo diz della, *que ninguem tem maior charidade?* E assim tomados os dois termos de *appreciativo* e *intensivo* no seu proprio sentido, vem a ser synonimos: Pelo que fazer delles duas cousas differentes, como justamente observa o Souto, induz no erro de se crer que se pode amar *appreciativamente*, e cumprir o preceito da charidade, sem procurar fazer o amor intenso, isto he, accendido e fervoroso. Erro que he, como se vê, muito ordinario e perigoso. E a quererse entender, como os modernos ordinariamente entendem, por *amor intensivo* hum amor *terno e sensivel*, he dizer huma cousa e entender outra. Se os Escolasticos, por meio destas novas distinções, pertendem explicar-nos com a ultima clareza e precisaõ a materia, de que tratаõ, para que he usarem de vocabulos, que signifi-

caõ

caõ couſa differente, do que entendem? E pelo que toca á *ternura e ſenſibilidade* do amor, deve, ao meu parecer, advertir-ſe, que eſſa ternura anda de *ordinario* junta com a vehemencia e fervor; poſto que as almas, ainda as mais perfeitas, coſtumaõ ás vezes ſer viſitadas por Deos com ſecuras, e ſe achaõ reduzidas áquelle eſtado, a que os miſticos chamaõ *deſpojamentos, e nudezas eſpirituaes*. Porem eſtas ſecuras dos Santos ſaõ muito differentes da inſenſibilidade, que ſe deſcobre no commum dos Chriſtãos, a qual he o effeito de huma muito notavel tibieza, e he o caſtigo da negligencia, que ha, em evitar os peccados veniaes, e em mortificar os deſejos do Seculo; he, em huma palavra, hum indicio manifeſto de hum amor languido e moribundo. Como porem as ſecuras dos Santos ſaõ por alguns olhadas como effeitos de hum eſtado de perfeiçaõ, e ainda meſmo eminente, e muitos livros dos novos miſticos ſe achaõ cheios dos louvores de hum tal eſtado; parece-me que inſenſivelmente ſe tem introduzido huma certa indifferença, e negligencia a reſpeito do eſtado de inſenſibilidade e eſtupidez, no que toca ao amor divino, em que ſe achaõ as almas ordinariamente; e iſto he hum erro pernicioſo: E outro ſim me parece que a diſtinçaõ nova do amor *appreciativo e intenſivo* he propria para arreigar eſte erro nos que naõ vem muito adiante, e para ſervir de véo, com que ſe encobre a priguiça no ſerviço de Deos. Por eſta razaõ quando algum quizeſſe ſervir-ſe deſta diſtinçaõ nos Catheciſmos, parece-me que ſe devera fazer bem entender, que poſtoque a ſenſibilidade do amor naõ ſeja mandada, ella comtudo

he

he de ordinario huma conſequencia do fervor ; e que a inſenſibilidade he hum indicio ordinario da tibieza e da relaxaçaõ : e que por iſſo ſe deve dahi tirar o incentivo, para ſe procurar levantar o fervor abatido por meio dos exercicios de huma ſolida piedade. He digno de ſer lido neſta materia o terceiro livro da ſegunda parte do Tratado da Oraçaõ do Senhor de Chantereſme.

§. XIII.

Os Authores das propoſiçoens condenadas tomavaõ os Actos das Virtudes Theologicas no ſentido do P. Sirmondo. Quaõ juſta foi a ſua condenaçaõ.

POREM voltemos ao P. Sirmondo. Elle, como vimos, naõ achava preceito algum que obrigaſſe a amar a Deos com *amor de affeiçaõ*, iſto he com amor verdadeiro e real: eſte, ſegundo elle, naõ era ſenaõ de conſelho, ou hum preceito de doçura e de mel : todo o preceito rigoroſo, e ſob pena de condenaçaõ, reduziaſe a hum amor de *metonimia*, e á ſecca obſervancia da Lei, ſem intençaõ e ſem motivo de amor, e ás obras exteriores, ſem que ſe olhaſſe niſſo ao affecto interior. Em huma palavra : negava-ſe abſolutamente o preceito de amar a Deos, poſtoque ſeja o primeiro, o maximo, e taõ inculcado : temia ſe porem o ſer precebido ás claras : e por iſſo ſe recorreo a inventar hum amor ſem affecto, e hum preceito ſem pena ; iſto he, hum amor que naõ he amor, e hum preceito que naõ he preceito. A diſtinçaõ, ou aquelle jogo de palavras, foi por elle inventado : porem a couſa em ſi naõ era delle. Elle

era

erà o interprete e o defenſor dos Theologos, que o haviaõ precedido, e dos quais foraõ extrahidas as propoſiçoens ao depois condenadas por Alexandre VII, e Innocencio XI. Eſte he o ponto de viſta, em que nos devemos pôr, para entendermos a verdadeira razaõ da condenaçaõ da quellas propoſiçoens tam deſarrazoadas. Porquanto aquelles pobres Theologos eſtavaõ bem longe de excluirem ou limitarem, como fizeraõ, a neceſſidade e o preceito dos actos das virtudes Theologaes, explicados no ſentido dos Eſcolaſticos; por ſe fundarem na ſuppoſiçaõ de dever o Chriſtaõ exercitar a fé, a eſperança, e a charidade nas obras, que ſe produzem por aquellas virtudes, e eſpecialmente nas obras da obſervancia da lei, produzidas e acompanhadas da affeiçaõ, do motivo, da intençaõ, e do interior da charidade, e aſſim quererem limitar eſte exercicio ás obras daquellas virtudes: Eſta naõ foi a ſua razaõ: O P. Sirmondo, ſeu defenſor, explica-nos claramente, que elles nada daquillo pertendiaõ. O deſignio em que elles haviaõ entrado era, o fazerem ligeiro o jugo de Chriſto. Pois ao meſmo tempo que S. Agoſtinho nos tem enſinado profundamente, que o amor he quem faz ligeiro e ſuave aquelle jugo, em ſi pezado e aſpero; elles pelo contrario julgaraõ allivialo, tirando aos homens as forças do amor, a vida, e as azas da charidade, ſem o que he impoſſivel que o ſupportem. A elles baſtavalhes ſó as obras, e o ſecco e material cumprimento da lei, iſto he, contentavaõ-ſe com a unica materialidade das obras exteriores. Iſto he o que reſpiraõ tanto aquellas propoſiçoens, como os ſeus livros. He eſcuſado moſtrar iſto com maior

miudeza. Baſta dizer que elles arruinaõ pelos ſeus fundamentos o verdadeiro culto chriſtaõ, e a verdadeira juſtiça chriſtãa, e eſtabelecem hum culto e huma juſtiça judaica, e muitas vezes pagãa, e outras ainda peior. S. Agoſtinho naõ reconhece culto algum verdadeiro, nem religiaõ, nem piedade, nem ſerviço algum divino, que naõ provenha de hum coraçaõ inflamado da charidade. *Quando a Deos elevamos o noſſo coraçaõ*, diz elle (a), *entaõ eſte he o ſeu altar... e lhe queimamos hum incenſo ſuaviſſimo, quando na ſua preſença nos abrazamos de hum amor pio e ſanto... Na ara do noſſo coraçaõ, por meio do fogo de huma fervoroſa charidade, lhe ſacrificamos a hoſtia da humildade e do louvor... Eisaqui qual he o culto de Deos, qual a verdadeira religiaõ, qual a recta piedade, qual a unica ſervidaõ, que lhe devemos.* Pelo contrario eſtes Authores naõ querem que o affecto interior tenha niſto parte alguma. Quem he que os ouvio já mais inculcar, que as Feſtas e os Domingos ſe devaõ ſantificar com obras de religiaõ, procedidas de hum coraçaõ verdadeiramente devoto e religioſo? Por ventura naõ he para elles baſtante o ceſſar das obras ſervís, e ouvir huma Miſſa? Ceſſar, digo, de trabalhos em ſi louvaveis, ſantos, e uteis á ſociedade e ás familias; e fazer ſucceder a hum trabalho, que he conforme ao eſpirito do chriſtianiſmo, naõ, como devia ſer, hum ſanto repouſo eſpiritual, mas ſim

(a) De civit. Dei l. 10. c. 1. *Cum ad illum ſurſum eſt, ejus eſt altare cor noſtrum... ei ſuaviſſimum adolemus incenſum, cum in ejus conſpectu pio ſanctoque amore flagramus... Ei ſacrificamus hoſtiam humilitatis & laudis in ara cordis igne ferventis charitatis... Hic eſt Dei cultus, hæc vera religio, hæc recta pietas, hæc tantùm debita ſervitus.*

ſim hum ocio contrario, naõ ſó á filoſofia chriſtãa, mas ainda meſmo oppoſto á honeſtidade gentilica? Ouvir ſim huma Miſſa, mas ſem a obrigaçaõ de levar a ella o ſacrificio de hum coraçaõ contrito, e humilhado, ou, pelo menos, que procure livrar-ſe do peccado mortal: antes em lugar de tudo iſto, ouvila com huma voluntaria e deliberada diſtracçaõ, e até com tençoens iniquas, e continuos penſamentos e viſtas impuriſſimas; contentando-ſe para a obſervancia do preceito tamſómente com a preſença material do corpo? Para cumprir com o preceito de immolar a Deos o ſacrificio de louvor, que ſe lhe tributa com as horas canonicas, naõ he para elles ſufficiente o proferir-ſe com a boca o material das palavras do Breviario, ſem ſe procurar ter a attençaõ, e muito menos a devoçaõ do coraçaõ? Para cumprir o preceito da confiſſaõ annual, e da cõmunhaõ Paſchal, baſta, ſegundo elles, receber a abſolviçaõ do Sacerdote, e comer o corpo do Senhor, poſtoque a confiſſaõ, como tambem a cõmunhaõ ſejaõ voluntariamente ſacrilegas. A fé naõ he neceſſario que ſe funde na veracidade divina; e ſerá fé chriſtãa, poſtoque apoiada em fundamentos humanos. A attriçaõ naõ he neceſſario que tenha motivo algum ſobre natural; com tanto que o motivo ſeja honeſto, baſta que ſeja humano. O meſmo ſe deve dizer de mil outras ſemelhantes monſtruoſidades acerca da materia, que reſpeita o culto divino, e a religiaõ; pois para elles as feſtas chriſtãas, os ſacrificios e os actos mais intimos da religiaõ, vem a ſer feſtas, ſacrificios, e ceremonias judaicas, taõ deteſtadas pela Eſcritura, e eſpecialmente por Iſaias.

Reſtava fazer judaica, e ainda meſmo pagãa, ou couſa peior, toda a juſtiça chriſtãa. E executaraõ iſto com huma ſó palavra, iſto he, ſó com dizerem que os preceitos do Decalogo naõ ſe devem obſervar por motivo de amor, e que o material das obras feitas, pertendendo obſervar a lei nellas, naõ deve tomar a ſua forma do principio da charidade divina: para eſte fim ſubſtituiraõ ao eſpirito de filhos adoptivos, que he o caracter da Igreja chriſtãa, o eſpirito dos eſcravos, iſto he, o temor da pena, que he o caracter da Synagoga: ou tambem o eſpirito da vaidade, do amor proprio, e do ſeculo, ou ao muito a honeſtidade natural, que he o eſpirito do Gentilismo. Eisaqui em que ſentido, e com que tranſtorno da moral elles negavaõ que houveſſe obrigaçaõ de crer, eſperar e amar: Eisaqui de que modo ſe oppunhaõ á neceſſidade e ao preceito dos actos deſtas virtudes.

Que ha pois que admirar, que doutrinas taõ perniciosas foſſem condenadas? A' viſta diſto naõ houve condenaçaõ que mais neceſſaria foſſe, nem mais ſólida, nem mais bem fundamentada. Porquanto eſta doutrina judaica e pagãa, e alguma couſa peior que a pagãa, (em quanto admittiaõ naõ ſó os motivos humanos honeſtos, mas ainda os que eraõ torpes) era huma doutrina, que atacava o amago, e o fundamento do culto chriſtaõ, e da juſtiça chriſtãa. E aſſim nada era mais facil do que deſcarregar ſobre elles toda a Eſcritura e a Tradiçaõ, para os aterrar com a confuſaõ e com os anathemas; pois todas as Eſcrituras, principalmente as do Novo Teſtamento, todos os Padres, todos os Concilios nos daõ huma idea diametralmente op-

oppoſta á que elles daõ da vida chriſtãa. Naõ ſaõ meramente as obras exteriores as que diſtinguem o Chriſtaõ, o Judeo, e o Gentio. Todos eſtes podem ſer niſſo iguais ſegundo diz S. Agoſtinho (a). *Pelo que toca*, diz elle, *ás obras exteriores, tanto os que temem a pena, como os que amaõ a juſtiça, obſervaõ o preceito* naõ furtarás; *e por iſſo ſaõ iguais no obrar, mas deſiguais no coraçaõ: iguais na obra, deſiguais na vontade.* Iſto he, differem pelo eſpirito interior, donde procedem as obras. O eſpirito do amor do ſeculo, ou ao menos o da honeſtidade natural, e do amor natural da virtude, da ordem, da patria, dos filhos e parentes, he quem forma o Gentio, o qual nunca ſe move a obrar pelo ultimo fim, que he Deos. As obras do Gentio, como Gentio, por eſpecioſas que pareçaõ, ſaõ por ſua natureza produzidas pela vãa gloria, pela ambiçaõ, pelo intereſſe, pelo prazer, pela propria ſatisfaçaõ, como diſcorre S. Agoſtinho, fallando das obras dos Romanos virtuoſos, nos ſeus livros da Cidade de Deos: E ainda no caſo meſmo, em que ſaõ produzidas pelo amor natural da virtude, da ordem, da patria, dos filhos, (amor que por ſi he bom e impreſſo pelo Author da natureza) alem de taes obras ſerem quaſi ſempre contaminadas pela vaidade, pela preſumpçaõ, e outros affectos vicioſos, nunca deixaõ de ſer ſempre defeituoſas, por lhes faltar a devida direcçaõ para Deos, como ultimo fim. Eſte amor todo terreno,

(a) In Pſalm. 77. *Nam quantum attinet ad facta, quæ forinſecus aguntur, & qui timent pœnam, & qui amant juſtitiam non furantur; & ideo pares ſunt manu, diſpares corde; pares opere, diſpares voluntate.*

no, e que nada tem de divino, e a que chama S. Agoſtinho amor do ſeculo, he o que forma a Cidade terreſtre, e a Babilonia; aſſim como o amor de Deos forma a Cidade celeſte, e a Jerusalem: *Dois amores*, diz elle (*a*), *ſaõ os que formaõ eſtas duas Cidades. O amor de Deos faz a Jerusalem, e o amor do ſeculo a Babilonia. Pelo que cada hum pergunte a ſi, que he o que ama, e ſaberá de que Cidade he cidadaõ.*

Todos ſabem que o eſpirito de temor forma o Judeo, e os filhos de Agar eſcrava; pois eſta he a doutrina trivial do Apoſtolo, e baſtantemente inculcada por S. Agoſtinho. Aquelle eſpirito faz com que ſe obſerve o material da lei, naõ por amor, como filho e como livre; mas pelo temor dos caſtigos temporaes e eternos, como eſcravo, ou ao muito, pela eſperança do premio, como mercenario. E porquanto ſegundo o Apoſtolo (*b*) *o cumprimento da lei he o amor*, ſegue-ſe que aonde naõ ha amor, naõ pode haver cumprimento da lei, como moſtra S. Agoſtinho em infinitos lugares: *Poder-ſe-hia talvez julgar*, diz o S. Doutor, *ſer quaſi ſufficiente para a juſtificaçaõ a lei poſta por obra, como he executada exteriormente, por aquelles, que quereriaõ que naõ foſſe mandado, o que elles obraõ, mas naõ do coraçaõ; e iſſo naõ obſtante fazem-no, e por eſſa razaõ parecem andar pelo caminho da lei. Porem naõ querem andar; porque o naõ fazem do coraçaõ. E aſſim de nenhum modo*

ſe

(*a*) In Pſalm. 64. & de Civ. D. l. 14. c. ult. *Duas iſtas Civitates faciunt duo amores: Ierusalem facit amor Dei, Babyloniam facit amor ſæculi. Interroget ergo ſe quisque quid amet, & inveniet unde ſit civis.*

(*b*) *Ad Rom. c. 13. v. 20.*

se faz do coraçaõ aquillo, que se faz por medo da pena, e naõ por amor da justiça (a).

O espirito do christianismo consiste na fé, sostida pela esperança, e obrando por meio da charidade. A charidade he a que encerra as duas primeiras, e he o espirito que faz o christaõ filho de Deos, e faz clamar a elle chamando-o Pai; o Gentio porem he hum estranho, e o Judeo naõ he mais que hum escravo. As virtudes da fé, da esperança, e charidade saõ as que causaõ no Christaõ toda a mudança, destruindo nelle o homem velho, que traz em si a imagem do primeiro Adaõ, e creando hum novo, á semelhança de Deos, em huma verdadeira justiça e santidade. A fé muda nelle as luzes e as maximas, extinguindo as falsas luzes do seculo, e alumiando-lhe os olhos com os raios da sabedoria celeste, que saõ a lanterna para os seus pés, e a luz para os seus passos. A esperança muda-lhe os apoios, as alegrias, e os temores, naõ pondo dahi por diante a sua confiança nem nos homens, nem nas riquezas, nem nos thesouros; nem a sua alegria nos prazeres, e nas dignidades, nem o seu temor nas perseguiçoens, nas calumnias, na pobreza: confiando tamsómente no poder e bondade de Deos, alegrando-se com a esperança dos bens eternos, e porisso regozijando-se com os trabalhos, e no meio do despojo dos bens temporais; ani-

(a) In Psalm. 77. n. 10. *Poterat enim putari lex operum quasi sufficere ad justificationem, cum ea, quæ præcipiuntur, forinsecus fiunt ab illis hominibus, qui mallent non præcipi, quæ non ex corde faciunt, & tamen faciunt, ac per hoc videntur ambulare in Lege Dei. Sed nolunt ambulare; non enim ex corde faciunt. Ex corde autem nullo modo fieri potest, quod formidine fit pœnæ, non dilectione justitiæ.* Vid. Nat. Alex. de Decal. c. 2. a n. 7.

animado da viva confiança de os trocar com ſummo ganho por riquezas e gloria duraveis, e por ſuaviſſimos prazeres. O amor muda-lhe as vontades e as forças, fazendo com que naõ ame o mundo, nem as couſas que ha nelle; mas ſim o Creador do mundo; faz com que eſteja crucificado para o mundo, e o mundo para elle, e que viva, naõ já elle, mas Chriſto, novo homem e novo Adaõ, nelle. Quando eſtas virtudes ainda ſaõ no Chriſtaõ piquenas e meninas, entaõ tambem o homem novo he menino: ainda he tenro e debil, e padece ainda muito as enfermidades dos meninos: penſa como menino, falla como menino, obra como menino. Porem á proporçaõ que creſcem aquellas virtudes, e ſe vaõ fazendo adultas e fortes, tambem os ſeus penſamentos, palavras e obras ſantas vem a ſer mais ſolidas, e mais frequentes; até que chegando a homem perfeito, chegando á medida da idade cheia, de Chriſto, tudo o que era de menino deſaparece. E aſſim os Authores, que eraõ do ſentimento do P. Sirmondo, excluindo o affecto, a intençaõ e o motivo do amor do exterior das obras, que ſe praticaõ pertendendo obſervar a lei; e ao meſmo tempo naõ achando preceito para a crença, eſperança, e amor, que ſaõ virtudes Theologaes, o qual preceito foſſe formal e por ſi obligatorio das meſmas; ſe reſolveraõ a negar a neceſſidade do exercicio dos actos daquellas virtudes, ou o limitaraõ a huma vez na vida, ou ao muito a cada cinco annos. E por eſſa razaõ naõ ſó ſaõ culpados de haverem limitado a tempos demaſiadamente raros os chamados actos dos Eſcolaſticos, que ſaõ proteſtaçoens verbais,

ex-

expreſſoens, e conceitos de fé, eſperança e charidade: por quanto ſe a ſua culpa conſiſtiſſe niſto, ella ſeria muito piquena, (pois aquelles meſmos que fazem conſiſtir niſto toda a ſua culpa, eſſes meſmos requerem huma frequencia daquelles actos pouco maior, reduzindo o exercicio da fé e da eſperança a huma ſó vez no anno, e o do amor a alguma maior frequencia, porem com tanta perplexidade, e tanta contrariedade entre ſi, como ſe vio no §. XI, que bem ſe vê que naõ tem authoridades terminantes na Eſcritura, ou na Tradiçaõ para condenarem os ſeus adverſarios) ſeria pois, torno a dizer, muito diminuta a ſua culpa, ſe niſſo ſó conſiſtiſſe: E aſſim a ſua verdadeira culpa conſiſte em quererem deſpojar todo o complexo dos penſamentos, dos diſcurſos, e das obras, praticadas para a pertendida obſervancia da lei, do *affecto*, da *intençaõ*, e do *motivo* interior da charidade, e poriſſo deſpojalas ao meſmo tempo da eſperança e da fé: em pertenderem por iſſo meſmo, que ſe pode cumprir a lei ſem o amor, o qual he a plenitude da meſma, ſegundo diz o Apoſtolo: em ſubſtituirem á juſtiça chriſtãa, que naſce da fé, e que he nutrida com a eſperança, e formada pela charidade, huma juſtiça judaica, produzida pelo temor, ou huma juſtiça pagãa produzida por intençoens vicioſas de hypocriſia, de vaidade, e de intereſſe, e atisfaçaõ propria: em deſtruir o verdadeiro cuto divino e chriſtaõ, o qual naõ pode ſubſiſtir ſem o amor, eſperança, e fé; voltando em judaicas, e poriſſo abominaveis a Deos ſegundo Iſaias, as feſtas, os ſacrificios, os ſacramentos, e as ceremonias da Religiaõ Chriſtãa.

ſtãa. Eisaqui qual he, ao meu parecer, a ſua culpa, da qual poſtoque talvez ſe poſſaõ eſcuſar os Authores, recorrendo a ſua boa intençaõ; comtudo ſemelhante doutrina, olhada em ſi, deve-ſe julgar digna de todos os anathemas, e aſſim ter-ſe por juſta a condenaçaõ, que della fez a S. Sede; e bem merecido o aplauſo, com que aquella condenaçaõ foi recebida por toda a Igreja Catholica.

§. XIV.

Os Eſcolaſticos modernos, ao meſmo tempo que combatem a doutrina do P. Sirmondo, e a dos Authores das propoſiçoens condenadas, naõ ſe affaſtaõ baſtantemente dos inconvenientes da ſua doutrina.

RECEIO que a doutrina dos noſſos Eſcolaſticos modernos, os quais naõ daõ outro ſentido á condenaçaõ daquellas propoſiçoens mais, do que o eſtabelecer ella a obrigaçaõ e o preceito de exercitar os actos de fé, e eſperança, mais de huma vez na vida, e os de charidade mais do que cada quinquennio; e alem diſſo reduzem eſtes actos tamſómente a penſamentos, palavras e affectos interiores; recio, digo, que a doutrina dos noſſos modernos Eſcolaſticos, naõ ſe affaſte muito das máſqualidades, com que he taxada a doutrina dos ſeus adverſarios. Porque 1.° ſe a Eſcritura, e a Tradiçaõ provaõ contra aquelles Authores condenados, que ha huma obrigaçaõ formal de crer, eſperar, e amar, e iſto mais de huma vez na vida, e mais do que cada quinquenno; naõ pro-

provaõ tambem igualmente a meſma Eſcritura e Tradiçaõ contra os meſmos, que o exercicio deſtas virtudes deve ſer moralmente continuo, e naõ com taõ grandes intervallos, nem com actos taõ momentaneos, como os modernos Eſcolaſticos eſtabelecem? Se o juſto vive da fé, e as verdades que ella nos deſcobre ſaõ a lanterna para os noſſos pés, e luz para os noſſos paſſos; como poderá deixar de ſer continua igualmente a fé, como he neceſſario que ſeja continua a noſſa vida eſpiritual; e que as ſuas luzes nos ſejaõ ſempre taõ preſentes como ſaõ continuos os paſſos neſta noſſa peregrinaçaõ? Se o Apoſtolo quer que nos preſentemos a Deos ſantos e imaculados, iſto naõ o poderemos praticar, ſegundo elle meſmo diz (*a*), ſe naõ perſeverarmos taõ immoveis na eſperança do Evangelho, como perſeveramos apoiados e firmes na fé: ſe nos continuos trabalhos e tempeſtades deſte ſeculo naõ correrмos a apegarnos á eſperança, que nos he propoſta, e que deve ſervir á noſſa alma como de huma ancora ſegura e firme, e de hum fortiſſimo conforto (*b*): ſe naõ mantivermos immovel a confiſſaõ da noſſa eſperança (*c*), eſperando em Deos deſde a madrugada até á noite, e deſde agora para ſempre (*d*). Finalmente a força do preceito do amor, que exige de nós todo o coraçaõ, alma, entendimento, e forças; que naõ deixa, ſegundo S. Agoſtinho, livre e ſenhora de ſi parte alguma da noſſa vida; que, ſegundo S. Pedro, deve ſer em nós continuo; que, ſegundo S.

(*a*) Ad Coll. c. 1. v. 23.
(*b*) Ad Hebr. c. 6. v. 18. 19. (*c*) Ad Hebr. c. 10. v. 23.
(*d*) Pſalm. 129.

S. Paulo, deve acompannar todas as noſſas acçoens; que he aquella graça do Novo Teſtamento, geradora e ſantificadora de todas as reflexoens, palavras, e obras chriſtãas; que he a vida da alma; que he o eſpirito, por que ſaõ guiados os filhos de Deos; que he hum habito, ſem o qual, nem hum ſó momento, pode eſtar o Chriſtaõ, ſem que ſe lhe ſigua a morte, porem que tambem naõ pode eſtar ocioſo, e ſem produzir nas occaſioens, que ſaõ continuas, os actos que lhe ſaõ proprios; eſta força, digo, e extenſaõ do preceito do amor naõ apregoaõ altamente, que o exercicio da charidade deve ſer moralmente continuo e inceſſante?

2.º E em ſegundo lugar, ſe a diſtinçaõ do P. Sirmondo he inſubſiſtente e chimerica pelo que reſpeita ao ſeu amor effectivo e ſem affeiçaõ, naõ he menos falſa pelo que toca ao outro membro do amor affectivo ſem effeito. Com effeito ſerá por ventura menos inculcada eſta verdade nas Eſcrituras e nos Padres? He por ventura menos clara no ſentir cõmum dos homens? Se Noſſo Senhor diſſe: *Quem me naõ ama, naõ guarda os meus preceitos*, no que deſtroe o amor effectivo ſem affeiçaõ do P. Sirmondo; naõ diſſe tambem o meſmo Senhor no meſmo lugar: *Quem me ama, guardará as minhas palavras*, no que deſtroe o amor affectivo ſem obras? Aquelles, que ſe liſongeaõ de amar, porque fazem ſem difficuldade huma proteſtaçaõ, ou, como dizem os noſſos Eſcolaſticos, hum acto de amor, dizendo: *Amovos, meu Deos*, devem-ſe lembrar daquélle bello dito de S. Gregorio o Grande (*a*): *Se algum de vós he pergunta-*

(*a*) Hom. 30. in Evang. *Si unusquisque veſtrum requiratur, an*

do, ſe por ventura ama a Deos, reſponde com toda a confiança e ſegurança: Amo. Porem no principio da liçaõ bem ouviſtes o que diz a Verdade, e he; ſe alguem me ama, guardará as minhas palavras. Pelo que a prova do amor, he o moſtralo por obra. E aſſim o S. Padre quer: *Que cada hum entre no ſeu interior: e que alli inquira ſe ama verdadeiramente a Deos. Por iſſo ninguem dê credito a ſi, reſponda o que reſponder o ſeu interior, ſem que a reſpoſta ſeja atteſtada com as obras. A reſpeito do amor de Deos devem ſer inquiridas as palavras, o entendimento, e a vida.* E dá diſto huma bem ſolida razaõ. *Por quanto o amor de Deos nunca eſtá ocioſo. Elle obra couſas grandes quando exiſte; porem ſe recuſa obrar, entaõ naõ exiſte* (a). Iſto confirma S. Joaõ, dizendo (b): *Aquelle que diz que o conhece, e naõ guarda os ſeus mandamentos he hum mentiroſo, e naõ ha nelle a verdade: mas ſe algum guarda a ſua palavra, he nelle verdadeiramente perfeito o amor de Deos.* E mais abaixo conclue (c): *Filhinhos ninguem vos ſeduza: aquelle que faz obras de juſtiça he juſto*: o que elle logo explica dizendo (d): *Meus Filhinhos, naõ amemos de palavra, mas por obra e em verdade.* S. Agoſtinho falla pelo meſmo modo em infinitos lugares, en-

---

an diligat Deum, tota fiducia & ſecura mente reſpondet: Diligo. In ipſo autem lectionis exordio audiſtis, quid Veritas dicit: ſiquis diligit me, ſermones meos ſervabit. Probatio ergo dilectionis exhibitio eſt operis.

(a) *Ad vosmet ipſos, fratres chariſſimi, introrſus redite: Si Deum vere amatis, requirite. Nec tamen ſibi aliquis credat, quidquid ſibi animus ſine operis atteſtatione reſponderit. De dilectione conditoris lingua, mens, & vita ipſa requirantur. Nunquam eſt amor Dei otioſus. Operatur enim magna, ſi eſt, ſi vero operari renuit, amor non eſt.*

(b) 1. Ep. Joan. c. 1. v. 4. 5. (c) Ib. c. 3. v. 7. (d) Ib. v. 18.

entre os quais em couſa taõ clara baſte o ſeguinte (a): *Ninguem ſe engane dizendo, que ama a Deos, ſe naõ guarda os ſeus preceitos: pois em tanto o amamos, em quanto guardamos os ſeus preceitos; e quanto menos obſervamos os ſeus preceitos, menos o amamos.* He couſa ſuperflua acarretar mais authoridades em hùma couſa, que he clara pelo ſentir cõmum dos homens: por quanto quem he aquelle, que ſe naõ exporia ao riſo de todos os homens, ſe fallaſſe do amor humano pelas ideas dos noſſos Eſcolaſticos? Que amor he eſte de nova invençaõ, diriaõ os homens, que tem o affecto, mas nada tem de obra? Que amor he eſte que tem ternura no coraçaõ, e nas palavras, e que pára niſſo, ficando inefficaz para a mais piquena obra? He eſte aquelle amor, que ſe deve dar entre o Pai e o Filho, entre o Eſpoſo e a Eſpoſa, entre o amigo e o outro amigo? Com effeito he milhor ter hum creado pago, que nos ſirva ſem amor, mas com diligencia, do que ter hum filho, hum eſpoſo, hum amigo que ſe desfazem em ternuras para nós, e nos eſtaõ rodeando todos os dias com expreſſoens de amor as mais affectivas, mas naõ movem nem hum dedo em noſſo ſerviço. Eſtas ternuras ſaõ ſonhos, e taes expreſſoens e requebros ſaõ puras mentiras.

3.º Pelo que ſe os Authores das propoſiçoens condenadas deſtruiraõ quaſi toda a juſtiça chriſtãa, parece igualmente evidente que os ſeus modernos Adverſarios a tem ao menos nota-

(a) Tract. 82. in Joan. *Nemo ſe fallat dicendo, quod Deum diligat, ſi ejus præcepta non ſervat; nam in tantum eum diligimus, in quantum ejus præcepta ſervamus: in quantum autem minus ſervamus, minus diligimus.*

tavelmente enfraquecido *neſta parte dos ſeus Tratados*. Porquanto conſiſtindo a juſtiça chriſtãa na fé, eſperança, e charidade, elles por huma parte aſſinaõ para o exercicio deſtas virtudes, eſſenciaes á meſma juſtiça, tempos demaſiadamente raros e momentaneos, como ſaõ, o de huma vez no anno para a fé e eſperança, e poucas vezes no anno para a charidade: e por outra parte elles meſmos, depois de taõ longos intervallos, quando ainda meſmo entaõ ſe eſperavaõ actos ſolidos e verdadeiros, nada mais nos propõem, do que reflexoens, proteſtaçoens, e palavras. Diſſe de propoſito: *neſta parte dos ſeus Tratados*: pois, fazendo-lhe juſtiça, conhecemos que n'outras occaſioens dizem o que nós dizemos, como veremos mais abaixo.

4.º Daqui ſe ſegue que os modernos Eſcolaſticos, contra a ſua intençaõ, por huma parte, ao meu parecer, alargaõ demaſiadamente a doutrina Evangelica, que nos obriga ao exercicio moralmente continuo das virtudes Theologaes, eſſenciaes e inſeparaveis da juſtiça chriſtãa: e por outra parte cahem igualmente, ao meu parecer, em hum exceſſivo rigor, inventando hum novo preceito do exercicio deſtes ſeus actos, dos quais (entendidos no ſeu ſentido acima explicado no §. V) naõ ſe acha mandamento algum nem na Eſcritura, nem na Tradiçaõ; e alem diſſo, elles meſmos nem ſe podem entre ſi concordar, nem determinarem por ſi com ſegurança quais ſejaõ os tempos, em que obriga aquelle preceito, como já ſe vio no §. II.

5.º Se a diſtinçaõ do P. Sirmondo he nova e deſconhecida aos Padres, (pois a paſſagem

de

de S. Bernardo, de que elle abuſa, he expreſſamente contra elle); entaõ os Theologos que a admittem, por muito que evitem a doutrina erronea, que elle eſtabelece ſobre aquella diſtinçaõ, naõ evitaõ o inconveniente de admittirem huma diſtinçaõ taõ nova e chimerica; e aſſim introduzirem novos vocabulos na Theologia, por meio dos quais ſe obſcurecem as Eſcrituras e a Tradiçaõ; abre-ſe inſenſivelmente a porta ao erro e ás diſputas; e falla-ſe ao Povo com huma lingoagem barbara, e que lhe he ininteligivel. A meſma lingoagem, de que uſaõ os modernos Eſcolaſticos, exprimindo com o nome de *Actos* as ſimples reflexoens, conceitos, e proteſtaçoens de fé, eſperança e charidade, he da meſma caſta: porquanto ella he nova, nem uſada nas Eſcrituras, nem pelos Padres, nem pela Igreja; antes contraria ao ſentido, em que uſa a Eſcritura, os Padres, e a Igreja do nome de *actos*: alem diſſo, huma tal lingoagem he differente da ſignificaçaõ, que ao dito vocabulo de *actos* cõmumente lhe dá o povo: e tudo iſto concorre para obſcurecer huma taõ importante doutrina, como com effeito ſe tem obſcurecido, e já acima ſe moſtrou nos primeiros paragrafos deſta piquena obra

6.º Alem diſto, ſe por huma parte da doutrina do P. Sirmondo, e da dos que o ſeguem, ſe coſtuma eſpalhar huma moral ſegurança, que tranquiliza aquelles Chriſtãos, que ſaõ amantes do mundo; por outra parte, da doutrina dos modernos Eſcolaſticos coſtumaõ naſcer muitos eſcrupulos e anxiedades nas almas das peſſoas timoratas, como a experiencia tem bem enſinado, e continuamente enſina.

Por-

Porque primeiramente as meſmas peſſoas inſtruidas naõ podem deixar de entrar em huma racionavel inquietaçaõ ſobre a moral certeza, que devem ter, de haverem cumprido com o preceito deſtes actos, o qual ſe lhes propõe como grave, e debaixo da pena da condenaçaõ eterna; vendo ao meſmo tempo que aquelles, que inculcaõ a ſua gravidade, de nenhum modo ſabem fixar os tempos, em que ſe deve cumprir, mas antes ſaõ contrarios entre ſi nos ſeus pareceres, como já ſe vio. Porem com quanta mais razaõ ſe inquietam as peſſoas ſimples e idiotas? Conhecem muito bem iſto os Parrochos, e outros que ſe applicaõ á direcçaõ das almas. Os que já ſaõ velhos ficaõ perturbados, por naõ terem ouvido explicar huma ſemelhante doutrina na ſua mocidade, e aſſim ficaõ na anxiedade do juizo, que ſe deve fazer a reſpeito da vida paſſada, na qual naõ exerceraõ ſemelhantes actos, dos quais entaõ naõ tinhaõ noticia: Outros vendo apparecer de quando em quando novas formulas, as quais ſe propõem como unicas e verdadeiras por aquelles, que as eſpalhaõ, entraõ no receio do valor das primeiras até entaõ uſadas; do que temos hum bem freſco e eſtrondoſo exemplo, alem de outros, acontecido em certo paiz: Outros enchem-ſe de pena por naõ poderem decorar ſemelhantes formulas, para uſarem dellas, e iſſo ou por falta de inſtrucçaõ, ou pela ſua ruſticidade natural.

Eſte inconveniente, que naõ he pequeno, fica inteiramente deſvanecido, todas as vezes que ſe explique naturalmente a verdadeira doutrina da Igreja. Por quanto dizendo-ſe ao Po-

vo que he preciſo dirigir tudo o que ſe penſa, ſe diz, e ſe faz para gloria de Deos, e que iſto he hum continuo exercicio de fé, eſperança, e charidade, o qual por huma parte he neceſſario, e pela outra he ſufficiente para cumprir os preceitos divinos; entaõ aſſim como ſe naõ liſongeam as conſciencias com a idea de huma falſa juſtiça, aſſim tambem naõ ſaõ perturbadas com temores falſos. Deſte modo todos percebem, todos ficaõ perſuadidos, todos ficaõ com luzes para verem qual he aquillo, em que verdadeiramente tem faltado; todos ficaõ ſocegados ſobre a omiſſaõ do uſo das fórmulas, as quais faõ uteis e recõmendaveis, como veremos, das quais porem naõ ha preceito algum, como já temos viſto.

§. XV.

Que por outra parte os meſmos Eſcolaſticos confirmaõ a doutrina, que havemos eſtabelecido, acerca do ſentido amplo, que ſe deve dar á palavra Actos. Que eſte he em ſubſtancia o meſmo parecer e doutrina de S. Thomaz.

HE tempo de juſtificar os Eſcolaſticos, contra os quais hei até aqui tomado partido, como prometti no §. antecedente n. 3. Tenho dito, e he verdade, *que nos lugares onde os Eſcolaſticos modernos tratão da neceſſidade dos actos das virtudes theologicas*, elles tomaõ a palavra *Actos* em hum ſentido differente daquelle, que exprime a lingoagem da Eſcritura, dos Padres, da Igreja, e do povo; e aquelle ſeu ſentido he por el-

elles demaſiadamente reſtringido, e limitado, como já moſtramos no §. V. Daqui naſce a grande obſcuridade que elles encontraõ neſta doutrina tam eſſencial, e que os faz ficar, olhados cada hum de per ſi, perplexos, e comparados huns com os outros tambem entre ſi diſcordes, como já ſe vio no §. II. Eſte ſentido aſſim e daquella maneira reſtringido e attribuido á palavra *Actos*, reduzindo eſtes a meras reflexoens, conceitos e proteſtaçoens, ſeparadas de tudo o que tende á obſervancia dos mais preceitos, dá huma muito fraca idea das virtudes Theologaes; propondo-as como ſenaõ influiſſem em todos os penſamentos, palavras e obras do Chriſtaõ; idea inteiramente contraria á que nos daõ as Eſcrituras, e os Santos, os quais apregoaõ os maravilhoſos effeitos das virtudes Theologaes: Aquelle meſmo ſentido attribuido á palavra *Actos* fortifica a diſtincçaõ chimerica dos dois amores *effectivo e affectivo*; e enfraquece por extremo a idea, que ſe deve ter da juſtiça chriſtãa, como ſe moſtrou deſde o §. VI. até aqui. Tudo iſto he a meſma verdade. Porem ſe os ſobreditos Eſcolaſticos aſſim penſaõ *naquelle lugar dos ſeus Tratados*, nem poriſſo aquelles digniſſimos Eſcritores deixaõ de dizer em outros lugares aquillo meſmo, que eu aqui pertendo; e aſſim, no que he ſubſtancial e eſſencial, concordaõ perfeitamente cómigo neſſes meſmos lugares. Naõ ſe trata aqui de juſtificar os Eſcolaſticos mais antigos, e principalmente o Doutor Angelico, cuja doutrina neſte particular naõ he menos ſolida do que luminoſa; trata-ſe ſim de juſtificar aquelles modernos, de que fiz mençaõ no §. II, os quais eu

pareço ter em vista nesta minha obra ; bem que para elles eu tenha hum summo respeito , bem merecido pela sua profunda doutrina , e pelo zelo , com que tem pugnado pela verdadeira e sãa Moral.

O dignissimo e zelosissimo P. Concina justifica-se a si , e a outros mais plenamente no fim do tratado da necessidade dos actos de charidade com as palavras seguintes , que perfeitamente provaõ o que eu pertendo.

„ Quero que por fim advirtas (o que já „ advertiraõ outros Theologos , como Carde- „ nas , Lorca , Leandro) que os Catholicos que „ saõ de boa vida cumprem facilmente este pre- „ ceito da charidade. Por quanto *muitos delles „ todos os dias fazem actos de charidade* ainda „ sem o advertirem. Pois *posto que façaõ aquelles „ actos quando exercitaõ outras virtudes , com „ tudo assim mesmo praticados saõ sufficientes para „ cumprirem o preceito de que tratamos.* Com ef- „ feito os fieis que rezaõ devotamente o Padre „ Nosso , amaõ a Deos : pois pedem que seja „ o seu nome sanctificado : amaõ tambem a „ Deos , quando por amor delle socorrem os „ pobres , quando soffrem alegremente as inju- „ rias , que se lhes fazem , quando mortificaõ „ o seu corpo com jejuns : e finalmente amaõ „ a Deos *os que observaõ exactamente os preceitos „ da lei* , e cumprem com diligencia as obriga- „ çoens do seu estado (*a*).

Naõ

(*a*) Differt. 4. de char. c. 9. n. 13. *Ultimo observes velim , (quod etiam animadvertunt Cardenas , Lorca , Leander) catholicos bene moratos facillime implere hoc mandatum charitatis. Plures siquidem quotidie charitatis actus edunt , etiam non advertentes. Quandoquidem licet eliciantur ob aliarum virtutum exercicia , sa-*

tis

Naõ ſe podia deſejar huma paſſagem que mais clara foſſe, para ſe vêr, que, em ſubſtancia, elle he do meſmo ſentimento em tudo o que eu pertendo. Eisaqui temos os Actos da charidade tomados em hum ſentido natural, e popular, e conformes á Eſcritura, Padres, e Igreja. Eſtes actos já naõ ſaõ meros penſamentos, exprimidos com palavras formuladas ſegundo as regras dos Eſcolaſticos, e deſacompanhadas de obras: ſaõ ſim oraçoens chriſtãas; ſaõ eſmolas, perdaõ das injurias, maceraçoens da carne, cumprimento das obrigaçoens do proprio eſtado; ſaõ, em huma palavra, huma verdadeira obſervancia do Evangelho. Com bem o digamos: já lhe naõ faz eſcrupulo o meſmo termo dos Eſcolaſticos (*elicere*), iſto he, *fazer*, do qual ſe ſervem para exprimirem os actos de charidade, e de tal ſorte proprios da charidade, que ſenaõ poſſaõ attribuir a outra qualquer virtude; pois os meſmos Eſcolaſticos querem que os actos das mais virtudes ſaõ ſim *mandados* (*imperati*) pela charidade, mas naõ ſaõ *feitos* (*eliciti*) pela meſma, como he doutrina de S. Thomaz. Iſto porem naõ importa ao P. Concina. Pois, ſegundo elle diz, aquellas obras ſaõ actos de charidade, poſto que ſe *façaõ* (*eliciantur*) *para cumprir com o exercicio das mais virtudes, e por iſſo*, diz elle, *ſaõ ſufficientes para cumprir o preceito da frequencia dos actos de charidade*.

---

tis ſunt ad implendum mandatum. Porro fideles, qui devote recitant Precationem Dominicam, Deum amant; cum, ut ſanctificetur ſanctiſſimum nomen illius, orent: Deum amant, cum ob illius amorem pauperibus ſuccurrunt, injurias ſibi illatas hilari fronte perferunt, corpus jejuniis macerant; qui denique præcepta legis exacte ſervant, & propriæ profeſſionis penſum impigre ſolvunt.

ridade. E tem razaõ, pois quer elles ſejaõ *feitos* (*eliciti*), quer ſejaõ *mandados* (*imperati*), (com que ſenaõ embaraça nem a Eſcritura nem os Padres) ſaõ verdadeiramente e realmente aquelles actos produſidos pela charidade. Eſſa meſma charidade, ſegundo diz o meſmo Concina (*a*), he o principio de todos aquelles actos, que merecem a vida eterna, o que elle aprendeo em S. Thomaz. Peloque todos os actos de todas as virtudes chriſtãas ſaõ ao meſmo tempo actos de charidade: porque ſaõ actos de huma virtude particular, em quanto tem na pratica hum objecto particular proprio daquella virtude; porem ſaõ tambem ao meſmo tempo actos de charidade, em quanto ſaõ produzidos pelo geral motivo deſta virtude, que move o homem a tender para o ſeu ultimo fim. E aſſim (pelo menos em quem tem a charidade) todas as virtudes ſaõ a meſma charidade, diverſificada ſegundo os ſeus differentes objectos, como enſina S. Agoſtinho (*b*): *Naõ teria duvida de affirmar*, diz elle, *que a virtude naõ he outra couſa mais do que hum ſummo amor de Deos: Porque a diviſaõ da virtude em quatro eſpecies, quanto a mim, divide-ſe aſſim pela varia affeiçaõ do meſmo amor... Pelo que podemos definir aſſim aquel-*

(*a*) Loc. cit. cap. 2. n. 3.

(*b*) L. 1. de Mor. Eccl. cath. c. 17. *Nil omnino eſſe virtutem affirmaverim, niſi ſummum amorem Dei. Namque illud, quod quadripartita dicitur virtus, ex ipſius amoris vario quodam affectu, quantum intelligo, dicitur... Quare definire etiam ſic licet: ut temperantiam dicamus eſſe amorem Deo ſeſe integrum incorruptumque ſervantem: fortitudinem amorem omnia propter Deum facile perferentem: juſtitiam amorem Deo tantum ſervientem, & ob hoc bene imperantem ceteris, quæ homini ſubjecta ſunt: prudentiam amorem bene diſcernentem ea, quibus adjuvetur in Deum, ab iis, quibus impediri poteſt.*

aquellas coatro especies, se dissermos, que a temperança he o amor, com que inteira e incorruptamente nos conservamos para Deos: que a fortaieza he o amor de soffrer tudo voluntariamente por Deos: que a justiça he o amor que taõ somente serve a Deos, e porisso governa bem os outros, que lhe estaõ sujeitos: que a prudencia he o amor que sabe discernir aquellas cousas, que o levaõ para Deos, das que o impedem disso.

De tudo isto tambem se segue que se estes verdadeiros actos saõ sufficientes para cumprir com o preceito da charidade, esses mesmos saõ ao mesmo tempo sufficientes para cumprir com o preceito da fé e da esperança. Porque onde está a charidade ahi tambem está necessariamente a fé e a esperança; pois que, como ensina S. Thomaz (*a*): *A charidade de nenhum modo pode estar sem a fé e a esperança.* E S. Agostinho diz (*b*): *Que onde está o amor, ahi necessariamente se acha a fé e a esperança.* Veja-se o segundo consectario do cap. 14, onde o P. Concina mais extensamente, e com cores rethoricas, trata dos verdadeiros actos de charidade; os quais elle faz consistir nas obras, e onde elle tambem nos acautella das illusoens da falsa e feminil espiritualidade, que só preza a sensibilidade e as ternuras.

Naõ merece menos o fazer-se-lhe justiça, o Besombes. Este depois das passagens, que delle citamos no §. II., dá huma advertencia muito importante, e he a segunda, muito conforme aos meus sentimentos. Adverte pois, que nos de-

ve-

(*a*) 1. 2. q. 65. art. 1. in corp. *Charitas sine fide & spe nullo modo esse potest.*

(*b*) Tract. 83. in Ioan. *Vbi dilectio, ibi necessario fides & spes.*

vemos acautelar da hallucinaçaõ de ſubſtituirmos aos verdadeiros actos de amor os penſamentos ſem efficacia, ou palavras e expreſſoens ternas, porem ſó de boca, ou ainda meſmo ternuras cordiaes e ſenſiveis, porem ſem ſerem acompanhadas da obſervancia dos preceitos divinos. O amor, diz elle, he huma couſa mais ſolida: he hum movimento da vontade, que nos tranſporta para Deos: he hum pezo, que nos inclina para elle, e nos faz obſervar os ſeus mandamentos, ainda minimos. Eſte Author nos faz preſente o aviſo de S. Joaõ, de naõ amarmos ſomente com as palavras, e de lingoa: quer que julguemos do amor divino, como coſtumamos julgar do amor natural. O amor do amigo para com o ſeu amigo naõ ſe encerra, diz elle, em dizerlhe: *eu te amo*; porem quando ſe ama verdadeiramente tem-ſe goſto em lembrar-ſe delle, falla-ſe delle frequentemente, defende-ſe-lhe a ſua honra, procuraõ-ſe-lhe as vantagens, ſente-ſe triſteza com os ſeus deſaſtres, e ha alegria nas ſuas proſperidades. O amor da eſpoſa para com o marido e para os filhos, continua elle, naõ ſe reſtringe tambem em dizer-lhe taõ ſomente, e ainda meſmo do coraçaõ: *eu amo o marido, e os filhos*; mas ſim occupa-ſe toda em cuidar delles, em procurar-lhes a ſua ſatisfaçaõ e contentamento; em huma palavra, em lhes preſtar todos os officios de huma mãi amoroſa, e igualmente conſorte deſvelada e terna. Eisaqui pois temos tambem de acordo com o que diſſemos, os ſentimentos deſte digniſſimo Theologo.

Eſtaõ pois de acordo no meſmo todos os Theologos, que eu acima lembrei, e todos elles

ſaõ

saõ conformes em inculcarem a obrigaçaõ de obſervar a lei por motivo de charidade, e de ſe deverem referir todas as acçoens a Deos. E iſto vem a dar juſtamente em tudo o que pertendo eſtabelecer; e he, que o grande preceito do amor de Deos, que encerra o do amor do proximo, ſe cumpre naõ tanto com os actos dos Eſcolaſticos tomados no ſentido, que havemos expoſto, iſto he, com os penſamentos, reflexoens e proteſtaçoens; mas ſim com factos, iſto he, regulando e dirigindo todos os penſamentos, palavras e obras pela luz da fé, pelo apoio da eſperança, e pelas forças da charidade, e tudo iſto para o fim de obſervar a divina lei.

Por iſſo julgo que he preciſo vigiar cuidadoſamente neſta materia, para que naõ ſucceda ſeparar-ſe no amor divino nem o affecto das obras, nem as obras do affecto. O affecto ſem obras he huma illuſaõ: e as obras ſem affecto, iſto he, ſem a intençaõ e o motivo do amor, naõ ſaõ de modo algum amor, mas ſaõ ou temor, ou amor natural do honeſto, ou vaidade, ou intereſſe, ou outra couſa. Porem os penſamentos, palavras e obras, que ſaõ produſidas pelo affecto, pelo motivo, pela intençaõ do amor divino, ſaõ certamente verdadeiros actos de charidade, e ao meſmo tempo actos de eſperança e de fé: e ſaõ de mais a mais os unicos actos, que principalmente nos inculcaõ o Evangelho, as Epiſtolas Apoſtolicas, os Padres e a Igreja: e ſaõ alem diſſo actos naõ *implicitos*, mas *explicitos*, como he acto explicito do amor filial a amoroſa obediencia do Filho a tudo, o que ſeu Pai lhe manda.

§. XVI.

§. XVI.

Que em ſubſtancia iſto meſmo ho o parecer e a doutrina de S. Thomaz.

NAÕ ſerá fora do propoſito moſtrar, que o que havemos dito he tambem em ſubſtancia o ſentimento do Doutor Angelico. No lugar onde elle falla dos actos de charidade, nunca reſtringe a palavra *actos* aos penſamentos taõ ſomente e movimentos do coraçaõ exprimidos com palavras, e deſacompanhados dos penſamentos, palavras e obras dirigidos á obſervancia da lei divina, e limitados ſegundo a doutrina dos Eſcolaſticos, que fica expoſta no §. V. Antes pelo contrario o S. Doutor entende por actos de charidade todos os movimentos do homem, que pela charidade ſe podem dirigir ao ultimo fim, no que comprehende todos os penſamentos, palavras e obras virtuoſas: „ Porque a „ charidade, diz elle (*a*), tem por objecto o ul„ timo fim da vida humana, a ſaber, a felici„ dade eterna, por iſſo ella ſe eſtende a todos „ os *actos* de toda a vida humana por modo de „ imperio. E porque as obras ſaõ o principal entre os actos humanos, poriſſo falla eſpecialmente das obras (*b*): *He couſa manifeſta que a charidade, em quanto dirige o homem para o ultimo fim, he o principio de todas as obras boas, que ſe podem dirigir ao ultimo fim.* Tambem, ſegun-

(*a*) 22. 7. q. 23. art. 4. ad 2. *Quia charitas habet pro objecto ultimum finem humanæ vitæ, ſcilicet, beatitudinem æternam, ideo extendit ſe ad omnes Actus totius humanæ vitæ per modum imperii.*

(*b*) 1. 2. q. 65. art. 4. in corp. *Manifeſtum eſt, quod charitas, in quantum ordinat hominem ad finem ultimum, eſt principium omnium bonorum operum, quæ in finem ultimum ordinari poſſunt.*

gundo S. Thomaz, os actos das virtudes saõ ao mesmo tempo actos de charidade; isto he, actos das outras virtudes, em quanto *elicitos*; e actos de charidade, como por ella *mandados*, e por isso a charidade he huma virtude geral (*a*): *A charidade*, diz elle, *pode-se chamar huma virtude geral, em quanto dirige os actos de todas as virtudes para o bem divino*; (*b*) *e assim, porque a charidade he a que tem o imperio sobre todas as virtudes (pelas dirigir ao seu fim), porisso aquelle acto, que procede da charidade, pode tambem pertencer a outra virtude.* Usa da mesma lingoagem, quando falla da diminuiçaõ da graça: (*c*) *Acontece*, diz elle, *a diminuiçaõ da graça ou pelos peccados veniaes, ou tambem pela cessaçaõ das obras da charidade.* O mesmo acto com que se ama o proximo tam longe está, segundo elle, de naõ ser hum verdadeiro acto de amor de Deos, que antes pelo contrario he huma e a mesma cousa: (*d*) *He cousa manifesta*, diz elle, *que he na especie hum e o mesmo acto, aquelle com que se ama a Deos, e se ama o proximo.* E assim, *a beneficencia he hum acto de charidade* (*e*): Do mesmo modo a *paciencia* he hum acto de charidade, *em quanto*, diz elle, (*f*) *provêm da abundancia da charidade o tolerar alguem com pacien-*

(*a*) 22. q. 58. c. *Charitas potest dici virtus generalis, in quantum ordinat actus omnium virtutum ad bonum divinum.*

(*b*) 3. q. 85. 2. ad 1. *Et sic, quia ipsa imperat omnibus virtutibus, (utpote ordinans ipsas ad finem suum) actus a charitate procedens potest etiam ad aliam virtutem pertinere.*

(*c*) *Diminutio charitatis fit, vel per peccata venialia, vel etiam per cessationem ab exercitio operum charitatis.*

(*d*) 22. q. 25. art. 1. c. *Manifestum est, quod idem specie actus est, quo diligitur Deus, & quo diligitur proximus.*

(*e*) 22. q. 31. art. 1. c.

(*f*) 22. q. 183. 3. ad 3. *In quantum scilicet ex abundantia charitatis provenit, quod aliquis patienter toleret adversa.*

ciencia as adverſidades; nelle ſe encontraõ muitos outros lugares ſemelhantes.

Já pouco antes ouvimos dizer ao S. Doutor, que *a charidade naõ pode eſtar ſem a fé e a eſperança*; e aſſim aquelles actos, que ſaõ actos de charidade, encerraõ ao meſmo tempo o exercicio da fé e da eſperança.

Em quanto á fé naõ he para omittir-ſe tudo o que elle diz a eſte reſpeito: (*a*) „ Pertence á „ verdade da fé, diz elle, naõ ſó a credulidade „ do coraçaõ, mas tambem a proteſtaçaõ exte- „ rior: Ora eſta *naõ ſó ſe faz com palavras*, „ com as quais ſe profeſſa a fé, mas tambem „ ſe faz *pelas obras*, pelas quais moſtramos que „ temos a fé . . . e poriſſo todas as obras das „ virtudes, em quanto ſaõ referidas a Deos, „ ſaõ como humas *proteſtaçoens da fé*, pela qual „ conhecemos que Deos pede de nós eſtas „ obras, e nos remunera por ellas. „

§. XVII.

Da obrigaçaõ que ha de referir todas as acçoens a Deos; obſcuridades ſuſcitadas acerca deſte importante ponto. Difficuldades ſobre S. Thomaz; propõe-ſe a ſoluçaõ dellas.

DO que temos dito ſe vê, que o officio da charidade he referir todas as acçoens do homem ao ul-

(*a*) 22. q. 124. 5. c. *Ad fidei veritatem pertinet non ſolum ipſa credulitas cordis, ſed etiam exterior proteſtatio: quæ quidem fit non ſolum per verba, quibus aliquis confitetur fidem; ſed etiam per facta, quibus aliquis ſe fidem habere oſtendit . . . & ideo omnium virtutum opera, ſecundum quod referuntur in Deum, ſunt quædam proteſtationes fidei, per quam nobis innoteſcit, quod Deus hujuſmodi opera a nobis requirit, & nos pro eis remunerat.*

ultimo fim, isto he, a Deos; e que a fé, segundo o Apostolo, he a que obra pela charidade, para o que concorre a esperança, segundo o mesmo Apostolo, ajudando e sustendo as obras da fé, e as fadigas da charidade. E assim he cousa clara, ao meu ver, que o principal e o mais ordinario exercicio das virtudes Theologaes, he o de dirigirem todos os pensamentos, palavras e obras do Christaõ ao seu ultimo fim, ou como fallaõ os Escolasticos, o referirem-nas a Deos. E assim se os Parrochos, e os Pregadores, e os Cathechistas instruirem, como devem, o povo christaõ no tocante a este officio das virtudes Theologaes, e em consequencia disso o povo, depois de instruido com exactidaõ, puser em exercicio aquelle officio das mesmas virtudes Theologaes, e isto o execute com toda a fidelidade; parece naõ se poder duvidar, que tanto os Ministros de Deos, como o povo, que lhes está encarregado, tem cumprido verdadeiramente com o seu dever.

Porem, por disgraça, nestes nossos calamitosos tempos tambem este ponto, taõ essencial da doutrina chistãa, se acha enredado e obscurecido com disputas pouco menos que insoluveis, as quais dividem as mais respeitaveis Escolas Catholicas. *Se ha alguma materia* (escrevia o Cardeal Tamburini (*a*) ao Concina) *que se ache enredada com equivocos, e encoberta com obscuridades pelos emulos* (da Escola Augustiniana) *para que naõ appareça tal qual he defendida por aquelles, que estaõ persuadidos ser este hum ponto capital da doutrina de S. Agostinho, he sem duvida a materia de que fallo.*

Pe-

(*a*) Em 5 de Setembro de 1750. Epist. Ad Concin. n. 30.

Pelo que a reſpeito deſte ponto : Se ha obrigaçaõ de referir virtualmente a Deos as acçoens, de ſorte que em cada huma das meſmas acçoens (quando ſaõ voluntarias e deliberadas) ou ſe mereça (na ſuppoſiçaõ de que aquelle que obra tenha a graça ſantificante) quando ſe referem a Doos , iſto he , quando ſe fazem ao menos virtualmente por motivo de amor de Deos ; ou ſe peque , ao menos venialmente , quando nem ainda virtualmente ſe referem as acçoens a Deos, mas ſe fazem ou por motivo de temor, ou por qualquer outro, que ſeja honeſto? A eſte reſpeito, digo, a Eſcola Auguſtiniana defende a parte affirmativa. S. Agoſtinho, do qual ella cita infinitas paſſagens , parece ſer diciſivo a ſeu favor. Porem S. Thomaz , celebre e fideliſſimo diſcipulo de S. Agoſtinho, he allegado, como contrario , pelos Adverſarios da Eſcola Auguſtiniana. Eſtes querem que S. Thomaz defenda haver obrigaçaõ de referir *todas* as acçoens a Deos, porem que naõ haja obrigaçaõ de as referir *ſempre* : e que quando ſe tranſgrede eſte preceito , iſto he, quando ſe naõ referem , quando o preceito obriga , entaõ ſe pecca *mortalmente* ; porem que fóra deſte caſo naõ ſe pecca , nem ainda *venialmente*.

Permittindo-ſe-me o dizer eu o meu fraco ſentimento , direi antes de tudo duas couſas : 1.° que ſendo S. Thomaz hum diſcipulo taõ fiel de S. Agoſtinho , (que , ſegundo diz Siſto de Sena, era proverbio corrente entre as peſſoas de letras , que ſe havia realiſado a Metempſichoſi de Pythagoras , e que a alma de S. Agoſtinho havia paſſado para S. Thomaz) quereria que ſe foſſe com mais vagar e madureza em proferir , que S. Thomaz he contrario a S. Agoſtinho ; e

por

por isso se deveria usar de toda a diligencia para os conciliar ambos; julgando antes naõ se haver entendido hum ou outro, do que decidir, que elles entre si saõ discordes. Pelo que na suppoſiçaõ de que o sentimento de S. Agoſtinho he tal, qual o pertende a Escola Augustiniana, e que nesta conformidade ha obrigaçaõ de referir a Deos *todas* as acçoens deliberadas e *sempre*, ao menos virtualmente; porem nem sempre com obrigaçaõ de peccado mortal, mas só venial; nesta suppoſiçaõ, digo, dever-se-hia julgar que este tambem foi o sentimento de S. Thomaz, e assim procurar explicar neste sentido os lugares obscuros, que nelle se encontraõ. 2.° Que sendo hum caracter proprio de S. Thomaz, o expôr sempre huma doutrina muito clara e coherente, que he a propria qualidade do que he verdadeiro, quereria outro sim, se julgasse naõ se haver bem entendido o seu sentimento, todas as vezes que delle resulta hum sentido confuso, e que mal se pode conciliar com elle mesmo. Porisso neste caso deve-se pôr toda a diligencia para achar a soluçaõ da contradiçaõ apparente, que parece resultar da sua doutrina. Ora he certo que elle ensina nesta materia tres cousas.

Primeiramente, que ha hum preceito de referir a Deos *todas* as nossas acçoens. Isto ensina elle claramente no lugar seguinte (*a*): *No preceito da charidade se encerra o deverem-se re-*

fe-

(*a*) 1. 2. ad. 2. q. 100. art. 10. *Sub præcepto charitatis continetur quod Omnia referantur in Deum; & ideo præceptum charitatis implere homo non potest, nisi etiam Omnia referantur in Deum. Hujus divinæ dilectionis Perfectio datur homini in præcepto: primo quidem ut homo Omnia referat in Deum.*

ferir todas as couſas a Deos ; e por iſſo o preceito da charidade naõ pode ſer cumprido pelo homem , ſem que tambem ſe refiraõ a Deos todas as couſas. E no opuſculo decimo outavo diz : *A perfeiçaõ do amor divino ſe encarrega ao homem com preceito : primeiramente para que o homem refira tudo a Deos.*

Em ſegundo lugar enſina , que eſte preceito he affirmativo , e poriſſo obriga ſempre , mas naõ *para ſempre.* O que elle repetidas vezes inculca. Poriſſo diz no lugar acima citado , e noutra queſtaõ da meſma parte (*a*) : *Aquelle preceito he affirmativo ; pelo que naõ obriga para ſempre ; e aſſim naõ obra contra eſte preceito aquelle , que naõ refere á gloria de Deos tudo o que faz.* E quando trata do mal (*b*) diz: *Como aquelle preceito he affirmativo , naõ obriga de tal ſorte , que ſempre ſe haja de obſervar actualmente.*

Em terceiro lugar diz , que obrar contra eſte preceito he ſempre peccado mortal ; e he a razaõ porque elle enſina , que naõ obra contra eſte preceito aquelle , que naõ refere a Deos actualmente *todas* as acçoens. O que claramente ſe deduz do lugar ja citado (*c*). Eisaqui o argu-

(*a*) 1. 2. q. 88. art. 2. *Illud præceptum eſt affirmativum , unde non obligat ad ſemper ; & ſic non facit contra hoc præceptum , quicumque non refert ad gloriam Dei Omnia quæ facit.*

(*b*) q. 7. art. 2. ad 9. *Cum illud præceptum ſit affirmativum , non obligat ad hoc , quod ſemper obſervetur actu.*

(*c*) Loc. ſupr. cit. q. 88. ad. 2. *Apoſtolus dicit , 1. ad Cor. c. 10 , Sive manducatis , ſive bibitis , ſive quid quid aliud facitis , omnia in gloriam Dei facite. Sed contra hoc præceptum facit quicumque peccat ; non enim peccatum ſit propter gloriam Dei. Cum ergo facere contra præceptum ſit peccatum mortale , videtur quod quicumque peccat , mortaliter peccat : Ad ſecundum dicendum , quod illud præceptum Apoſtoli eſt affirmativum , unde non obligat ad ſemper. Et ſic non facit contra hoc præceptum quicumque non actu refert in gloriam Dei omne quod facit.*

gumento, que o S. Doutor propõe com a ſua reſpoſta: „ *O Apoſtolo diz* (1. ad Cor. c. 10.): „ *Ou comais, ou bebais, ou façais qualquer outra* „ *couſa, fazei tudo para gloria de Deos*: Porem „ todo o que pecca obra contra eſte preceito; „ pois o peccado naõ ſe pode fazer para gloria „ de Deos: *Como pois obrar contra o preceito ſe-* „ *ja peccado mortal*, parece que todo o que „ pecca, pecca mortalmente. A eſte ſegundo „ argumento deve-ſe reſponder; que aquelle „ preceito do Apoſtolo he affirmativo; e aſſim „ naõ obriga para ſempre. Pelo que *naõ obra* „ *contra aquelle preceito* aquelle, que actual- „ mente naõ refere para gloria de Deos *tudo* „ aquillo que faz. „

A' viſta do que fica expoſto e ponderado, parece difficultoſo conciliar as primeiras duas doutrinas; a ſaber, que haja obrigaçaõ de referir *todas* as acçoens a Deos, e que naõ haja obrigaçaõ de lhas referir *ſempre*; pois he couſa clara, que quem lhas refere *todas*, lhas refere *ſempre*; e que quem lhas naõ refere *ſempre*, naõ lhas refere *todas*. Em ſegundo lugar parece couſa dura o dizer, que quem obra contra o preceito de referir todas as acçoens a Deos, peque ſempre *mortalmente*; e que hum preceito, que he taõ geral, e que ſe derrama por todos os preceitos, (cuja inobſervancia muitas vezes he ſó venial) naõ admitta venialidade alguma.

Pelo que a neceſſidade de conciliar S. Thomaz com S. Agoſtinho e comſigo meſmo, parece obrigar a buſcar alguma ſoluçaõ a eſta difficuldade, e a fazer louvavel todo o esforço, que ſe empregar para a conſeguir. E aſſim parece-me muito propria e ſolida aquella ſolu-

çaõ, que hum Eſcritor famoſo propôs no ſeculo paſſado. Para bem ſe entender, diz elle, S. Thomaz, he preciſo indagar e perceber bem a ſua lingoagem, e eſtar bem inſtruido do ſentido e ſignificaçaõ, que elle dá ás palavras, de que ſe ſerve. O ſeu modo de fallar he differente daquelle, de que hoje de ordinario uſaõ os Theologos; e poriſſo naõ he para admirar, que os Theologos, que tomaõ as palavras de S. Thomaz naõ no ſentido delle, mas ſim no ſentido que os Theologos hoje lhe daõ; naõ he para admirar, digo, que eſſes meſmos Theologos entendaõ S. Thomaz em hum ſentido contrario á ſua intençaõ, e façaõ dizer ao Santo Doutor, o que elle naõ quer dizer. Os Theologos do tempo d'agora dizem, que obra contra o preceito, naõ ſó quem pecca mortalmente, mas tambem quem ſó pecca venialmente: por exemplo, que obra contra o ſettimo mandamento naõ ſó quem furta cem mil reis, mas tambem quem furta cinco reis: e tambem quando dizem, que ſe naõ obra contra o preceito, querem dizer, que ſe naõ pecca nem venial nem mortalmente. Porem S. Thomaz naõ falla aſſim. Na lingoagem de S. Thomaz obrar contra o preceito, ou contra a lei, e tranſgredir o preceito ou a lei, he o meſmo que peccar mortalmente: quando diz, que o preceito ou a lei obriga, quer dizer que obriga debaixo de peccado mortal; porque no ſeu modo de fallar ſó o peccado mortal he, o que ſe oppõe á lei e ao preceito; pois o peccado venial he tamſómente *alem da lei* (*præter legem*), iſto he, contra a ordem e intençaõ da lei ou do preceito. Pelo que quando o Santo Doutor diz,

que

que o preceito de referir todas as acçoens a Deos he affirmativo, e naõ obriga para sempre; e que porisso quem naõ refere sempre todas as suas acçoens a Deos, naõ obra contra este preceito; naõ quer dizer, que o que assim obra naõ peque, nem ainda venialmente; mas quer dizer tamsómente, que naõ pecca mortalmente, o que he verdade. Eisaqui pois como se concilia S. Thomaz com S. Agostinho, e comsigo mesmo, e alem disso com a razaõ, e com a Escritura. Por tanto o preceito de referir todas as acçoens a Deos he geral: este preceito abraça todas as acçoens sem excepçaõ alguma: todavia nem sempre se pecca mortalmente, quando alguma daquellas acçoens naõ he actualmente referida, comtanto que naõ exclua a relaçaõ, e aquella direcçaõ habitual, que he essencial á charidade.

Comeffeito, o Author de cujas reflexoens me sirvo, parece ter razaõ. Por quanto parece que este he justamente o verdadeiro sentido do S. Doutor. Observe-se quanto o S. Doutor escreve no lugar já citado (*a*). Trata elle alli esta questaõ (*b*): *Se por ventura o peccado venial se divide, como convem, como opposto ao mortal?* A segunda objeçaõ, que o mesmo S. Doutor alli põe, he a que já acima se expôs: „ O Apo- „ stolo diz (1. ad Cor. c. 10): *ou comais, ou* „ *bebais, ou façais qualquer outra cousa, fazei* „ *tudo para gloria de Deos*: Porem todo aquelle „ que pecca obra contra este preceito; pois o „ peccado naõ se pode fazer para gloria de „ Deos. *Como pois obrar contra o preceito seja*

(*a*) 1. 2. q. 88. art. 1. (*b*) Ib. *Vtrum veniale peccatum convenienter dividatur contra mortale.*

„ *peccado mortal*, parece que todo aquelle que „ pecca, pecca mortalmente. A reſpoſta que a iſto dariaõ os Theologos modernos, ſeria eſta, uſando do ſeu modo de fallar: *diſtingo: obrar contra o preceito em materia grave he peccado mortal, concedo: em couſa leve, nego o ſuppoſto, e a conſequencia.* Porem S. Thomaz naõ reſponde aſſim. Elle concede o ſuppoſto, (o qual poſtoque admittido pelos contrarios á Eſcóla Auguſtiniana na eſpecialidade do preceito de referir todas as acçoens a Deos, comtudo ſeria por elles negado na generalidade, com que ſe acha expoſto na objeçaõ) e propõe outra ſoluçaõ, na qual tamſómente defende, que aquelle que naõ refere a Deos todas as acçoens actualmente, naõ cómette peccado *mortal*; e poſtoque o naõ diga expreſſamente, comtudo dá a entender claramente, que naquelle caſo ſe pode cómetter peccado *venial.* Eisaqui as ſuas palavras no lugar já citado (*a*): „ Ao ſegundo argumento „ ſe deve dizer, que aquelle preceito do Apo„ ſtolo he affirmativo, e aſſim naõ obriga para „ ſempre. Pelo que naõ obra contra aquelle „ preceito aquelle, que actualmente naõ refere „ para gloria de Deos tudo aquillo que obra. „ Baſta pois que qualquer habitualmente ſe re„ fira e todas as ſuas couſas a Deos, para que „ naõ

(*a*) *Ad 2. dicendum quod illud præceptum Apoſtoli eſt affirmativum; unde non obligat ad ſemper, & ſic non facit contra hoc præceptum, quicumque non actu refert in gloriam Dei omne quod facit. Sufficit ergo quod aliquis habitualiter referat ſe & omnia ſua in Deum ad hoc, quod non ſemper mortaliter peccet, cum aliquem actum non refert in gloriam Dei actualiter. Veniale autem peccatum non excludit habitualem ordinationem actus humani in gloriam Dei, ſed ſolum actualem: quia non excludit charitatem, quæ habitualiter ordinat in Deum. Unde non ſequitur, quod ille, qui peccat venialiter, peccet mortaliter.* 1. 2. q. 88. ſupr.

„ naõ peque *mortalmente*, quando naõ refere „ actualmente a Deos, e para gloria delle, al- „ guma acçaõ. Ora o peccado *venial* naõ exclue „ a direcçaõ habitual da acçaõ humana para „ gloria de Deos, mas tamſómente a actual: „ porque naõ exclue a charidade, a qual habi- „ tualmente dirige para Deos. Poriſſo naõ ſe „ ſegue que o que pecca venialmente, peque „ mortalmente. „

Mas na reſpoſta á primeira objeçaõ parece fallar com toda a preciſaõ, e naõ deixar duvida alguma. Ouçamolo (*a*): „ O peccado venial he „ chamado peccado por hum modo imperfeito, „ e he aſſim chamado relativamente ao peccado „ mortal, do meſmo modo que o accidente he „ chamado ente relativamente á ſubſtancia, por „ hum modo imperfeito. Porque *naõ he contra „ a lei; pois o que pecca venialmente naõ faz o „ que a lei prohibe, nem omitte aquillo, a que a „ lei obriga com preceito; mas ſim obra alem da „ lei* (præter legem), *porque naõ obſerva o „ modo da razaõ, que a lei teve na ſua inten- „ çaõ.* Finalmente na reſpoſta ao terceiro ar- gumento parece dizer claramente, que ſe pec- ca venialmente quando ſe referem as acçoens a Deos ſó habitualmente, e naõ em acto. *O que pecca venialmente*, diz elle (*b*), *apega-ſe ao bem tem-*

(*a*) Ib. *Peccatum veniale dicitur peccatum ſecundum rationem imperfectam, & in ordine ad peccatum mortale, ſicut accidens dicitur ens in ordine ad ſubſtantiam, ſecundum rationem imperfectam entis. Non enim eſt contra legem, quia venialiter peccans non facit quod lex prohibet, nec prætermittit id, ad quod lex per præceptum obligat; ſed facit præter legem, quia non obſervat modum rationis, quem lex intendit.*

(*b*) Loc. ſupr. cit. *Ille qui peccat venialiter, inhæret bono temporali, non ut fruens, quia non conſtituit in eo finem, ſed ut utens, referens in Deum non actu, ſed habitu.*

temporal, naõ como quem goza delle, pois nelle naõ poẽ o fim, mas como quem uſa delle, referindo-o a Deos naõ actual, mas habitualmente. Veja-ſe tambem o meſmo S. Doutor na queſt. 74. art. 10. in corp., e na 22. queſt. 44. art. 4. ad 2, e art. 6. ad. 2, e na 1. 2. queſt. 100. art. 10; ſed contra, in corpore.

§. XVIII.

Sentimento e intelligencia de S. Thomaz a reſpeito da relaçaõ habitual, virtual, e actual das acçoens humanas para Deos.

TEMOS pois em S. Thomaz huma doutrina, que he bem cõnexa e coherente tanto com elle meſmo, como com o ſeu meſtre S. Agoſtinho: e ſe reduz a iſto, que he de preceito o referirmos ſempre todas as acçoens a Deos, porem o naõ referir a Deos alguma acçaõ, nem ſempre he peccado mortal, mas pode ſer peccado venial. Aqui pórem ſe levantaõ novas difficuldades ſobre entender bem o ſentido, em que o S. Doutor toma as varias relaçoens, que as noſſas acçoens podem ter para Deos. Na maior parte dos lugares, em que elle falla deſta materia, parece naõ reconhecer mais que duas relaçoens tamſómente, a ſaber, a *habitual* e a *actual*. Pelo que os Eſcolaſticos modernos, que eſtaõ acoſtumados a admittirem tambem a relaçaõ *virtual*, e que a julgaõ neceſſaria para ſe naõ peccar venialmente, e naõ baſtar para iſſo a relaçaõ habitual; trabalhaõ por achar a tal relaçaõ virtual nas paſſagens, onde o meſmo S. Doutor a naõ põe; e de ordinario pertendem

que

que onde falla da habitual, queira dizer a virtual. Eu porem julgo que se achaõ bem distintamente, e applicadas muito judiciosamente aos seus varios effeitos pelo S. Doutor, as tres relaçoens habitual, virtual, e actual; e que quando elle naõ faz mençaõ senaõ da habitual e actual, entaõ, no sentido delle, naõ se deve alli procurar a virtual na habitual, mas sim na actual.

Referir habitualmente.

SEgundo o sentimento do S. Doutor he bastante referir *habitualmente* as acçoens a Deos, para se naõ peccar *mortalmente*. Isto he o que expressaõ as palavras acima citadas: „ *Basta* „ *pois* que alguem refira *habitualmente a Deos* „ as suas acçoens, para naõ peccar sempre „ *mortalmente*. Isto porem naõ basta para evitar o peccado venial; o qual, segundo se diz no mesmo lugar, naõ he excluido por aquella relaçaõ habitual. Ora a relaçaõ virtual naõ só exclue o peccado venial, porem faz de mais a mais a obra meritoria. Logo quando o S. Doutor falla na relaçaõ habitual, naõ entende por ella a virtual; porque a relaçaõ habitual, de que elle falla, naõ basta, segundo elle, para merecer. *A relaçaõ habitual*, diz elle (*a*), *da acçaõ para Deos, de nenhum modo basta* (para merecer); *porque ninguem merece por aquillo que nelle está em habito; mas pelo que actualmente obra.* E assim esta relaçaõ habitual de huma disposiçaõ da alma, pela qual hum está na re-

so-

(*a*) In secund. sent. dist. 40. art. 5. ad 6. *Non sufficit omnino habitualis relatio actus in Deum* (*ad merendum*); *quia ex hoc, quod est in habitu nullus meretur, sed ex hoc, quod actu operatur.*

ſoluçaõ de perder tudo o que for, antes do que perder a amizade de Deos: com effeito diz bem, quando diz que eſta relaçaõ naõ he excluida pelo peccado venial; por quanto quem pecca venialmente, delle ſe pode dizer em algum ſentido verdadeiro, que ordena eſta meſma acçaõ ao amor de Deos; porque poſto que quem obra aſſim, faz o que deſagrada a Deos levemente, comtudo naõ o faz, ſenaõ porque eſtá certo, que iſſo lhe naõ faz perder a amizade divina, a qual tanto apprecia, que ſe a houveſſe de perder, naõ o faria: e poriſſo ainda entaõ ama a Deos, poſtoque trouxamente.

Referir actualmente.

O Referir *actualmente* ſe pode fazer, ſegundo o Santo Doutor, de dois modos. O primeiro he quando o homem dirige *immediatamente* as ſuas acçoens a Deos, ſeu fim ultimo, lembrando-ſe expreſſamente de Deos em cada huma dellas, e dirigindoas á ſua gloria; e a iſto he que os Theologos chamaõ *relaçaõ actual.*

Referir virtualmente.

EM ſegundo lugar ſe podem referir actualmente as acçoens de hum ſegundo modo, e he, quando o homem as dirige ſó *mediatamente*, porem actualmente. O que acontece de duas maneiras. A primeira he quando o homem no principio da obra encaminha e dirige a ſua acçaõ expreſſamente a Deos, mas no decurſo della naõ penſa mais em Deos, mas cuida tamſómente em continuar a ſua obra. Ouça-mos o

S.

S. Doutor (*a*) : „ Para que alguma acçaõ ſeja „ meritoria, tendo o que a faz a charidade, „ naõ ſe requer, que elle *actualmente* a refira a „ Deos (iſto he, immediatamente). Porem baſta „ que *actualmente ſe dirija a algum fim conveni-* „ *ente, o qual habitualmente ſe dirija a Deos.* „ Como, por exemplo, ſe alguem querendo „ fazer huma peregrinaçaõ por amor de Deos, „ compraſſe para eſſe fim hum cavallo, naõ „ penſando actualmente em Deos, mas ſim na „ ſua jornada, a qual já havia dirigido a Deos.„ A ſegunda maneira he, quando o homem nem ainda no principio da obra ordena a acçaõ immediatamente a Deos, cogitanto expreſſamente nelle: porem a ordena e dirige *actualmente* a hum fim de alguma virtude, iſto he, move-ſe o homem a obrar por algum fim virtuoſo; e aſſim ſe eſte homem tem a charidade, e por conſequencia ſuppoſta a *relaçaõ habitual* a Deos, que provem da charidade, (a qual dirige todas as virtudes ao fim ultimo) neſte caſo aquella obra de virtude fica dirigida a Deos. Ouçamos tambem neſte caſo o S. Doutor (*b*) : „ E por- „ que a charidade cõmanda todas as virtudes... „ he

(*a*) Quæſt. 2. de malo art. 5. ad 2. *Ad hoc quod aliquis actus ſit meritorius in habente charitatem non requiritur, quod actu referatur in Deum, (id eſt, immediate) ſed ſufficit quod actu referatur in aliquem finem convenientem, qui habitu referatur in Deum. Sicut ſi aliquis volens peregrinari propter Deum, emat equum nil actu de Deo cogitans, ſed ſolum de via, quam jam in Deum ordinaverat.*

(*b*) In 2. ſent. diſt. 40. q. 1. art. 5. *Cum charitas imperet omnibus virtutibus . . . oportet, ut quidquid ordinatur in finem alicujus virtutis, ordinetur in finem charitatis, & cum omnis actus bonus (id eſt natura ſua virtuoſus) ordinetur in finem alicujus virtutis, In finem charitatis ordinatus remanebit, (in habente charitatem) & ita meritorius erit.*

„ he de neceſſidade, que tudo o que ſe dirige „ ao fim de alguma virtude, ſeja tambem diri- „ gido ao fim de charidade; e como toda a „ acçaõ boa (iſto he, virtuoſa por ſua nature- „ ſa) ſe dirija ao fim de alguma virtude, tam- „ bem ficará (em quem tem a charidade) diri- „ gida ao fim da charidade, e por conſequencia „ ſerá meritoria. „ Neſtes dois caſos a rela- çaõ, que S. Thomaz chama *actual*, he a meſ- ma, a que os Theologos modernos chamaõ *virtual*. Porquanto, diz o S. Doutor no lu- gar acima citado, o peccado venial exclue a relaçaõ e direcçaõ *actual*. „ *O peccado venial*, „ diz elle (*a*), naõ exclue a direcçaõ *habitual* „ da acçaõ humana para gloria de Deos, mas „ tamſómente a *actual*. Porem a falta da rela- çaõ actual, ſegundo os Theologos modernos, naõ induz peccado venial. Logo o S. Doutor na relaçaõ *actual* encerra tambem a *virtual*, ſegundo acima fica explicado. E iſto ſe vê cla- ramente pelo modo, com que elle ſe explica na ſua Summa, que he a ultima, e a mais eſti- mada das ſuas obras: porque em outras partes tambem dá outras ſignificaçoens á ſua relaçaõ *actual* e *habitual*; e na queſtaõ 2.ª *da virtude* faz expreſſa mençaõ da *actual*, *virtual* e *habitual*. Porem he de advertir que aquillo, a que elle alli chama *relaçaõ virtual* he hum certo naõ ſei que meio, que ſe dá entre a relaçaõ *habi- tual* e *actual* acima explicadas, o qual meio naõ he huma nem outra; porque, como elle diz, *he encerrado no preceito da charidade*; o que o S. Doutor na ſua Summa attribue unica- mente á relaçaõ habitual, e alli a explica em hum

(*a*) Loc. ſupr. cit.

hum ſentido, que vem a dar na *relaçaõ actual*, tomada no ſegundo ſentido e maneira, que acima explicamos, e vem nas palavras do meſmo S. Doutor nas not. (*a. b.*) (*a*). Para tudo iſto ficar mais palpavel pomos aqui as palavras do meſmo Santo (*b*). „ Deve-ſe dizer que naõ he „ poſſivel neſta vida referir tudo a Deos, de „ ſorte que ſe cogite ſempre de Deos; pois „ iſto ſó compete á perfeiçaõ da patria. Porem „ o referir *virtualmente* (*virtute*) tudo a Deos, „ iſto compete á perfeiçaõ da charidade, *á qual* „ *todos eſtaõ obrigados*. Para boa intelligencia do „ que, ſe deve advertir, que aſſim como nas „ cauſas efficientes a virtude da primeira cauſa „ permanece em todas as cauſas ſeguintes, aſ- „ ſim tambem a intençaõ do principal fim *vir-* „ *tualmente* (*virtute*) permanece em todos os „ fins ſecundarios. Donde ſe ſegue, que aquelle „ que *actualmente* tem na intençaõ algum fim „ ſecundario, *virtualmente* (*virtute*) tem na „ ſua intençaõ o fim principal: do meſmo mo- „ do que o medico, o qual colhendo *actual-* „ *men-*

(*a*) In 2. ſent. diſt. 40. ubi ſupra : & Quæſt. de malo ubi ſupr.

(*b*) *Dicendum quod omnia referre in Deum non eſt poſſibile in hac vita, quod ſemper de Deo cogitetur; hoc enim pertinet ad perfectionem patriæ. Sed quod omnia virtute referantur in Deum, hoc pertinet ad perfectionem charitatis, ad quam omnes tenentur. Ad cujus evidentiam notandum eſt, quod ſicut in cauſis efficientibus virtus primæ cauſæ manet in omnibus cauſis ſequentibus; ita etiam intentio principalis finis virtute manet in omnibus finibus ſecundariis. Unde quicumque intendit actu aliquem finem ſecundarium, virtute intendit finem principalem: ſicut medicus dum colligit herbas actu intendit conficere potionem, nihil fortaſſis cogitans de ſanitate, virtualiter tamen intendit ſanitatem, propter quam potionem dat. Sic igitur cum aliquis ſe ipſum ordinat in Deum ſicut in finem, in omnibus, quæ propter ſe ipſum facit, manet virtute intentio ultimi finis, qui eſt Deus. Unde in omnibus mereri poteſt, ſi charitatem habeat. Hoc igitur modo præcepit Apoſtolos, quod omnia in Dei gloriam referantur.*

„ *mente* as hervas, *actualmente* intenta fazer a „ bebida, talvez nem ainda lhe paſſando pelo „ entendimento a cura, e comtudo *virtualmen-* „ *te* a intenta, dando para eſſe fim a bebida. „ Pelo que quando alguem ſe dirige a Deos „ como ao ſeu fim, em tudo aquillo, que obra „ por amor de ſi, ſempre permanece *virtual-* „ *mente* a intençaõ do ultimo fim, que he Deos. „ E aſſim pode merecer em todas as couſas, „ tendo a charidade. *Deſte modo pois he que* „ *manda o Apoſtolo* que refiramos todas as cou- „ ſas á gloria de Deos.

E no meſmo lugar na reſpoſta ao terceiro argumento, diz aſſim: „ Huma couſa he refe- „ rir a Deos habitualmente, e outra virtual- „ mente. Refere habitualmente a Deos (*advir-* „ *ta-ſe aqui huma differente ſignificaçaõ da rela-* „ *çaõ habitual*), ainda aquelle meſmo que na- „ da obra, e que na ſua intençaõ actualmente „ nada tem, como he o que dorme. Porem o „ referir alguma couſa a Deos virtualmente he „ proprio *do que obra* por fim, dirigindo a Deos. „ E aſſim referir a Deos habitualmente naõ he „ de preceito; (*confronte-ſe iſto com a* 1. 2. *q.* 88. „ *art.* 1. *ad* 2) referir porem a Deos virtual- „ mente he do preceito da charidade (*a*).

Quiz advertir aqui tudo iſto, para ſe terem á maõ todas as chaves competentes, para ſe entrar

(*a*) *Aliud eſt habitualiter referre in Deum, & aliud virtualiter. Habitualiter enim refert in Deum* (advirta-ſe a differente ſignificaçaõ da relaçaõ habitual) *etiam qui nil agit, nec aliud actualiter intendit, ut dormiens. Sed virtualiter aliquid referre in Deum eſt agentis propter finem ordinantis in Deum. Unde habitualiter referre in Deum non cadit ſub præcepto*, (confronte-ſe com a 1. 2. q. 88. art. 1. ad 2.); *ſed virtualiter referre in Deum cadit ſub præcepto charitatis.* Quæſt. 2. de virtute art. 2. ad 2.

trar no verdadeiro ſentido do Santo Doutor. E tambem para que fique palpavel, que os termos Eſcolaſticos, de que ſe ſerve o S. Doutor em hum ſentido, e pelos outros em outro, e ainda por elle meſmo variamente, ſaõ as cauſas da obſcuridade, que ſe derramou em huma taõ importante materia. E poriſſo nos Catheciſmos he preciſo que ſe uſe, quanto mais poder ſer, de huma lingoagem, que ſeja natural e popular.

Recopilando agora em poucas palavras a doutrina, que S. Thomaz enſina na ſua Summa, dizemos: Que a relaçaõ *habitual* he baſtante, para ſe naõ peccar mortalmente: Que a relaçaõ *actual mediata*, que ſe chama virtual, he neceſſaria para naõ peccar venialmente, e baſtante para merecer: Que a relaçaõ *actual immediata* naõ he neceſſaria, nem para naõ peccar, nem para merecer; he porem muito util para fazer a acçaõ mais perfeita, e mais ſemelhante á vida futura.

§. XIX.

Outra difficuldade acerca de S. Thomaz: em que ſentido ha obrigaçaõ de referir as acçoens a Deos, logo deſde o primeiro uſo da razaõ.

ESTABELECIDA com a doutrina de S. Thomaz a obrigaçaõ de referir as acçoens a Deos, ſe vai dar naturalmente na queſtaõ, de quando he que começa eſta obrigaçaõ. Pertende-ſe comummente que S. Thomaz enſina começar eſta obrigaçaõ, *debaixo de culpa grave*, deſde o primeiro uſo da razaõ, e iſto *ſem excepçaõ alguma de peſſoas*. He-lhe attribuido eſte ſen-

ſentimento naõ ſó por muitos Theologos, que o ſeguem, mas tambem por muitos outros, que rejeitaõ eſte parecer do S. Doutor, como rigoroſo. Deſejo pois outra vez, que ſe me permitta dizer tambem aqui o meu fraco parecer com toda a veneraçaõ, que he devida a taõ grandes homens. Portanto parece-me que para entender bem o ſentimento do Angelico Doutor, he neceſſario uſar de huma diſtinçaõ: A qual he: Começa eſta obrigaçaõ debaixo de culpa grave deſde o primeiro uſo da razaõ no menino, que *naõ tem a charidade*, por ſe achar ainda com o peccado original, *concedo*: porem no menino *baptiſado*, e que tem a charidade, que lhe foi infundida, e a conſerva, *nego*. Eſta reſoluçaõ naſce do meſmo titulo da queſtaõ, que he agitada por S. Thomaz no lugar, que ſe allega a favor deſte ſeu ſentimento: *Se por ventura*, diz elle (*a*), *o peccado venial ſe pode dar em alguem tamſómente como peccado original?* O Santo Doutor reſolve, ſegundo coſtuma, com a negativa, fundado neſte ſolido raciocinio. „ Antes que o menino chegue ao uſo da „ razaõ, diz elle (*b*), naõ pecca nem venial- „ mente, nem mortalmente. Porem chegando „ á idade de peccar, a primeira couſa, em que „ deve cuidar, he na eſcolha do fim, a que de- „ ve dirigir todas as ſuas acçoens futuras. E „ aſſim ſe elle entaõ eſcolhe o verdadeiro fim „ que

(*a*) 1. 2. q. 89. art. 6. *Utrum peccatum veniale poſſit eſſe in aliquo cum ſolo peccato originali.*

(*b*) Ib. *Si quidem ſe ordinaverit ad debitum finem, per gratiam conſequetur remiſſionem originalis peccati. Si vero non ordinet ſeipſum ad debitum finem, ſecundum quod in illa ætate eſt capax diſcretionis, peccabit mortaliter.*

„ que he Deos, Deos lhe dará a graça para „ conſeguir a remiſſaõ do peccado original. Se „ naõ obrar aſſim, ſegundo a ſua capacidade, „ e naõ ſe dirigir ao devido fim, peccará mor- „ talmente. „ Pelo que tranſportar aquillo, que o Santo Doutor enſina a reſpeito do menino, que ſe acha ainda no peccado original, para o menino, que he baptiſado, e eſtá livre do peccado original, he fazer-lhe dizer o que elle naõ diz: por quanto o menino baptiſado tem já a charidade infuſa, e poriſſo ſe acha já dirigido ao ſeu ultimo fim. E he hum principio eſte, que o S. Doutor em toda a parte, e conſtantemente inculca, a ſaber (a): *He certo*, diz elle, *que aquelle, que tem a charidade, ſe dirigio, e todas as ſuas couſas a Deos, a quem ſe acha unido, como ao ſeu ultimo fim.* A' viſta diſto he certo, que tambem no menino baptiſado principia, deſde o primeiro uſo da razaõ, a obrigaçaõ de ſe referir e todas as ſuas acçoens a Deos ſeu ultimo fim; porem como elle ja tem a direcçaõ e relaçaõ habitual, a qual baſta para o livrar de peccado mortal, como acima ſe diſſe, porque tem a charidade; poriſſo naõ tem obrigaçaõ grave de produzir hum acto expreſſo de direcçaõ para Deos, nem a omiſſaõ deſte acto expreſſo he nelle mortal. Por eſſa razaõ baſta, que elle deſde aquelle ponto ſe deixe conduzir pelo habito da charidade, naõ obrando couſa alguma, que ſeja deſtructiva daquella relaçaõ e direcçaõ, que nelle já ſe acha, co-

(a) Quæſt. 2. de malo art. 5. ad 2. *Conſtat, quod ille, qui habet charitatem, ſe & omnia ſua ordinavit in Deum, cui inhæret, ut ultimo fini.*

como seria, se elle cõmettesse alguma especial culpa grave, como diz o mesmo S. Doutor (*a*). Espero que haja de ser grata esta minha observaçaõ, a qual tende, naõ só a purgar o Angelico Doutor da imputaçaõ de hum sentimento, que seria demasiadamente severo; mas tambem a tirar as anxiedades, que hum tal sentimento, se se espalhasse pelo povo, poderia causar aos fieis.

§. XX.

Resolve-se a questaõ, dè quando ha obrigaçaõ dos actos das virtudes Theologaes debaixo de culpa grave.

ESTABELECIDOS, e com bastante solidez fundamentados os principios até aqui expostos, parece agora mais que nunca facil o resolver a questaõ taõ intrincada, e que até ao presente tem posto em suspensaõ, e em contrariedade os Theologos; a saber, qual he a frequencia dos actos das virtudes Theologaes, a que estaõ obrigados os Christãos por preceito divino. Para isto basta distinguir duas sortes de Christãos: huns tementes a Deos, e que de ordinario vivem na sua graça: outros pouco dignos deste nome, e que vivem de ordinario em peccado mortal. E assim se todos os actos do culto *verdadeiramente christaõ*, e da justiça christãa saõ verdadeiros actos das virtudes Theologaes, e se alem disso he hum exercicio proprio daquellas mesmas virtudes o referir todas as acçoens

a

(*a*) Ib. *Nisi impediatur per aliquam inordinationem actus, qui non sit referibilis in Deum.*

a Deos, bem ſe vê á primeira viſta o que ſe deve dizer, tanto dos bons Chriſtãos, como dos que ſaõ máos.

Em quanto aos bons, eu naõ vejo qual ſeja a razaõ porque ſe devaõ inquietar as ſuas conſciencias, ſuſcitando-lhes duvidas ſobre o cumprimento deſte preceito. Porque 1.º o culto que daõ a Deos he chriſtaõ e frequente: pois elles fazem oraçaõ todos os dias, e rezaõ o Symbolo, e a oraçaõ Dominical: ora, ſegundo S. Agoſtinho, o Symbolo he formula expreſſa da fé, e a oraçaõ Dominical tambem he formula expreſſa da eſperança e charidade: *Tens o Symbolo*, diz elle, *e a oraçaõ Dominical... Neſtas duas couſas bem vês que ſe achaõ aquellas tres couſas*, (a ſaber, a fé, a eſperança, e a charidade). *A fé crê, a eſperança e a charidade oraõ. Porem eſta e aquella naõ pódem eſtar ſem a fé, e poriſſo tambem a fé ora* (a). Aſſiſtem alem diſſo os bons Chriſtãos naõ ſó nos Domingos, mas nos dias de feſta pelo menos, aos divinos myſterios: ouvem piamente a palavra de Deos, meditaõ-na, lem-na, e fallaõ della: participaõ devotamente dos Sacramentos: adoraõ a Euchariſtia, veneraõ as ſagradas imagens, reſpeitaõ as peſſoas, os lugares, e as couſas conſagradas ao culto divino: 2.º A ſua juſtiça he chriſtãa, porque guardaõ os Mandamentos com hum coraçaõ filial: rebatem os ardentes dardos do maligno com o eſcudo da fé, com o capacete da eſperança, e com a coiraça da charidade: reprimem

(a) Enchirid. c. 7. *Ecce tibi eſt Symbolum, & Dominica oratio... In his duobus illa tria intuere (ſcilicet fidem, ſpem, & charitatem). Fides credit, ſpes, & charitas orant. Sed ſine fide eſſe non poſſunt, ac per hoc & fides orat.*

os movimentos da concupiſcencia e da ira: perdoaõ as injurias: daõ eſmolas: ſupportaõ com paciencia os trabalhos: fechaõ os olhos aos objectos perigoſos do mundo, e os ouvidos aos ſeus diſcurſos, ás ſuas maximas, aos ſeus convites, ás ſuas ameaças: 3.º Referem a Deos as ſuas occupaçoens, que ſaõ de ordinario virtuoſas, empregando-ſe nas obrigaçoens do ſeu eſtado, para fazerem a vontade de Deos: comem, bebem, dormem, e recreaõ-ſe com ſobriedade, e com hum fim virtuoſo. Que perigo pois ha que eſte exercicio da ſua fé, eſperança, e charidade naõ ſeja baſtantemente frequente, para ſe naõ fazerem réos de culpa grave?

A duvida pois que reſta he acerca dos Chriſtãos deſordenados, que vivem na deſgraça de Deos. Porem ainda a reſpeito deſtes he facil a reſoluçaõ. Porquanto:

1.º He certo que faltaõ gravemente á obrigaçaõ de exercerem a charidade, todas as vezes que cedem á tençaõ de modo que cómettaõ qualquer peccado mortal, como de odio, furto &c. Pois he certo, pelo que fica acima dito, que o preceito da charidade obriga a referir a Deos todas as couſas, ao menos com huma relaçaõ, e direçaõ habitual. Veja-ſe a paſſagem de S. Thomaz citada no §. XVI (a). Ora eſta relaçaõ, como alli ſe diſſe, he tirada pelo peccado mortal. Veja-ſe tambem o Capitulo 68 do Enchiridio. E poriſſo faltaõ igualmente á obrigaçaõ do exercicio da fé, e da eſperança; e poriſſo he celebre o dito de S. Agoſtinho, que os pecados mortaes ſaõ aquelles, os quais *naõ faz o Chriſtaõ*

(a) 1. 2. q. 88. art. 1. ad 2.

ſtaõ de boa fé, e de boa eſperança (a). Veja-ſe o que já diſſemos acima, eſpecialmente nos §§. IX. X. e XI.

2.° E ainda ſuppondo que o peccador, conſtituído na deſgraça de Deos, paſſe *hum tempo conſideravel* ſem cõmetter expreſſamente algum novo peccado mortal contra algum preceito particular; ainda aſſim meſmo he certo que falta á obrigaçaõ geral da charidade, que o obriga a naõ dilatar a ſua converſaõ para Deos, e a reſtabelecer a ſua direçaõ eſſencial para o ultimo fim, caſo que ſe naõ converta e reſtabeleça a direçaõ eſſencial, ou ao menos naõ procure converter-ſe, e reſtabelecer-ſe na direçaõ eſſencial para Deos. Niſto concordaõ todos os Theologos; bem que ainda neſte ponto importantiſſimo, como he de coſtume, ſe ſuſcitem diſputas ſem fim para ſe determinar, que tempo he o que ſe deva chamar *conſideravel*, a fim de obrigar debaixo de *culpa grave*.

Para proceder-mos com a clareza poſſivel, e exactidaõ neceſſaria, devemos advertir que huma couſa he o juſtificar-ſe o peccador naõ ſó com a dor e arrependimento do peccado, mas tambem com a confiſſaõ; outra he o juſtificar-ſe ſó com a contriçaõ perfeita, e com o propoſito de ſe confeſſar: e emfim outra couſa he o depor o affecto ao peccado mortal, iſto he, a vontade de perſeverar nelle, e procurar diſpor-ſe para huma dor efficaz, e por eſſe meio para huma boa confiſſaõ.

S. Thomaz ſeguido pelo cõmum dos Theo-

(a) S. Aug. Serm. 181. n. ult. *Non facit bonæ fidei & bonæ ſpei Chriſtianus.*

logos, he de parecer (a) que *ſuppondo o peccador já juſtificado com a contriçaõ perfeita, e com o propoſito de confeſſar-ſe, encerrado na contriçaõ*, elle comtudo eſtá obrigado effectivamente a confeſſar-ſe *logo*, iſto he, aſſim que póde; mas que póde deferir iſſo até ao tempo em que o preceito Eccleſiaſtico obriga á confiſſaõ annual. Porem a S. Boaventura parece-lhe eſte tempo demaſiadamente tardio (b): *Porquanto*, diz elle, *naõ parece eſtar verdadeiramente contrito aquelle, que traz por tanto tempo a ferida do pecado occulta. Deſtes pois geralmente dizer, que pódem deferir iſſo até á Paſcoa, he couſa perigoſa.* Porem eſta queſtaõ he mais metafiſica, do que pratica; pois, como vimos, o Doutor Angelico ſuppõe por outra parte, que o peccador ſe acha já juſtificado com a contriçaõ. Poriſſo por huma parte ſerá difficultoſo encontrar hum peccador de tal fórte contrito, iſto he, deſpedaçado, e quebrado com a dor das ſuas culpas, que poſſa eſtar moralmente certo de haver entrado na graça de Deos, o qual ao meſmo tempo, viſta a copia de confeſſores que hoje ha, queira eſperar até á Paſcoa para ſe confeſſar: e por outra parte S. Thomaz, poriſſo meſmo que he muito incerto o conhecer a verdadeira contriçaõ, aconſelha, ſegundo affirma S. Antonino, que ſe naõ deva deferir a confiſſaõ. „ *Acreſcenta* „ *S. Thomaz*, diz S. Antonino (c), que poſto-

„ que

(a) In 4. Sent. diſt. 17. q. 3. art. 1.

(b) *Non enim videtur vere contritus, qui tam longo tempore peccati vulnus portat occultum. De his igitur generaliter aſſerere, quod poſſunt uſque ad Paſcha differre, videtur periculoſum.*

(c) 3. part. l. 14. c. 18. §. 2. *Addit Thomas, quod quamvis non teneatur quis ſtatim confiteri ex neceſſitate, bonum eſt tamen & conſulendum non differre: & præcipue quia quamvis doleat de peccato, neſcit tamen ſi eſt dolor ſufficiens ad contritionem.*

„ que hum naõ esteja obrigado a confessar-se „ logo por necessidade, comtudo he bom, e se „ deve aconselhar o naõ deferi-lo: e muito „ principalmente *porque*, posto que tenha pesar „ do peccado, *comtudo naõ sabe se a dor he suffi-* „ *ciente para a contriçaõ*. „

Pelo que toca á obrigaçaõ de procurar *logo* a justificaçaõ ao menos com a contriçaõ, e proposito de confessar-se a seu tempo, S. Thomaz diz claramente, que isso he fóra de toda a duvida. „ *He cousa clara*, diz elle (*b*), *que nem* „ *ainda por hum pequeno espaço de tempo* he lici- „ to demorar-se no peccado; e porisso qual- „ quer tem obrigaçaõ de deixar *logo* o peccado, „ segundo aquelle dito do Ecclesiastico, 21: *Foge* „ *do peccado como da vista da cobra*. „ Este he tambem o parecer de S. Antonino, de S. Boaventura, de Alexandre de Hales, de Guilherme Parisiense, e de outros celebres antigos, e igualmente de muitos modernos, muito doutos, nos quais entra o Cardenas Probabilista moderado. Comtudo muitos ha, que olhaõ este sentimento como riguroso, e porisso saõ de differentes pareceres em determinarem o tempo, em que insta a obrigaçaõ de justificar-se.

Naõ toca a este lugar o decidir quem he que tem razaõ, mas sim o de estabelecer huma decisaõ, a qual, ao meu parecer, ninguem com razaõ poderá rejeitar. Portanto julgo que se devem primeiro explicar bem os termos *logo* (*statim*) e o termo *contriçaõ* (*conteri*). Pela pa-

(*a*) *Manifestum est, quod nec per modicum tempus licet in peccato morari; sed quilibet tenetur peccatum statim deserere, secundum illud Ecclesiastici*, 21: Quasi a facie colubri fuge peccatum.

palava *logo* (*ſtatim*) pode-ſe entender hum *logo fiſico*, iſto he, aquelle primeiro inſtante, immediato ao cõmetter o peccado, e tambem ſe póde entender hum *logo moral*, iſto he, hum tempo breve. Pelo que aſſim como a obrigaçaõ de pagar huma divida grave começa logo desde o ponto fiſico do tempo, em que a divida começa a ſer verdadeira divida, porem naõ ſe falta gravemente a eſta obrigaçaõ, ſenaõ quando a dilaçaõ principia a ſer notavel, e poriſſo tem acabado o *logo moral*; do meſmo modo a obrigaçaõ de ſe converter a Deos começa ſem duvida do ponto fiſico, em que ſe peccou, porem naõ ſe falta gravemente a eſſa obrigaçaõ, ſenaõ quando a dilaçaõ começa a ſer notavel, e poriſſo tem expirado o *logo moral*. Eſte he em ſubſtancia o parecer dos melhores modernos: e iſto baſta para tirar o inconveniente, que ſe ſuſcita por huma multiplicaçaõ infinita de peccados mortaes, tomando o *logo* (*ſtatim*) por hum momento e inſtante fiſico. A dilaçaõ naõ he peccado grave, ſenaõ quando he notavel: e ſe for grande e enorme, naõ ſeraõ, como adverte Sôto, os peccados innumeraveis, mas ſerá ſim hum ſó peccado grave, e enorme. *O ter contriçaõ* (*conteri*) tambem ſe póde tomar de dois modos. Póde-ſe tomar por huma *contriçaõ principiada*, que ſeja ſufficiente para tirar o affecto ao peccado, e pôr no coraçaõ do peccador hum deſejo ſincero de ſe converter a Deos, pelo qual o peccador, poſtoque ainda naõ tenha as forças ſufficientes para vencer o máo habito, para largar as amizades nocivas, para ſe deſembaraçar das occaſioens, e para amar o inimigo; comtudo pede a Deos, por meio de oraçoens

çoens, eſtas forças, e cuida em conſegui-las por via das mortificaçoens, das eſmolas, e de outros exercicios de piedade, com os quais *ſe vai preparando para a juſtiça:* e tambem ſe póde tomar por huma *contriçaõ completa*, a qual o conſtitue effectivamente na juſtiça. Direi pois que naõ obriga o preceito da charidade a recuperar logo a juſtiça, iſto he, a ter aquella contriçaõ perfeita, nem ainda no *logo moral*, quero dizer, dentro de poucos dias. Porquanto poder-ſe-ha dizer, que ſe póde ſempre ter huma tal contriçaõ? Naõ diz a Eſcritura, que *os máos difficultoſamente ſe corrigem?* (a) Naõ diz o Catheciſmo Romano que *muito poucos* chegaõ a têla? Naõ he o proceder ordinario da graça o converter os peccadores pouco a pouco? Naõ he prova diſto meſmo a pratica dos mais floreſcentes ſeculos da Igreja, nos quais naõ ſe reconciliavaõ os peccadores, ſenaõ depois de dilatados exercicios de penitencia? Porem que ſe naõ deva *logo moralmente começar ao menos a converſaõ*, apartando o coraçaõ do affecto do peccado, procurando com os exercicios da penitencia chriſtãa, e eſpecialmente com a oraçaõ, diſpôr-ſe para ter huma compunçaõ ſufficiente ao menos com a confiſſaõ, a fim de recuperar a graça divina; iſſo parece-me hum erro expreſſo contra a doutrina clara, e conſtante das Eſcrituras divinas, e dos Padres. *Foje o peccado, como quem foje da viſta da cobra*, he a paſſagem ja allegada por S. Thomaz. Porventura as cobras conſervaõ-ſe no ſeio, ou botaõ-ſe logo fóra com aſco, e horror? *Naõ dilates, converte-te para o Se-*

(a) Eccleſiaſtic. 1. v. 15. *Perverſi difficile corriguntur.*

Senhor, nem vás deferindo de dia em dia, he ainda mais terminante e expreſſo. Semelhante a eſta paſſagem he a do Salmo, que diz: *Se ouvires hoje a voz do Senhor, naõ queiras endurecer o teu coraçaõ.* Como tambem o outro lugar do Salmo: *Filhos dos homens, atè quando tereis o coraçaõ gravado... Irai-vos, e naõ pequeis. Repaſſai em ſocego o que haveis obrado, e compungi-vos. Offerecei ao Senhor Sacrificios de juſtiça*: ao que he ſemelhante: *O ſacrificio para Deos, he hum eſpirito atribulado*: e S. Paulo fazendo o comento diſto, diz (*a*): *Eu pois vos advirto, e vos eſconjuro pelo Senhor, que naõ vivais mais como os Gentios, que ſeguem a vaidade dos ſeus penſamentos; que tem o entendimento cheio de trevas, que eſtaõ inteiramente alienados da vida de Deos... Renovai-vos no interior da voſſa alma, e reveſtivos do homem novo... Se vos irardes, ſeja ſem peccar: e naõ ſe ponha o Sol ſobre a voſſa ira: naõ deis lugar ao diabo* (*b*). *Poriſſo ſe diz; Levantate, tu, que dormes, e ſahe d'entre os mortos.* Finalmente a que ſe encaminha, ſe naõ a iſto, a vigilancia chriſtãa taõ recõmendada no Evangelho, como ſe vê em S. Mattheus (*c*): *Vigiai, pois naõ ſabeis em que hora ha de vir o voſſo Senhor? ... e poriſſo eſtai aparelhados.*

Naõ ſaõ menos fortes as paſſagens dos Padres. Ouçamos S. Joaõ Chryſoſtomo (*d*): *O cahir naõ he taõ grave*, diz elle, *como depois de cahir deixar-ſe jazer, e naõ ſe levantar; como, eſtando voluntariamente apegado ao mal, encobrir a frou-*

xi-

(*a*) Ad Eph. c. 4. (*b*) Ib. c. 5. (*c*) Cap. 24.
(*d*) Paræn. ad Theod. Lapſ. n. 6. *Non enim cecidiſſe grave eſt, ſed lapſum jacere; nec reſurgere: ſed malis ultro hærentem, & torpentem deſperatis cogitationibus propoſiti imbecillitatem tegere.*

xidaõ do propoſito com conſideraçoens de deſalento e de deſeſperaçaõ. E em outro lugar diz aſſim (*a*): *O cahir naõ he o que ha de mais grave na peleja, mas ſim o deixar-ſe ficar cahido: naõ he taõ pernicioſo o ſer ferido, como depois de receber a ferida deſampara-la, e naõ fazer caſo da chaga.* E na Hom. ſobre S. Mattheus (*b*) diz aſſim: *Quando tens offendido alguem metes por interceſſores os amigos, os viſinhos, os familiares, fazes gaſtos, conſomes dias em frequencias e ſupplicas: e poſtoque huma, duas, e ſeiſcentas vezes ſejas repelido por aquelle, que offendeſte, comtudo naõ deſmaias, antes mais deſvelado reduplicas as ſupplicas. Quando porem Deos, o Senhor de todas as couſas, he offendido, ficamos indifferentes, naõ fazemos caſo diſſo, vivemos nos prazeres, embebedamo-nos, e fazemos o mais que tinhamos por coſtume: e quando he que o poderemos aplacar? E naõ advertimos que deſſe modo mais o irritamos? Porquanto o que provoca mais a ira e indignaçaõ, naõ he tanto o peccado, como o naõ ter pezar, e arrependimento do peccado.* Vejaõ-ſe tambem as paſſagens que traz o Concina (*c*): como tambem Natal Alexandre (*d*).

(*a*) Parænes. 2. n. 1. *Non eſt grave certantem cadere, ſed in lapſu manere: non eſt perniciosum vulnerari, ſed poſt inflictum vulnus deſperare, & plagam negligere.*

(*b*) Hom. 14. n. 4. *Tu, cum hominem offenderis, amicos, vicinos, et oſtiarios rogas, pecunias expendis, dies inſumis in accedendo et ſupplicando: etiamſi ſemel, bis, ſexcentieſque ab offenſo repulſam tuleris, non concidis, ſed magis ſollicitus ſupplicationes adauges. Cum vero univerſorum Deus offenſus eſt, oſcitamus, negligimus, deliciamur, inebriamur, et pro ſolito more omnia facimus: et quandonam illum placare poterimus? quomodo non eo ipſo magis irritemus? Non dolere enim de peccato magis ad indignationem, et iram ipſum provocat, quam ipſum peccatum.*

(*c*) Tit. 1. Diſſ. 4. de Char. c. 10. §. 2. n. 18. & 21.

(*d*) L. 3. de peccat. c. 12. art. 3. Reg. 7.

§. XXI.

Em todos os Domingos e dias festivos tem obrigaçaõ o peccador de depor o affecto ao peccado motal, e principiar ao menos a sua converſaõ.

O *Logo moral*, de que acima fallamos, ſe acha determinado por Deos em todos os Domingos, e dias de feſta, que a Igreja acreſcentou. Pois he certo que o pecador, como tambem o juſto, eſtaõ obrigados *debaixo de peccado grave* a ſantificarem os Domingos, e dias de feſta. Ora he tambem certo que o peccador os naõ póde ſantificar ſem depôr o affecto ao peccado mortal, e começar ao menos a amar a Deos, como fonte de toda a juſtiça. Naõ póde pois o peccador dilatar mais que até ao Domingo, ou Feſtividade, que ſe ſeguir ao ſeu pecado, o principio da ſua converſaõ.

Digo que he certo naõ ſe poderem ſantificar pelo peccador os Domingos, e dias de feſta, ſem depôr o affecto do peccado, e começar ao menos a ſua converſaõ com hum principio de amor de Deos: Porquanto, poſtoque eu bem ſaiba, que ha Caſuiſtas, que naõ fundaõ as ſuas reſoluçoens nem na divina Eſcritura, nem na Tradiçaõ, e poriſſo reſolvem differentemente; comtudo devemos antepôr aos diſcurſos humanos a authoridade divina, e preferir a verdade, enſinada em os documentos celeſtes, ás ideas falſas, que devem a ſua origem á impreſſaõ dos abuſos.

Merece ſem duvida ſer lido neſta materia Natal Alexandre (a), pois no lugar, que eu

(a) L. 4. de Decal. c. 5. art. 1 & 2, & art. 6. Reg. 5. 9, & in Epiſt. 78, alias 53.

cito, enſina, como grande Theologo que he, tudo o que eu pertendo, e o eſtabelece com os mais bellos textos da Eſcritura e dos Padres; os quais, para me naõ dilatar aqui, poderá o Leitor hir alli procurar. Iſto naõ obſtante para contentar o Leitor trasladarei aqui a ſubſtancia.

1.° He certo que as Feſtas celebradas pelos Hebreos naõ eraõ agradaveis a Deos, antes lhe eraõ abominaveis: e do meſmo modo o eraõ os ſacrificios, e as ceremonias ſagradas, com que os Hebreos celebravaõ as Feſtas. Iſto ſe acha exprimido com muita força em Iſaias, Jeremias, Amós, e Malachias. Iſaias principia deſte modo (a): *Ouvi a palavra do Senhor, ó Principes dos Sodomitas: eſcutai, ó povo de Gomorra, a lei do noſſo Deos.* Como ſe diſſeſſe: Entendeio de huma vez bem Chefes do povo, e vós todos os do povo: vós poſtoque ſejaes o povo de Deos, ſois comtudo pela voſſa obſtinaçaõ no peccado, como outro povo de Sodoma e de Gomorra; ſois hum povo amaldiçoado de Deos, e que naõ póde eſperar outra couſa mais, do que hum total exterminio. Capacitai-vos por huma vez bem do verdadeiro ſentido da Lei divina, na qual vos he mandada a obſervancia das Feſtas, e nellas a celebraçaõ dos Sacrificios, e das ſantas ceremonias. Eſte principio he forte: vejamos a continuaçaõ: „ *Naõ offereçais mais* o Sacrificio de balde: o voſſo incenſo he para mim *huma abominaçaõ.* Naõ tolerarei mais a Neomenia e o Sabbado, e as mais feſtividades: os voſſos congreſſos ſaõ *iniquos.* A minha alma *deteſta* as voſſas calendas &c.

„ (a) „

(a) Cap. 1. v. 10. *Audite verbum Domini, Principes Sodomorum: percipite auribus legem Dei noſtri, populus Gomorrhæ.*

„ (*a*). „ Do meſmo modo fallaõ Jeremias (*b*), Amós (*c*), e Malachias (*d*).

Ora he certo que aquellas feſtas e ſacrificios, naõ por outra razaõ eraõ abominaveis a Deos, ſenaõ porque os Hebreos celebravaõ aquellas feſtas, e ſacrificios em peccado mortal, e ſem alguma deteſtaçaõ delle, e ſem deſejo de honrarem a Deos do coraçaõ. Iſto he o que declaraõ aquelles Santos Profetas com huma clareza tal, que naõ admitte duvida alguma. Eisaqui a razaõ que allega Iſaias (*e*): *As voſſas máos eſtaõ cheias de ſangue. Lavai-vos, e purificai-vos: apartai dos meus olhos a maldade dos voſſos penſamentos: ceſſai de obrar perverſamente: aprendei a obrar e fazer o bem.* Veja-ſe mais o meſmo Iſaias em outro lugar (*f*): como tambem Jeremias (*g*): Amós (*h*), e Malachias (*i*).

E aſſim deve-ſe ter por couſa certa, que os dias feſtivos celebrados pelos máos Chriſtãos, que ſe achaõ naõ ſó em peccado mortal, mas que tem a vontade de continuarem no meſmo peccado, ſaõ abominaveis diante de Deos. E poriſſo tem obrigaçaõ de os ſantificarem, ao menos principiando a ſua converſaõ.

2.º As feſtas naõ ſe pódem ſantificar ſem aſſiſtir á Miſſa *como convem*. Aſſiſtir a ella com o corpo, e ainda meſmo com huma attençaõ ma-

---

(*a*) *Ne offeratis ultra ſacrificium fruſtra; incenſum abominatio eſt mihi: Neomenia, et Sabbatum, et feſtivitates alias non feram: iniqui ſunt cœtus veſtri. Calendas veſtras odivit anima mea.*

(*b*) C. 6. & 7. (*c*) Cap. 5. (*d*) Cap. 2.

(*e*) *Manus enim veſtræ ſanguine plenæ ſunt. Lavamini, mundi eſtote: auferte malum cogitationum veſtrarum ab oculis meis: quieſcite agere perverſe: diſcite beneſacere.*

(*f*) C. 58. v. 13. 14. (*g*) Cap. 7. (*h*) C. 5. v. 14. 15. 21. e ſeg. (*i*) C. 2. v. 1. e ſeg.